127

O Oriente : : Português

Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.
Lus. C. III, Est. III.

N.º 23

1939

Tipografia Rangel
Bastorá

Comissão Permanente de Arqueologia

Presidente:—Desembargador A. B. de Bragança Pereira.

Vogais:—Chefe da Repartição Técnica dos Serviços de Obras Públicas e Agrimensura—Chefe do Estado Maior—João Baptista Amâncio Gracias, Director dos Serviços de Fazenda, aposentado — Panduranga Sacarama Sinai Pissurlencar, Arquivista do Cartório do Govêrno Geral do Estado da India — João Jerónimo Lobo de Quadros, Secretário do Conselho do Govêrno—Engenheiro Janardana Upindra Naique Countó.

Secretário:—Ricardo Michael Telles

SUMÁRIO

Inscrições e epitáfios nas igrejas de Bombaim—por *Amâncio Gracias.*

Indice Alfabético do "O Oriente Português" 1917—1920 e 1931—1938—por *Ricardo Michael Telles.*

Relatório da visita de inspecção à Fortaleza de Rachol—por *Major Ruy de Menezes e Ricardo Michael Telles.*

Os Milagristas—por *Nicolau João J. de Menezes.*

As Minas de Ouro de Manica—por *A. Delduque da Costa.*

Cartas de Mercê a um Astrólogo de Pondá—por *P. Pissurlencar.*

Templos levantados em Goa por Afonso de Albuquerque—por *A. B. de Bragança Pereira.*

O preço da assinatura anual é de:

Para a India ... ... 4 rupias
Este número custa ... ... 1½ „

Nuno Cunsalves

Inscrições e epitáfios nas igrejas de Bombaim

Em 1892 copiei com muito trabalho — pois as respectivas letras já então estavam pouco legíveis — 49 inscrições e epitáfios que existiam na antiga igreja de Nossa Senhora da Glória, de Mazagão, ao tempo a segunda catedral da hoje extinta diocese de Damão.

Dentre elas sairam 42 nos vols. I e II do antigo *Oriente Português* (1904 e 1905), tendo ficado as restantes 7 confundidas no *mare magnum* da minha papelada sôbre cousas d'antanho. Só há poucos dias as achei e, como se referem a pessoas importantes e mesmo para completar a série, vão elas hoje vêr a luz da publicidade.

A referida igreja foi demolida há mais dum quarto de século construindo-se outra, mais elegante e vasta, sob a mesma invocação, em Byculla, cujo vigário é hoje o nosso ilustre conterrâneo, Monsenhor Aniceto Pereira.

Para êsse novo templo deviam ser transferidas tôdas as referidas 49 lousas, mas fôram-no apenas 9, segundo me informa obsequiosamente o mesmo Monsenhor em carta de 11 de Outubro p. f., nos seguintes confrangedores termos:

"*As poucas lousas existentes nesta Igreja, nove ao todo, transferidas da antiga Igreja de N. S. da Gloria, Mazagão, provavelmente em Junho de 1913 ou pouco antes, quando esta Igreja foi aberta ao culto publico, estão todas gastas, o chumbo de letras desaparecido, as letras obstruidas de poeira e as inscrições ilegiveis. Para satisfazer o pedido do Amigo mandei desobstrui-las, pintar as letras e copiar as inscrições do melhor modo que eu podia .... Duas lousas estão inteiramente gastas, nem uma letra de inscrição existe. São simplesmente duas pedras rasas.*"

As 7 inscripções que ficaram por publicar em continuação da que sob o n.º XLII saiu a pag. 217 do II vol. do *Or. Port.* de 1905, são:

XLIII

Cobre
Esta fria Campa
Os restos mortaes
de
Anna Joaquina
Amada esposa
de
Gemeniano de Souza
Conscia da morte, resignada
Na vontade do Creador
Falleceu aos 18 de maio de 1864
Da idade de 30 anos, 6 mezes e 15 dias
Deixando o seu esposo e S. Filhos
Para lamentar a sua
Irreparavel perda
P. N. e A. M.

XLIV

Repousam neste jazigo
Os mortais despojos
de
Rogerio de Faria
Cavalleiro da Ordem de Christo e negociante
Portuguez em Bombaim
Outrora Director da Feitoria Portugueza
Em Surrate
E Consul Geral do Império do Brazil
na India
Nasceu em Goa sua patria
Aos 14 de Outubro de 1770
Falleceu em Bombaim
Aos 13 de Março de 1848

Os relevantes serviços
Que prestou ás Nações Portugueza e Brazileira
Nos importantes cargos que occupou
A honra e probidade em suas relações
Commerciais
A hospitalidade e franqueza com que acolhia
Nacionais e Estrangeiros
A philantropia e beneficencia com que
Tratava os desvelados
Tornando o seu nome geralmente conhecido
Lhe grangearão
Estima, consideração e respeito

A desconsolada familia mandou pôr

Esta lapida

A' sua saudosa memoria

Requiescat in pace—Amen.

P. N. e A. M.

Obs.—*Sir Rogerio de Faria* era personagem de grande relêvo em Bombaim. O erudito polígrafo Cunha Rivara, no artigo "Jornadas ás praças do Norte em 1859," publicado no *Instituto Vasco da Gama*, vol. I, p. 247, fala dele nos seguintes termos a propósito da visita que fês nesse ano ao conhecido filântropo parse *Sir Jamsetji Jijiboy*: "O muitas vezes milionário Jamsetji Jegiboy fôra no princípio deste seculo simples escrevente do então possante comerciante Rogerio de Faria, goano estabelecido em Bombaim.........A sua memoria ainda hoje, tantos anos depois de sua morte, é mui respeitada em Bombaim, não só das classes portugueza e parse, mas ainda da ingleza. Tendo recebido d'El-Rei de Portugal a condecoração do habito da Ordem de Christo, valeu-lhe ela o tratamento de *Sir Roger*, mesmo na sociedade ingleza."

XLV

Pousão

N'esta mansão

Os perecedouros restos da

Ultima filha de Rogerio de Faria

E bem amada esposa de

Luis Caetano de Menezes

Fallecida aos 18 de Maio de 1855

Com 34 annos de edade

Meiga, docil e amoroza

Modelo das virtudes domesticas;

Simbolo da mimosa flor do seu nome;

Se, derrubada por traidor vendaval,

Ao florir da vida, volveu precoce

Ao seio do seu creador

Eterna viverá

Na saudosa recordação

Do estremoso consorte

Desolados filhos

E parentes

De quem era delicias.

Dulcissimæ Conjugi et sibi forsan

Hoc monumentum

Move ponere curavit

Consors infelicissimus

Lux perpetua luceat ei. Amen

Obs.—*Luis Caetano de Meneses* representou importante papel nos acontecimentos de 1835 ou nos tempos do *perismo*. Era um político hábil e escrevia tanto em português, como em inglês com muita facilidade e incisão. Redigiu a célebre *Carta a Tulio* e colaborou na "Refutação analítica do manifesto do govêrno intruzo em Goa." Foi também redactor dos jornais: *Abelha de Bombaim*, *O Investigador portugues*, *O Pregoeiro da liberdade* e *O Observador*. Morreu em 1863.

XLVI

In affectionate remembrancê
of
Maria Dorothea
The dearly beloved child
of
Anna Maria
and
Philippe Lourenço de Lemos
Died on the 9th. march 1867.
But Jesus calling them together said
Suffer children to come to me
and forbid them not
for of such is the Kingdom of God.

XLVII

Repousam aqui os restos mortaes
de
D. Margarida Conceição de Faria
filha do muito conhecido e respeitado
Rogerio de Faria
E senhora virtuosissima
Que exerceu largamente a caridade
Recebeu com generosa e desinteressada
hospitalidade e inolvidavel patriotismo
Todos os portugueses que passaram n'esta
Cidade de Portugal para Goa ou vice-versa
E finalmente para todos os seus parentes
e relações, e maternal protectora para todos
os estudantes portuguezes distanciados de suas
familias, havendo porisso sempre gozado de
affectuosa veneração e cordial reconhecimento
de todos
Fallecida em 26 de Setembro de 1889.

Obs.—Era a única filha solteira que sobrevivera ao seu pai Sir Rogério de Faria, cuja grande fortuna herdou por ter também falecido o seu único irmão João Xavier de Faria. Era muito hospitaleira e durante longos anos as suas irmãs casadas com os respectivos maridos e filhos jantavam sempre, aos domingos, no seu palacete de Mazagão.

Protegia muito os goeses, sobretudo os estudantes, tanto os naturais, como os descendentes. Ao tempo não havia bons hoteis em Bombaim e porisso todos os governadores gerais dêste Estado e outros altos funcionarios portugueses que passassem por Bombaim de caminho para Goa ou que daqui fôssem para aí a fim de tomarem o paquete para a Europa, hospedavam-se nesse palacete, mostrando-se todos encantados com o carinhoso e galhardo acolhimento que lhes dava aquela senhora. O Infante D. Augusto ali se alojou. Era igualmente muito caritativa.

Por sua morte, o palacete, com todo o recheio (móveis, quadros, pratas, cristais, etc.) passou para o seu sobrinho José Filipe de Menezes.

Dos capitais e apólices que possuia, legou a maior parte às suas 2 sobrinhas (Misses Menezes) e o resto em partes iguais aos seus 10 afilhados (sobrinhas e sobrinhos). O dito José Felipe e suas 2 irmãs D. Leonor e D. Líbia criaram-se e educaram-se depois da morte da mãi no palacete de D. Margarida. Fôram estes os esclarecimentos que me deu em 1895 o finado Comendador Miguel Rozario de Quadros.

XLVIII

Neste Monumento
Dormem em paz e remanso
Os mortais despojos de
Caetano Bautista do Rozario
Fallecido aos 19 de Março de 1855
Com 56 annos de edade.

Oriundo de Goa sua patria
Onde se formára em medicina
Transferiu a sua residencia para esta
Cidade de Bombaim
E exercendo n'ella a mesma profissão
Pelo longo espaço de 25 annos
Com habilidade, acerto e prudencia
Alcançou numerosa freguezia,
Grangeou estima e respeito
De todos ricos ou pobres
Aos quais dera saude
E deixou apoz de si
Honroso renome.
Amen

Requiem æternam dona ei, Domine.

XLIX

Cobre esta lousa
Os despojos mortaes de
Angela Serafina Fernandes
Fallecida em 29 de junho de 1846
Tendo completado 27 annos 4 mezes
e 22 dias de edade

Requiescat in pace—Amen

Nicolau Fernandes
Seu consternado Esposo
mandou por esta lapida,
Para transmittir a posteridade
A saudosa memoria da sua amada consorte
Cuja prematura perda choram inconsolaveis
O seu carinhoso pae
Rogerio de Faria
E toda a sua contristada familia.

P. N. e A. M.

Como já disse dentre essas 49 campas da antiga igreja de Mazagão fôram transferidas para a nova igreja de Byculla apenas 9, cuja relação, junto com a cópia das respectivas inscrições me enviou o referido Mons. Pereira para quem vai todo o meu profundo agradecimento. São as seguintes:

I

Translated from the old
Church of Our Lady of Gloria
in.........................
Amador Viegas
Died September
....
....

Serafina

The youngest daughter of

Pascoal Manoel da Silva

Born April..........10—18...

Died December..........

This slab has been placed

By their only daughter

Serafina Barretto

Obs.—Esta lápide não parece ter existido na antiga igreja de Mazagão com a inscrição inglesa porque a não vi em 1892. A ter existido, não podia ser única, mas duas, sendo 1 de Amador Viegas, que era negociante e proprietário importante em Bombaim e a outra de Serafina.

Parece que a campa que hoje se vê na igreja de Byculla não foi transferida, mas é nova posta com inscrição inglesa por Serafina Barretto que se diz única filha de Amador Viegas. Na campa da igreja de Mazagão lia-se Serafina da Silva e Viegas com a seguinte inscrição: (vid. *Or. Port.*, vol II de 1905, p. 130, n.º XIV).

Aqui jaz

Serafina da Silva e Viegas

Cara espoza de

Amador Viegas junior

E filha unica de

Pascoal Manoel da Silva

Que na edade prematura de

19 annos, 5 mezes e 21 dias

Terminou a sua carreira vital

Aos 8 de dezembro de 1855

Deixando seu espozo e filha

Para lamentar a sua morte.

O seu espozo em signal de sua affeição

Mandou-lhe pôr esta campa

Requiescat in Pace.

2

A memoria

....

....

....

de Portugal

....

1 de Junho de 1839

......................1881

Saudosa recordação

Obs.—Escreve Mons. Pereira, na referida sua carta, não se saber a quem pertence essa campa, informando-o os empregados da igreja que há 10 anos fôram levados para Portugal os restos mortais que nela se encerravam.

A campa é do nosso antigo consul português em Bombaim, Marques Pereira cuja inscrição (*Or. Port.*, vol. I, de 1904, p. 375) era:

A' memoria

De

Antonio Feleciano Marques Pereira

Consul geral de Portugal

Na India Ingleza

Nascido em Lisboa a 1 de junho de 1839.

E fallecido em Bombaim a 11 de Setembro de 1881

Como prova de saudosa recordação

mandou a sua familia collocar esta lousa.

3

Sob esta lápide jazem os restos mortais de
Angela Serafina Fernandes
Filha de Sir Rogério de Faria
Falecida a 29-6-1846 da edade de 27 anos
seu irmão
João Xavier de Faria
....
....
Francisco Antonio de Carvalho
Falecido 1881 da edade de 91 anos
seu filho
Francisco António Carvalho
seu ....
D. Sebastião Antonio de Carvalho

Obs.—E' um quebra-cabeça essa inscrição. Parece que sob única campa se lançaram os restos mortais de Angela S. Fernandes, João Xavier de Faria, Francisco António de Carvalho, do seu filho do mesmo nome e de D. Sebastião António de Carvalho! Fêz-se isso provàvelmente na ocasião da transferência das campas da igreja de Mazagão para a de Byculla. *Angela Serafina Fernandes* tinha na antiga igreja lápide com a inscrição que atrás dei sob n.º XLIX.

João Xavier de Faria tinha a sua com o seguinte epitáfio (*Or. Port.*, vol. II de 1905, p. 170):

A' memoria
de
João Xavier de Faria
Agente Consular de S. M. Fidelissima
A Rainha de Portugal
E assistente do Collector d'alfandega
Nesta cidade de
Bombaim

Repousam
Neste jazigo os seus restos mortaes
Sobre os quaes a piedade de seu pae
Rogério de Faria
Mandou collocar esta lapida
Amado, respeitado e chorado
Por sua desconsolada familia
E por seus numerosos que apreciavam
As suas amaveis qualidades e virtudes
Deu sua alma ao Creador
Em 27 de Dezembro do anno de 1843?
(o último algarismo estava em 1892 quási ilegível podendo ser 3 ou 0)
Na idade de 31 annos 3 mezes e 10 dias
Requiescat in pace.
P. N. e A. M.

Francisco António Carvalho não tinha campa em 1892, mas, personagem importante como era, tendo desempenhado por largos anos o lugar de vice-consul português em Bombaim não podia deixar de a ter. O seu filho chamava-se *Francisco António de Carvalho* jr. e tinha na antiga igreja campa com a seguinte inscrição (*Or. Port.*, vol. II de 1905, p. 132):

Descanção
Neste jazigo
Os restos mortaes de
Francisco Antonio de Carvalho junior
Fallecido aos 7 de Janeiro de 1861
Contando apenas 31 annos, 3 mezes e 18 dias
De idade

Um accidente fatal cortando-lhe o fio da vida
Roubou-o no verdor dos annos
Ao affecto e carinhos
Da sua desolada esposa
D. Amelia Leopoldina da Silva
Da sua atribulada familia
E contristados amigos
E do seu inconsolavel pae
Francisco Antonio de Carvalho
O qual mandou collocar
Esta lapida
Oremos a Deus
Para que na mansão dos justos
Lhe conceda eterno repouso
Amen
P. N. e A. M.

Obs — O acidente a que a inscrição se refere foi queda desastrada dum carro como se vê do citado arigo "*Jornada ds Praças do Norte.*" Rivara assistiu ao baile dado por ocasião do casamento dêsse cavalheiro por sua tia D. Margarida de Faria, no palacete desta em Mazagão.

Quanto a D. Sebastião Antonio de Carvalho, não me consta que tivesse campa na antiga igreja.

De tudo isso se vê que para a nova igreja, em Byculla, não fôram transferidas pelo menos ás principais lousas que existiam na de Mazagão, talvez por estarem estragadas ou se terem partido ao retirarem-se do pavimento. A campa cuja inscrição foi acima transcrita sob o n.º 3 evidentemente a puzeram na nova igreja os descendentes, que eram numerosos, de Rogerio de Faria. Paulo Francisco Antonio Carvalho (jr.) como sua esposa D. Amelia Leopoldina da Silva eram primos entre si e netos do mesmo.

4

Sob esta lapida jazem os restos mortaes de
Anna Maria Fernandes
Filha de
Nicolau Fernandes
Falecida a 26-10-1820 de edade de 8 annos

Sua mãe
Anna Maria Fernandes
Falecida a 12-3-1826 da edade de 30 annos

Seu esposo
Nicolau Fernandes
Falecido a 13....da edade de..annos
....

Caetano Bautista do Rozario
Falecido a 10-3-1865 da edade de 56 annos
....

Anna Catharina
2.ª esposa do dito
Nicolau Fernandes
Falecida a 27-12-1860 da edade de 72 annos
....

Nicolau Fernandes
Falecido a 8-4-1873 da de 56 annos

Sua 3.ª esposa
Rosa Fernandes
Falecida a....1877 da edade de 51 annos

Seu neto
Frederico Caetano Baptista
Filho do Dr. L. P. do Rosario
Falecido a 31-8-18... da edade de 18 annos

....

....

D. Margarida Conceição Faria
Filha de Sir Rogerio de Faria
Falecida a 26......1861 da idade de 73 annos.

....

Dr. Luiz Phelipe do Rozario
Filho do Dr. Caetano Baptista do Rozario
Falecido a 28-8-1909 da idade de 72 anos.

Obs—E' campa nova, e não transferida, cobrindo os restos mortais de algumas gerações, quando na antiga igreja de Mazagão existiam, em 1892, 3 campas com significativas inscrições em relação a alguns membros importantes das respectivas familias. Assim, *Nicolau Fernandes* e sua familia tinham cova perpétua com a seguinte inscrição (vid. *Or. Port.*, vol. II, p. 215):

Jazigo perpetuo
Tomado por
Nicolau Fernandes
Para si e sua familia em que jazem sua filha
Anna Maria
Da idade de 18 annos, 9 m. e 20 d.
Fallecida em 12 de março de 1826
Igualmente os restos mortaes delle
Fallecido aos 13 d'abril de 1838
Contando de idade 54 annos
Os de sua 2.ª esposa Anna Catharina
Fallecida aos 28 de dez. de 1860
Na idade de 72 annos

E os do seu filho
Nicolau Fernandes
Fallecido aos 8 de abril de 1873
Na idade de 56 annos; os da sua nora
Rosa Fernandes
E esposa desse fallecida aos 8 de jan. de 1877
Contando de idade 51 annos
E do seu bisneto Frederico Caetano Baptista do Rosario
Que passara desta para melhor vida no verdor
Dos annos aos 31 de Agosto de 1884
P. N. e A. M.

Caetano Baptista do Rozario e *D. Margarida C. Faria* tinham duas campas com inscrições atraz transcritas sob os n.os XLVIII e XLVII. Na nova campa só se acrescentou o nome do Dr. Luis Felipe do Rozario.

5

A memoria
de
D. Rosa A. de Faria e Menezes
Falecida a 18 de Maio de 1855
Da edade de 34 annos
e de
Maria Dorothea
Falecida a 19 de Março de 1867
Da edade de 4 annos e 2 mezes.

Tambem é nova, em que se lançaram os ossos de 2 pessoas, uma das quais, Maria Dorothea, tinha na antiga igreja de Mazagão a sua lapida com inscrição atraz transcrita sob o n.º XLVI.

6

Sacred

To the memory of

Dr. A. M. C. Coutinho

Graduate of the Grant Medical College

Recipient of each and every

Scholarship and prize

During the five years studies at the College

Politician and journalist

Fellow of the Bombay University

Died 21-11-1880

Aged 50 years

of his widow

A. M. da P. Menezes Coutinho

Died 13-5-1885

Aged 42 years

of

Dr. J. V. Coutinho

M. R. C. (Eng.) L. R. C. P., L. M. (Edin.)

Died 29-11-1907

Aged 59 years

Obs. Também esta campa é nova, onde se lançaram os restos mortais de 3 membros de família. O Dr. A. M. C. Coutinho tinha lápida na igreja de Mazagão com a seguinte inscrição em português (*Or. Port.*, vol. II de 1905, p. 169):

Debaixo d'esta campa

Jazem os restos mortais

de

Antonio Manuel Constancio Coutinho

Natural da villa de Margão, Goa

Graduado do Collegio Medico de Grant

Onde elle obteve os primeiros premios

Em cada uma das materias ahi leccionadas

E

Foi socio da Universidade desta cidade

Nasceu aos 21 de novembro de 1880

Dedicam esta campa

A sua viuva

Anna Maria da P. Menezes e Coutinho

E filhos

P. N. e A. M.

Ter-se-ia partido ou estragado a primitiva campa? Quero crêr que sim, de contrário a Família Coutinho, que ainda tem em Bombaim no sr. Dr. Constâncio Coutinho um digno representante a continuar as suas honrosas tradições, não a substituiria por outra..

7

....

....

....

de Souza

Arthur

de Souza of Madras

aged 80 years

Rosa de Souza

Died 14th March 1862

aged 70 years

....

Thomas

Died 12th July 1872

aged 20 years

Michel

Died 14th March 1898

aged 43 years

sons of

Manoel Edward and Maria de Souza

Maria vidow of Manoel Edward de Souza

Died 14th May 1897

aged 50 years

This perpetual free grave was granted by the Church

To the direct family of Antonio de Souza of Madras

In recognition of his munificence towards the Church

This slab is placed by Edward Arthur d'Souza.

R. I. P.

Obs. Na antiga igreja de Mazagão a família Souza, de Madrasta, grande bemfeitora da mesma igreja, tinha uma com a seguinte inscrição em português (*Or. Port.*, vol. II de 1905, p. 131): que serve para completar os claros na actual lápide:

A memoria

de

Joseph de Souza

Filho solteiro

de

Eduardo Arthur de Souza

E de

Roza de Souza

Falleceu aos 17 de Setembro de

1818

Tendo a idade de 31 annos, 5 mezes e 5 dias.

Jazem

N'esta mesma sepultura os restos mortaes de seu pae

Eduardo Arthur de Souza

Filho de Antonio de Souza de Madrasta

Faleceu aos 17 de novembro de 1821.

—

Roza de Souza mãe e esposa

Por sua piedade filial e conjugal

Mandou collocar sobre estes despojos

Esta lápide

Sepultura perpetua e gratuita

Concedida pela freguezia

A familia directa do senhor Antonio de Souza

De Madrasta

Em reconhecimento da munificen-

cia d'elle

Para com esta igreja

P. N. e A. M.

Quanto às 2 lápides cujas inscrições estão completamente apagadas, como diz Mons. Pereira, não se sabe a quem pertencem. Talvez sejam de Rozário de Quadros e de D. Rita Thereza de Quadros, espôsa de Miguel do Rozário de Quadros, visto que em 1892 em que copiei os respectivos epitáfios as letras estavam muito gastas, quási ilegíveis. No decorrer dos anos provávelmente elas desapareceram de todo.

Publiquei êsses epitáfios no *Oriente Port.* 1.ª série, vol. I, a pags. 374, sob os nos. I e II.

Rosário de Quadros foi natural e gancar de Loutulim. Estabelecido em Bombaim, aí grangeou pelo seu honesto trabalho largos meios de fortuna, chegando a ser nessa cidade muito considerado. Diz a respectiva inscrição que foi êle quem reedificou a igreja de Mazagão, onde tinha cova perpétua.

Era avô paterno do aludido *Miguel Rosario de Quadros*, que desempenhou naquela cidade, durante largos anos, várias e altas funções. Era uma capacidade financeira. Foi Director dum Banco, consul português em Bombaim e Comendador da Ordem da Conceição de Vila Viçosa. A referida D. Rita sua espôsa, era filha de José Maria de Gá (e não Sá como por êrro de revisão saiu no referido epitáfio n.º II).

E' pena que para a nova igreja, em Byculla, não tenham sido transferidas pelo menos as principais lápides que existiam na antiga igreja de Mazagão. A moderna geração veria nestas uma pléiade de distintos personagens, umas de Goa, outras eurasianas, e ainda outras europeias.

Ali se viam por exemplo as campas de:

" *D. Rosa Gertrudes Fernandes*, espôsa de *Francisco Fernandes*, opulento negociante, a cuja filantropia deve êste país muitos benefícios, entre outros a calçada que da cidade de Margão se dirige à colina onde se ergue a ermida de N. Sra. da Piedade e a instituição de dotes a raparigas pobres das Ilhas, Salsete e Bardês.

" *Capitão José António Xavier da Silva Neves*, de Lisboa, que esteve ao serviço do régulo Peshvá e tinha pensão do govêrno inglês. Era, pela mulher, aparentado com a casa do Conde dos Arcos de Portugal.

" *Inácio do Rosario Dias*, negociante em Africa e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

" *André Constancio Augusto*, natural da Raia, arquitecto civil que deu o risco de muitos dos mais importantes edifícios de Bombaim e a cujo respeito se lê no Maclean's Guide daquela cidade o seguinte:

" Tanto o *Town Hall*, como a *Christ Church*, atestam o genial talento artistico do insigne arquitecto índio Agostinho", nome por que era conhecido entre os ingleses. Pintou o retrato do rei D. Sebastião, que existe no Seminário de Rachol.

Felizmente, êsses e outros que tiveram campas na antiga igreja de N. Sra. da Glória, de Mazagão, não podem cair no olvido, pois quando nem se imaginava que aquela igreja seria demolida e se praticaria tanto desacato com os mortos que aí existiam, tive em 1892 o cuidado de lhes deixar perpetuada a memória, copiando as inscrições, das quais 42 publiquei nos citados 2 vols. do *Oriente Português* de 1904 e 1905, as restantes 7 vão neste número *ad perpetuam rei memoriam.*

Será, de certo, grato às respectivas famílias rever nessas legendas não só a sua árvore geneológica, mas as honrosas tradições que lhes deixaram os maiores.

Amancio Gracias

INDICE ALFABETICO

DA

Revista da Comissão Permanente de Arqueologia
da India Portuguesa

O ORIENTE PORTUGUÊS

organizado por

Ricardo Michael Telles

Vogal-secretário da Comissão Permanente de Arqueologia

1.ª série—volumes XIV a XVII—1917 a 1920
2.ª série—volumes I a XXII—1931 a 1938

A quem ler

A publicação da primeira série da revista *Oriente Português* que se iniciou em 1904. Em virtude da P. P. n.º 203 de 11 de Agôsto de 1903 (*Bol. Of.* n.º 63 e *Or. Port.* I, 1) continuou até o primeiro semestre de 1920. Em virtude do despacho do Ministério das Colónias n.º 19/183 de 3 de Julho de 1916 é considerada esta revista como suplemento ao *Boletim Oficial*, (*Bol. Of.*, n.º 63 de 1916 e *Or. Port.* XIII, 230).

O sr. Jerónimo Quadros, Secretário da Comissão de Arqueologia de Diu, actualmente vogal desta Comissão, elaborou o índice de matérias dos anos 1904 a 1916 (1 a XIII)

Comissão Permanente de Arqueologia

P. P. n.º 133 de 1903.

Presidente Conselheiro Pedro de Ataíde e Melo, Inspector da

Fazenda. Vogais: José Augusto Alves Roçadas, Capitão do Serviço do Estado Maior, José Mendes Ribeiro Norton de Matos, Director da Repartição de Agrimensura e Capitão do Serviço do Estado Maior, Jerónimo Osório de Castro, Administrador do Concelho das Ilhas de Goa, e Tenente da Infantaria, José António Ismael Gracias, 1.º Oficial da Secretaria do Govêrno e Professor do Liceu Nacional e José Maria do Carmo Nazaré, 1.º Escriturário da Repartição Superior da Fazenda.

P. P. nos. 10 e 11 de 1906:

Presidente Visconde de Castelões, Director das Obras Públicas. Vogais: Dr. Alberto Osório de Castro, Juiz de Direito do Ultramar, José A. Alves Roçadas, José M. R. Norton de Matos, D. Luis de Castro, Administrador do Concelho das Ilhas e Tenente da Cavalaria, J. A. Ismael Gracias, José Maria do C. Nazaré, Dr. Rodrigo José Rodrigues, Professor da Escola Médica, Médico de Saúde do Ultramar e Reitor do Liceu Nacional, Pe. Francisco Xavier Vás, Pároco da Igreja de Pangim, e Desembargador da Relação Eclesiástica, sendo secretário Carmo Nazaré.

Vogal agregado: João Herculano Moura, 1.º Tenente da Armada Real.

Em 1907 regressaram à Metrópole José A. Alves Roçadas, Jerónimo Osório de Castro e João Herculano de Moura. Em 1908 Dr. Alberto Osório de Castro e José M. R. Norton de Matos.

Em 1910 faleceu J. M. de Carmo Nazaré e regressaram à Metrópole Visconde de Castelões e Rodrigo J. Rodrigues.

P. P. n.º 279 de 1913 nomeando Presidente bacharel Francisco Maria Peixoto Vieira, Secretário Geral do Govêrno.

Em 1919.

Presidente Dr. Francisco Maria Peixoto Vieira, Secretário Geral do Govêrno, Vogais: Dr. António Floriano de Noronha, Procurador da República; Capitão-tenente Augusto de Paiva Bobela Mota, Comandante da canhoneira *Sado*, Director das Obras Públicas, Cónego Francisco Xavier Vás, Capitão de Fragata João S. Stockler, Chefe dos Serviços de Marinha, Pe. Manuel J. Gabriel de Saldanha, Professar do Liceu Nacional, Vogal-secretário José F. Ferreira Martins.

Em 1920 regressou à Metrópole o Capitão-tenente Augusto de P. Bobela Mota.

Pela P. P. n.º 194 de 1921 foi concedida a exoneração ao Cónego F. X. Vás e nomeado o Cónego Aires Franklin de Sá.

Pela P. P. n.º 4 de 1922 foi nomeado vogal Ricardo Michael Telles.

Pela P. P. n.º 402 de 1922 o vogal Bacharel António Floriano de Noronha, Juiz da Relação de Nova Goa, foi nomeado Presidente.

Pela P. P. n.º 206 de 1922 foi concedida a exoneração ao Pe. M. J. Gabriel Saldanha.

Em 1923 regressou à Metrópole o Capitão de Fragata João S. Stockler.

Pelas P. P. nos. 24, 25, 26 e 27 de 1925 foram nomeados vogais o Director da Fazenda adjunto João Baptista Amâncio Gracias, Capitão da Infantaria Adelino Delduque da Costa, e Professores do Liceu Central José António Dentinho Junior e Dr. Mariano José de Saldanha.

Em 1926 foi transferido para Cabo Verde J. B. Amâncio Gracias e para Lisboa Dr. Mariano J. de Saldanha e regressou à Metrópole J. A. Dentinho Junior.

Pela P. P. de 22-XI-1929 foi nomeado vogal Dr. António Taumaturgo Pereira, Procurador da República e Fazenda.

Pela P. P. de 22-VII-1931 foi nomeado Presidente Dr. António Bernardo de Bragança Pereira, Juiz da Relação de Nova Goa, pelo falecimento do Dr. A. F. de Noronha.

Pela P. P. de 12-VIII-1931 nomeado vogal Panduronga S. Sinai Pissurlencar, Arquivista do Arquivo Histórico.

Dos que seguiram consta do *Oriente Português*, 2.ª série, 1931.

Relação dos colaboradores da 1.ª série

1917 a 1920, XIV a XVII (*a*)

A. B. Bragança Pereira—XVI, 31, 69, 183, 230, 337;—XVII, 10 e 73.

A. Braamcamp Freire—XVII, 61.

Alvaro de Azevedo—XVII, 64.

A. F. Moniz—XIV, 253, 302;—XV, 5. 99, 177;—XVI, 71, 223, 284, 354;—XVII, 85, 92 e 188.

Augusto de Vasconcelos—XVI, 325—XVII, 1 e 149.

B. C. Tavares de Melo—XIV, 141;—XV, 53 e 99.

C. F. Alvares da Costa—XIV, 275.

Diogo Vieira de Tovar Albuquerque — XIV, 155, 319:—XV, 149.

Francisco Xavier Vás (cónego)—XIV, 152, 278;—XV, 57;—XVI, 249, 381;—XVII, 145, 220 e 249 (extr).

F. M.—XVI, 49 e 248.

Francisco Mourão Garcez Palha—XVI, 86, 186, 245 e 295.

Gelásio Faria—XVI, 89.

J. A. Ismael Gracias — XIV, 29, 53, 57, 107, 153, 163; 214, 223, 278, 283;—XV, 1, 85, 116, 157, 205, 244, 269;—XVI, 21 e 116.

J. B. Amâncio Gracias—XIV, 90, 119, 183, 236;—XV, 30, 121, 277;—XVI, 76, 178, 237, 278, 354;—XVII, 54.

José Pascoal Machado—XIV, 209.

José Julião Sacramento de Almeida—XVII, 125.

José F. Ferreira Martins—XVI, 1 55, 111, 190 e 255.

Justiniano de Albuquerque—XVI, 34, 309;—XVII, 103 e 198.

Luiz H. Correa de Graça—XVI, 218 (extr.).

Manuel Xavier (Padre, S. J.).—XIV, 1.

Panduronga S. S. Pissurlencar—XV, 285;—XVI, 39, 303, 373:—XVII, 44 e 172.

Pedro José Soares —XIV, 129. (extr.)

Plácido da Costa Campos (Padre)—XV, 57.

P. P.—XVII, 72 (extr.).

Ricardo Michael Telles—XIV, 94, 197;—XV, 41, 199;—XVII; 109, 209 e 222,

(a) O algarismo romano indica o volume e o arábico a página

Rocha Martins—XVI, 188, 275, 375; —XVII, 139.
Simam Machado —XIV, 313. (extr.).
Sousa Viterbo—XVI, 94.
S. V.—XVI, 252 (extr.).

Indice das matérias da 1.ª série

1917 a 1920 (XIV a XVII)

Abreviaturas latinas—XIV, 129.
Aldeia Cola (A)—XVII—125.
Alguns médicos antigos de Goa—XVI, 34.
Antiguidade do Crixnaismo (A)—XVII, 44.
Antigos tecidos no mercado de Damão—XVII, 85.
Arabes em Goa no século X (Os)—XVI, 31.
Assentos de óbitos do Convento de S. Francisco de Damão—XIV, 302.
Aula de artilheria em Goa—XIV, 107.
Bens pensionados em Goa—XIV, 183, 236, XV, 30, 121, 277, XVI, 76 237 e 364.
Bens pertencentes ao Padroado na India—XV, 227.
Bens dos Jesuitas (sanação)—XVI, 298.
Bocage na India—XIV, 29 e 57.
Bombaim (Porque, quando e como os portugueses cederam aos ingleses)—XVI, 55.
Boticário (Um) e dois médicos antigos de Goa—XIV, 275.
Comédias de Dio—XIV, 317.
Compêndio Universal—XIV, 1.
Conselhos governativos do Estado da India (1877—1917)—XV, 205.
Condenação dos Távoras—XVI, 101.
Conciliação de dois passos de duas cartas de Afonso de Albuquerque—XVI, 178.
Conquistas de Portugal (As)—XVI, 295.
Deposição do V. R. da India Conde de Obidos—XIV 163, 223 e 283.
Descobridor da baía de Lourenço Marques (O)—XVII, 1.
Desembargador da Relação de Goa (Um)—XVII, 149.
Dialecto indo-português de Ceilão—XIV, 141, XV, 53 e 139.

Documentos do Arquivo da Fazenda—XIV, 90 e 119.
Do Convento do Carmo ao Mosteiro de Sta. Mónica—XV, 269, XVI, 21.
Dona portuguesa (Uma)—XV, 113.
Embaixadores indianos aos imperadores romanos—XVI, 303.
Extractos de vários assentos de óbitos dos Reis-Magos—XIV, 99, 199 e 282.
Famílias portuguesas estabelecidas na India cuja varonia se extinguiu. XVI, 86, 186, e 245.
Famílias portuguesas estabelecidas em Chorão—XVI, 309, XVII, 103 e 198.
Feitoria portuguesa de Surrate (A)—XV, 5.
François Caron e Ceilão—XVI, 278.
Goa antiga—XVI, 337.
Govêrno representativo e as ideas democráticas na antiga India—XVII, 172.
Gohaldeu, rei de Goa em peregrinação ao templo de Somnath, no Katiawar—XVI, 69.
Grandes vítimas. (As)—XVI, 1.
Igreja de S. Francisco de Surrate (A)—XIV, 253.
Igreja de Oxel—XV, 199.
Indice alfabético e remissivo—XIV, 155 e 319.
India antiga sob o ponto devista económico—XVII, 54.
Irrigação na India antiga (A)—XIV, 209.
Mahometanismo e suas classes na India—XV, 99.
Medidas agrárias das comunidades—XVI, 89.
Moimenta Goana Eclesiastica—XV,85.
Ouvidor Geral António de Macedo (O)—XVI, 325.
Padroado Português no Oriente—XV, 211.
Página de Pedra em Bandorá (Uma)—XVI, 373.
Para a história das revoltas em Goa (1842)—XV, 1, 85, 157 e 244.
Para a história dos maratas—XVI, 223.
Peres da Silva e os colonos de Damão—XVI, 71.
Publicações recebidas—XIV, 327, XV, 210
Ranes, os quetris, os oixos, os charodós e os brâmanes de Goa (Os)—XVI, 230.
Reabilitação dos Távoras—XVI, 116.
Registo Paroquial dos Reis Magos—XV, 41, XVII, 109 e 209.

Relação completa das religiosas de Sta. Mónica—XV, 177 XVI, 284, 354, XVII, 92 e 188.
Relações entre a India e América—XV, 285; XVI, 39.
Sâh;—Munda—XVII, 220
Sindabur, Chandrapur e as ilhas de Goa e Elefanta—XVI, 183.
Sistema das castas (O)—XVII, 10 e 73.
Trato comercial entre a Europa e a India em tempos remotos—XVI, 199 e 225.
Vária Variorum:
Aditamentos e correcções ao Registo Paroquial dos Reis Magos—XV, 111.
Academia de Sciencias de Portugal (A)—XVI, 197.
Agostinianos no Oriente—XVI, 381.
Alma minha (L. de Camões)—XIV, 279.
Anais dum mosteiro hindú—XIV, 217.
António Caetano de Sousa (D.)—XIV, 214.
Anacronismos na pintura—XVI, 50.
Apontamentos sôbre o étimo das aldeias de Goa (continuação de XIII)—XVII, 145.
Arcebispo de Goa "Primaz" (O)—XVI, 249.
Arco da Conceição—XVII, 222.
Bibliografia—XVII, 385.
Condições de paz que impuzeram os Bracanenses contra os Portugueses por ocasião da guerra no ano 27 do Nascimento de Cristo—XVI, 49.
Censo indo-britânico de 1911 comparado com o de 1901—XVI, 323.
Convento de N. Sra. do Cabo (O)—XVI, 247.
Divina Comédia (soneto de A. Quental)—XVI, 198.
Etimologia de Bagdad—XIV, 215.
Figuras nacionais (O Bragançâo)—XVI, 98.
" " (Martim Moniz)—XVI, 322.
Filho de Afonso de Albuquerque (O)—XV, 146.
Franceses na India—XIV, 53 e 218.
Gonçalo Velho (Fr.)—XV, 305.
Gaspar Vicente na India—XVII, 61.
História militar de Angola e Moçambique—XIV, 281.
Indice do Oriente Português (I a XIII)—XIV, 55;

Index alfabético, cronológico e remissivo, XV, 149.
Inimici hominis domestice ejus—XIV, 55.
Inscrição em Isorcim (Uma)—XV, 268.
João Ferreira da Almeida—XV, 266.
Lápides em Angediva—XV, 108.
Lexicologia luso-oriental—XV, 267.
Limoeiro histórico (O)—XVI, 195.
Literatura peninsular no Oriente (A)—XVI, 94.
Madalena (A), (soneto de D. Bernardes)—XVI, 254.
Mapa estatístico de população natural da India Portuguesa, recenseada no último senso (1901) da Presidência de Bombaim—XVI, 323, XVII, 139.
Marquês de Pombal conspirador (O)—XVI, 188.
Marquês de Pombal e a administração pública (O) XVI, 375.
Memória histórica sôbre os palácios da residência dos V. Reis da India—XVI, 318.
Miscelânea portuguesa e estrangeira—XVII, 144.
Notícia da India 1648—XIV, 153.
Oficiais da origem estrangeira em Goa—XVI, 49.
Para a história da autual guerra mundial—XV, 146.
Padre João Dalgado (O)—XIV, 218.
Peças pouco vulgarizadas (Título sôbre a tomada da cidade e Ilha de Goa, e o senhorio que dela tem a Coroa de Portugal)—XVI, 316.
Peixe misterioso (Um)—XIV, 220.
Pelo armistício (Telegramas)—XV, 92.
Porque o Barão de Ourém foi nomeado Governador Geral da India—XIV, 278.
Portaria (encarregando escrever história militar)—XV, 301.
Revolta que abortou (Uma), (1.° govêrno de J. F. Pestana 1846)—XVII, 135.
Sino do Priorado do Rosário em Vélha Goa—XIV, 278.
Sinos do Mosteiro de Sta. Mónica em Vélha Goa—XIV, 152.
Sinos portugueses nos templos hindús—XV, 110, XVII, 72.
Sinetes e escudos de armas—XVI, 248.
Sinos e sineiros—XVI, 252.
Soldado português na India (Um) (1564—1578)—XVII, 64.
Soneto (de Camões)—XVI, 100.
Soneto (de A. Quental)—XVI, 384.

Subsídios para a linha genealógica dos Pereiras na Sereníssima Casa de Bragança—XVI, 51.
Terreiro do Paço histórico (O)–XVI, 193.
Uso das barbas—XVI, 99.
Velharias (como se comia ha 200 anos) —XV, 301.
Vencidos (Os). (Versos de A. Quental)—XVI, 324.

Relação dos colaboradores da 2.ª série

N.º 1 a 22 (1931 a 1938)

A. B. de Bragança Pereira—I, 122;—II e III, 1, 134;—IV, 15;– V, 113, 129, 194;—VI, 338;—VII a IX, 1, 97;—X, 458;—XI, 105;—XII e XIII, 233, 308;—XIV, 1, 59;—XV a XVII, 1;—XVIII, 105–XIX a XXI, 1 e 203.
A. Delduque da Costa–I, 102; – II e III, 69;—IV, 58.
António Félix Pereira – II e III, 120;– V, 85; – VI, 235.
Achilles Meersman, O. F. M., (Fr.) – XVIII, 127.
Artur de Motta Alves – XVIII, 299.
Diogo José Pereira de Andrade – X, 530.
Floriano Pinto – IV, 43.
Jerónimo Quadros – IV, 34; – V, 47; – XI, 71—XV a XVII, 284;—XVIII, 92.
João Baptista Amâncio Gracias – VI, 306;—VII a IX, 51;—X, 393; – XII e XIII, 167;—XIV, 15;—XV a XVII, 193,—XIX a XXI, 187.
João de Figueiredo—II e III, 62;—IV, 47.
José Julião do Sacramento Almeida—V, 67.—XV a XVIII, 296.
Nicolau João J. de Menezes—XVIII, 49,—XIX a XXI, 218;—XXII, 461.
Pandurongá S. Sinai Pissurlencar—I, 1,—II e III, 106; IV, 74; V, 1; – VI, 391; – VII a IX, 317;—XII e XIII, 203;—XIV, 123; XVII, 35—XIX a XXI 370—XXII, 381.
Propércia Correia Afonso de Figueiredo —XIX a XXI, 329.
Ricardo Michael Telles – I, 23;—II e III, 76;—IV 65: —V, 80, 119,—VI, 373;—VII a IX, 38—X, 435;—XI, 8;—XII e XIII, 269; —XV a XVII, 239, XVIII, 7; – XIX a XXI, 275.

Indice das matérias da 2.ª série

N.º 1 a 22 (1931 a 1933).

Administração de Justiça na India Antiga—IV, 47.
Adenda e Corrigenda (Elemento Hindú da Casta Chardó) —XIV, 123.

Agentes Hindús da Diplomacia Portuguesa na India—V, 1.
Arquivo Português Oriental (Prefácio)—XIV, 1.
Bens pensionados em Goa—XII e XIII, 167;-XIV, 15;-XV a XVII, 193.
Brazões e Epitáfios do Museu de S. Francisco de Assis—XII e XIII, 269—XV a XVII, 239.
Capitais da India Portuguesa (As)—I, 122.
Capuchos e Capuchinhos—XVIII, 127.
Comissão Permanente de Arqueologia—Legislação—IV, 1; —XI, 1.
Descobrimento dum Santuário Shivaita do Século XIV em Vélha Goa (O)—IV, 74.
Elemento Hindú da Casta Chardó—XII e XIII, 203.
Embaixada científica à côrte dum rei indiano no século XVIII (Uma)—XIX a XXI, 187.
Entre poetas—IV, 43.
Epigrafia luso-oriental (Inscrições e padrões portugueses: O Museu da Africa do Sul: Inscrições lapidares descobertas em Cochim e Sepulturas dos Prelados no Presbitério da Sé de Goa) —V, 113.
Epigrafia de Baçaim—VII a IX, 38.
Epigrafia de Diu-XI, 8.
Escolas Primárias em Bardez, Perném e Sanquelim—II e III, 120.
Forte de Betul—XV a XVII, 296.
Fortalezas de Goa e as suas Legendas—XVIII, 7;—XIX a XXI, 275.
Fundador de Baçaim (O)—VII a IX, 51.
Goa Há 1500 Anos—VI, 391.
História Religiosa de Goa—II e III, 1;—IV, 15;—V;129,—VI, 338;—X, 458.
História Administrativa da India Portuguesa—XV a XVII, 1.
Igrejas, Conventos e Capelas na Vélha Cidade de Goa—I, 23.
Igrejas, Conventos e Capelas em Diu—V, 67.
Igreja de S. Pedro de Panelim (e Capela de N. Sra. da Piedade)—V, 30.
Instituto Orgânico das Comunidades do Concelho das Ilhas —V, 85;—VI, 225.

Incursão de Sivaji em Bardez—XIX a XXI, 370.
Inscrição sôbre o pórtico da entrada da Fortaleza de Cola na aldeia Issorcim de Velção (Uma)—X, 530.
Inscrições Pre-Portuguesas de Goa—XXII, 381.
Inventários dos objectos dos conventos e igrejas, palácios e fortalezas de Goa—VI, 373.
Inventário do Mosteiro de Sta. Mónica—X, 435.
Legislação na India Antiga (A)—II e III, 62.
Liga dos Portugueses com o Bounsuló contra Sambaji—II e III, 106.
Magia de Folclore na vida da criança Indo-Portuguesa—XIX a XXI, 329.
Milagristas (Os)—(subsídios para a sua história)—XV, 49; —XIX a XXI, 218;—XXII, 461.
Monumentos Nacionais—Igreja e Colégio dos Reis Magos—II e III, 76.
Monumentos Nacionais (Conventos de Cabo e Pilar)—IV, 65.
Morte do Conde de Alva (A)-II e III, 69.
Maratas em Baçaim—VII a X, 317.
Padres Matemáticos no Observatório de Jaipur (Os)-IV, 58.
Passo do Cronista Barros Elucidado à Luz duma Inscrição Sanscrita (Um)—XVIII, 3. 5.
Portugueses em Baçaim (Os)—VII a X, 97.
Portugueses na India—X, 393.
Portugueses em Diu (Os)—XI, 105-XII e XIII, 308; XIV, 59; XVIII, 105;-XIX a XXI, 1.
Precioso Arreio, feito em Goa no século—XVI para D. Sebastião (O)—XVIII, 299.
Prefácio do volume do tomo IV do Arquivo Português Oriental—XIX a XXI, 203.
Primitivas capitais de Goa (As)—I, 1.
Primeiros cristãos em Salsete—VI, 306.
Relação completa das religiosas do Mosteiro de Sta. Mónica, de Goa—II e III, 111.
Relatório da Comissão Permanente de Arqueologia—II e III 134;—V, 194;—VII a IX, 1—XII e XIII, 233.
Tentativa da reconstrução de Goa em 1777 (A)—I, 102.
Tombo de Diu—IV, 34;—V, 47;—XI, 71; XVII, 92.

Tombo de Baçaim—XV a XVII, 284.
Vária :
Bispo Goês de Propaganda Fide (Um)—XII e XIII, 387.
Manuel António de Sousa—XII e XII, 387.
Templos, cruzeiros e alminhas—XV a XVII, 298.

Ricardo Michael Telles

RELATÓRIO

Da visita de inspecção à **Fortaleza de Rachol** em 30 de Novembro de 1938

I—Um pouco de história

Não é fácil, dentro do regime de trabalho e do tempo disponível em que se realizam as visitas de inspecção arqueológica, coligir os elementos e organizar, ainda que seja em síntese e muito resumidamente, a história dos monumentos visitados. No entanto seria de tôda a vantagem que, para orientação das visitas, sobretudo no que respeita a propostas e alvitres relativos à conservação dêsses monumentos, a sua história fôsse conhecida, pelo menos quanto aos seguintes pontos essenciais :

Construção Melhoramentos, alargamentos, modificações Reconstruções Abandôno e passagem à categoria de monumento Reparações posteriores	origens, datas, motivos, processos técnicos empregados, etc, etc.

Os factos notáveis de carácter histórico ligados à sua existência completaria as bases sôbre que devem assentar sempre a conservação e o trato das relíquias arqueológicas, de acôrdo com o seu valor relativo, com o estado em que se encontram e com as possibilidades de duração que se possam prevêr.

Só dentro de uma orientação definida nestes termos, as visitas de inspecção aos monumentos podem ser proveitosas, e os seus resultados eficientes.

No caso presente, da Fortaleza de Rachol, poucos são os dados históricos que conseguimos reunir. No entanto aqui os deixamos registados, na esperança de que, seguidamente, virão a ser completados, sobretudo nos pontos que mais notávelmente havemos de assinalar por serem aqueles que mais falta nos fazem para a bôa execução do serviço que nos foi determinado.

Em primeiro lugar não sabemos quando foi construida a fortaleza primitiva, aquela que se encontra no extremo leste da Ilha. Diz-se que é de origem hindú.

Pelo exame da fotografia n.º 1, junta, vêmos que em tempos essa fortaleza guarnecia apenas a ponta de terra que avança sôbre o Zuari. Teria sido, anteriormente, uma obra fechada a que agora faltava um pequeno trecho da muralha, possívelmente destruido com o fim de aproveitar os materiais na construção da Igreja Paroquial, de outras edificações tais como a casa do capitão, depósitos, etc.

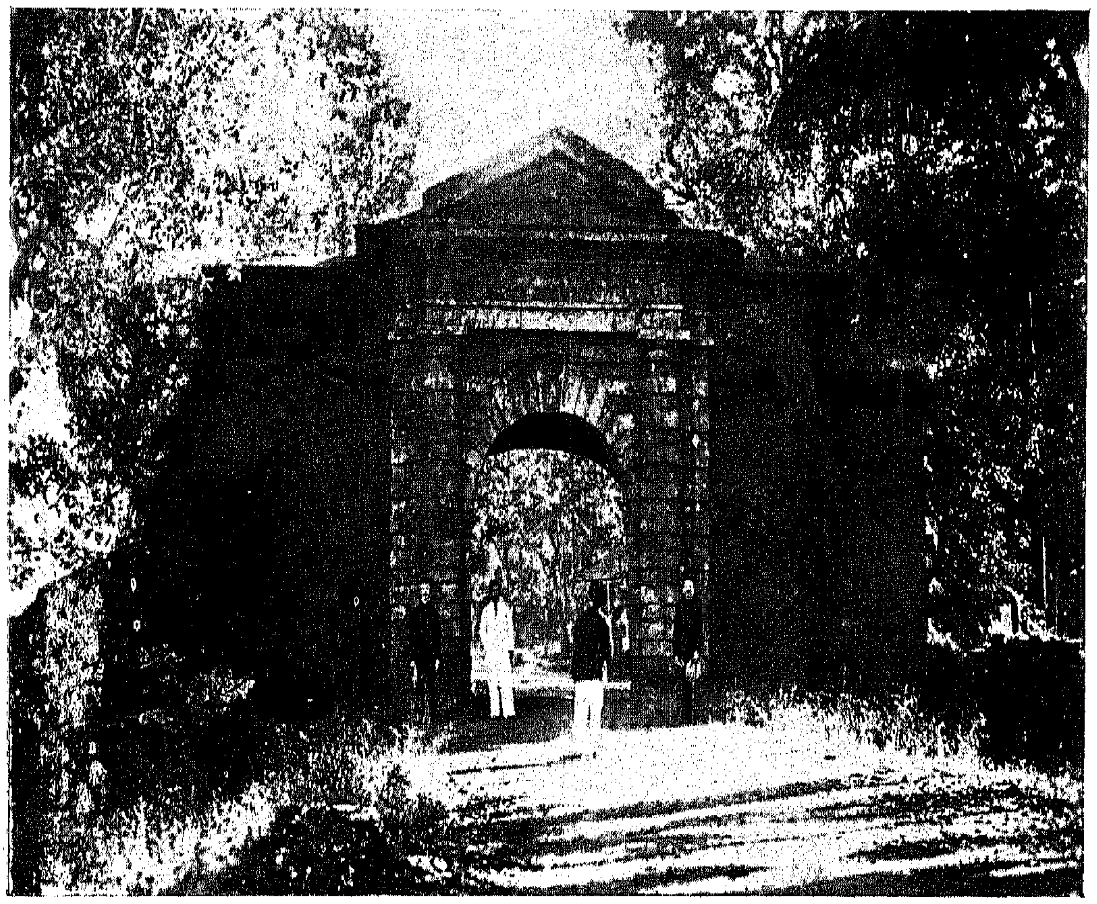
Do seu traçado conclue-se que ela defendia a entrada na Ilha pelo lado do rio, a qual então se fazia pelo passo que a liga ao caminho natural que segue os vales do rio de Sirodá e do rio Udong e vai apanhar no Candeapar, a comunicação mais directa para o alto dos Gates.

No entanto isto é apenas uma suposição, pois é também possível que na sua origem tivesse tido um papel ofensivo, servindo de "testa de ponte" ao dito passo do rio, e portanto de base de operações sôbre a Província de Salsete.

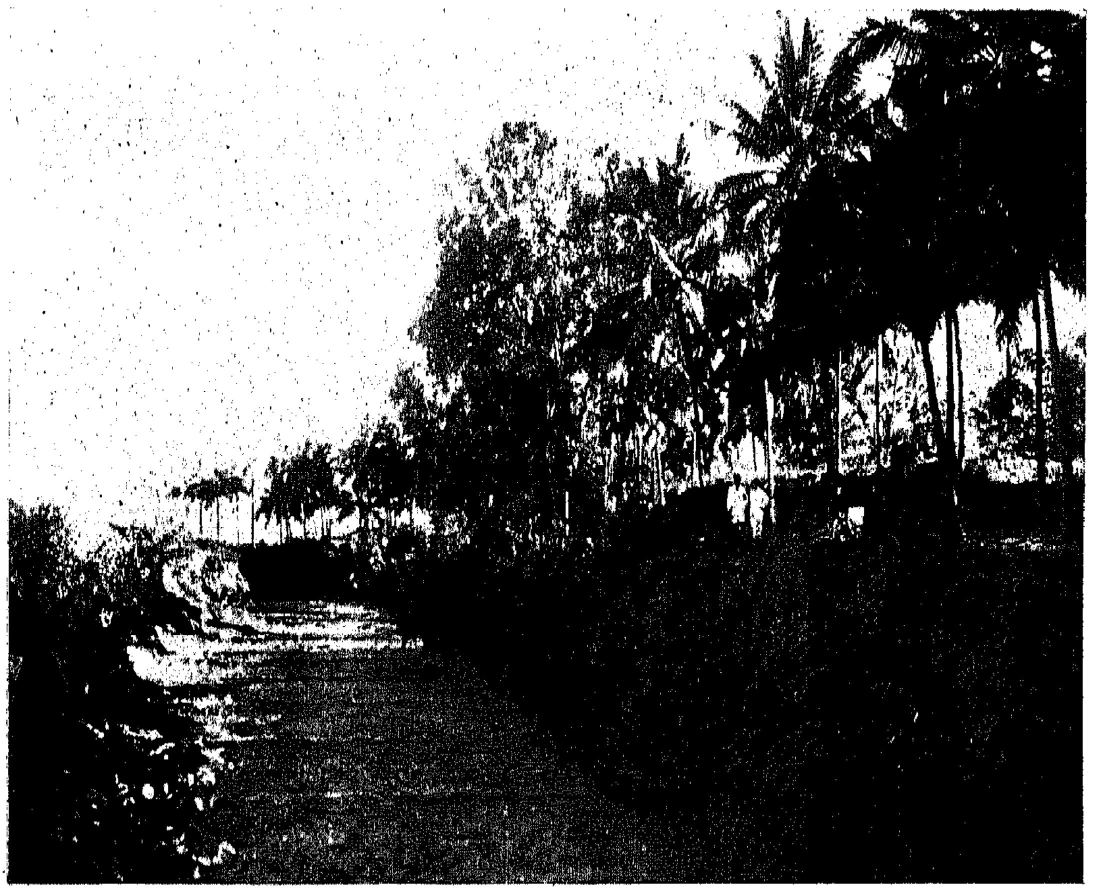
Haveria que recorrer à História para bem definir êste ponto, essencial para a importância arqueológica dos vestígios que actualmente existem. Só a história também nos pode dizer se a povoação de Rachol nasceu antes ou depois de Fortaleza, e isto seria altamente elucidativo.

Também na mesma fotografia n.º 1 se vê que a muralha que mais tarde envolveu tôda a Ilha, e constitue o recinto fortificado completo, que a fotografia n.º 2 dá a conhecer, ainda não existia senão pelo lado que olha para a terra firme, e que por êste lado faltava um trecho de fôsso desde um pouco a S. da Porta Principal até à Porta de Curtorim. Esta fotografia n.º 2 já não define tão nítidamente como a n.º 1 o traçado da fortaleza primitiva, de forma que somos levados a crêr que em 1781, ela teria sido já abandonada e mais ou menos destruida na parte que não foi integrada na grande obra mais completa e mais vasta que forma o recinto fortificado do século XVIII.

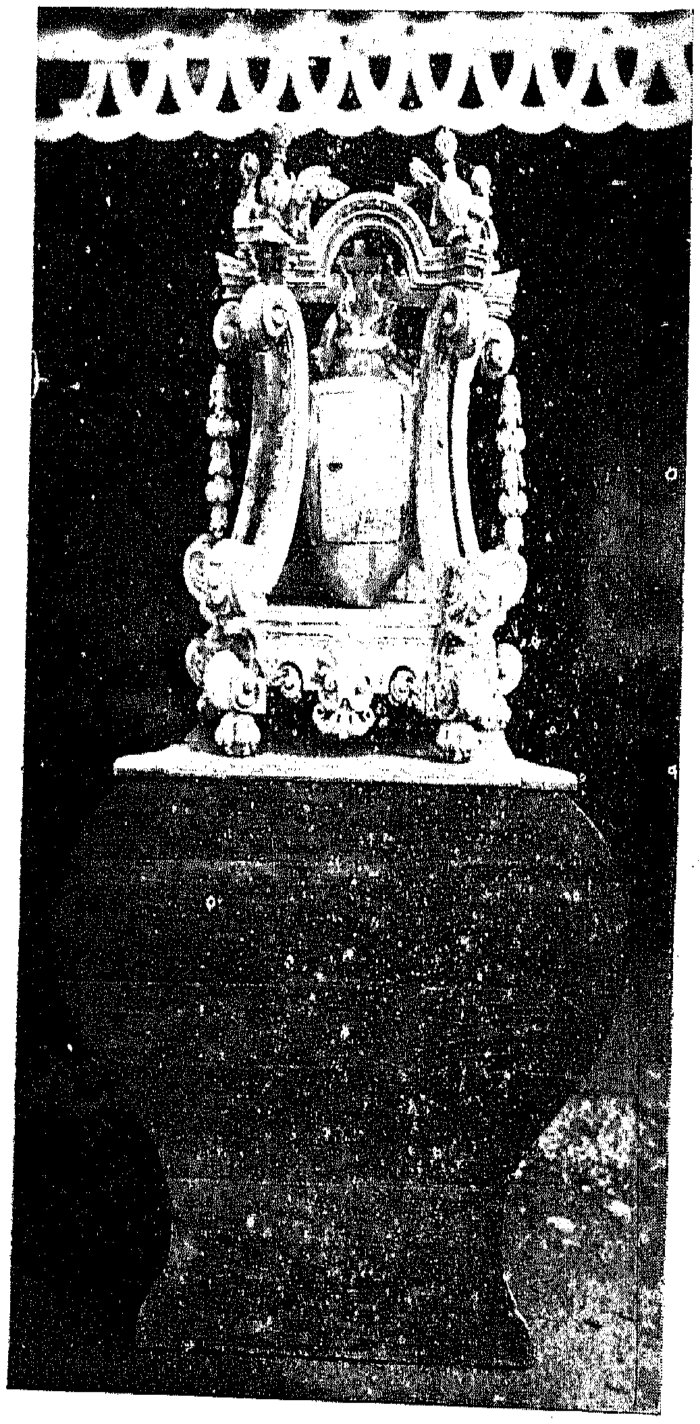
Os vestígios dêste recinto condizem perfeitamente com as indicações da fotografia n.º 2, pela qual se vê que Rachol constituiu uma praça forte de grande valor, com robustas muralhas abaluartadas, bem estudadas e bem construidas, um largo fôsso aquático, quarteis, etc, etc, tudo abrigando uma povoação importante.



Portão da Fortaleza de Rachol



Fôsso da Fortaleza de Rachol



Sacrário da Igreja de Rachol

As últimas obras dêste recinto datam provávelmente dos meados do século XVIII, da época em que o Marquês de Alorna o mandou restaurar, e completar com a abertura do fôsso.

Uma série de documentos dispersos aqui e além que, à pressa conseguimos coligir, indicam-nos que Rachol constituiu, desde os tempos primitivos da nossa soberania, um objectivo militar importante, mas dêsses documentos não podemos deduzir nada quanto ao valor relativo das suas ruínas.

Assim sabe-se que em 1515 Khrisna Deva Raya, Rei de Vijainagar, conquistou a fortaleza de Rachol, Belgão e todo o território vizinho de Gôa, ao Adil-Khan, e como tinha recebido nesta conquista o auxílio de um destacamento de portugueses sob o comando de Cristóvam de Figueiredo, fêz doação da fortaleza a El-Rey D. Manuel, sendo V. Rey Diogo Lopes de Sequeira (1518-1522).

Foi feita a entrega a Rui de Mello, Capitão de Gôa, constituindo-se as tanadarias de Salsete, Pondá, e Bardez, que depois se perderam e mais tarde se tornaram a ganhar.

A amisade de Portugal com o Rei de Vijainagar existia ainda no ano de 1526, pois nesse ano o Vice-Rei Lopo Vás de Sampaio (1526-1529), perdoou a uma cidade sublevada por esta pertencer àquele soberano.

Sabe-se ainda que a Fortaleza foi reformada pela primeira vez em 1604, no govêrno do Vice-Rei Aires de Saldanha, e pela segunda, no govêrno do V. Rei Francisco de Távora, em 1684, como se vê pela seguinte inscrição que havia no portão do castelo

SENDO O CONDE DE ALVOR V. REY DA
INDIA MANDOU REFORMAR ESTA FOR-
TALEZA DEPOIS DE SE DEFENDER DO
CERCO DE SAMBAJI 22 DE ABRIL
DE 1684.

Também no princípio do século XVIII se fizeram muitas obras na Praça, tôdas à custa da Câmara Geral da Provincia de Salsete, e em 1745 o Vice Rei Marquês de Alorna mandou executar várias outras entre as quais avulta o fôsso aquático e um

açude, que inundava o terreno vizinho.

Sofreu a Fortaleza de Rachol dois cêrcos importantes, um das tropas do Sambaji em 1684, outro das de Vencate Ráu em 1739.

O seu papel de sentinela à entrada da Provincia de Salsete, notabilizou-se nas lutas em que nos empenhamos nos meados do século XVIII, para a manutenção e alargamento imprescindivel do território de Gôa.

Foi no decorrer destas lutas, quando retomada e garantida a posse da provincia de Bardez pelas vitórias de Corjuém e de Colvale, se houve de afastar os maratas que, abusivamente, a título de represália haviam entrado em Salsete, com aquela impetuosidade e aqueles processos de guerra crúa, tão seus caracteristicos, que Rachol foi teatro de um notável feito militar dos da série que nos assegurou para todo o sempre o dominio absoluto das Vélhas Conquistas.

Em 3 de Junho de 1742 o General de Bardez Manuel Soares Vélho, a quem pelo Vice-Rei Marquês do Louriçal, D. Luiz de Menezes, tinha sido acometida a emprêsa da expulsão dos maratas, marchou sôbre Rachol que então era capital de Provincia.

Aí encontrou muita gente vinda de tôda a parte, recolhida à protecção da Praça e ainda em pânico com a passagem dos maratas que até às duas horas de tarde tinham lutado em campo com as fôrças de Leandro Sequeira, sargento mór da Provincia morto no combate.

Em Rachol fez o General a concentração das suas fôrças, que durou três dias. Depois, como era ordem do Vice-Rei atacar e destruir Sanguém e Pondá para que o inimigo não mais se pudesse servir destas duas fortalezas como base de operações, poz-se a caminho direito à primeira delas, que Govinda Panta acabara de receber das mãos de Anagi Porbú e aonde se se recolhera com o seu exército. (1)

As lutas pela conquista das Novas Conquistas foram os últimos arrancos do nosso poder militar na India. Se bem que essas lutas só vieram a acabar no primeiro terço do século XIX, e o rescaldo durou ainda até 1912, o certo é que depois de 1742, nunca mais houve que fazer ao Sul do Zuari, e a velha Fortaleza

(1) Major Ruy de Menezes—" *As Novas Conquistas* "—Revista Militar.

de Rachol foi perdendo a sua razão de ser e a sua importância militar. Transportado para Margão o centro do movimento da Provincia, a antiga capital foi aos poucos desaparecendo, transformados em palmares e em varzeas de arroz os quintais das suas muitas moradias, desmoronadas as casas, as igrejas e os edificios públicos, abandonadas as muralhas, os quarteis, os paiois e tudo o mais que outrora havia constituido um brilhante e poderoso equipamento de defeza. Do muito que houve a dentro do recinto fortificado restam apenas intactos, como monumentos denunciando um passado esplendor, a Igreja Paroquial e o Seminário Patriarcal.

A Fortaleza foi extinta pelo Governador Conde das Antas (1842-43) e o presidio transferido para Reis-Magos.

II—Alguns elementos de reconstituição

Existem no Q. G., dois belos desenhos, cujas reproduções fotográficas aqui vão juntas (fotografias n.º 1 e 2), e que nos serviram de guias na visita, e de orientadoras na elaboração dêste relatório.

São dois documentos preciosissimos, pois até agora não conhecemos outros que nos pudessem fornecer as informações completas e seguras que dêles tirámos.

O primeiro dêsses documentos é a " Planta da Fortaleza de Rachol e do terreno adjacente, copiada no Arquivo Militar de Gôa em Maio de 1857 "; o segundo é a " Planta Militar da Praça de Raxol tirada por ordem do Illm.º e Exm.º Sr. Dom Frederico Guilherme de Souza do Conselho de Sua Magestade Governador e Capitão General da India em 1781, copiada no Arquivo Militar de Gôa em 24 de Outubro de 1853 ". Ambas as cópias são feitas pelo sargento de artilharia Manuel da Cunha Maldonado, que era certamente um hábil desenhador.

Na primeira planta não está indicada a data em que foi levantada, mas vê-se claramente que é anterior à segunda. Poderemos supôr que ela é do tempo do Vice-rei Marquês de Alorna, de quando os trabalhos de abertura do fôsso ainda não estavam completos, admitindo que êste fôsso fosse totalmente mandado abrir por aquele Vice-Rei.

As duas plantas não condizem topográficamente; e o traçado das muralhas não é perfeitamente o mesmo, numa e noutra. So-

mos levados a crêr que os processos de levantamento usados na primeira planta não eram muito correctos, pois a sua identificação com o terreno deixa muito a desejar. Outro tanto não sucede com a planta de 1781 que à simples vista, sem verificação instrumental, satisfaz em absoluto.

No entanto foi pela primeira que averiguamos o traçado da fortaleza primitiva, e pela comparação das duas que deduzimos o seu desaparecimento parcial. A segunda, de 1781, serviu-nos de guia na visita, e com prazer constatámos a existência de vestígios ainda bastante nítidos de tôdas as indicações topográficas que ela nos dá.

Estas duas plantas são copiadas no Arquivo Militar de Gôa. A-pesar-do muito que no Q. G. se tem feito por descobrir o fim que levou êste Arquivo cuja história em parte se conhece: bem, nada foi possivel conseguir. E assim, até agora não se sabe o destino que tiveram os originais dos dois desenhos, cujas cópias fotográficas a C. P. A. também já possue.

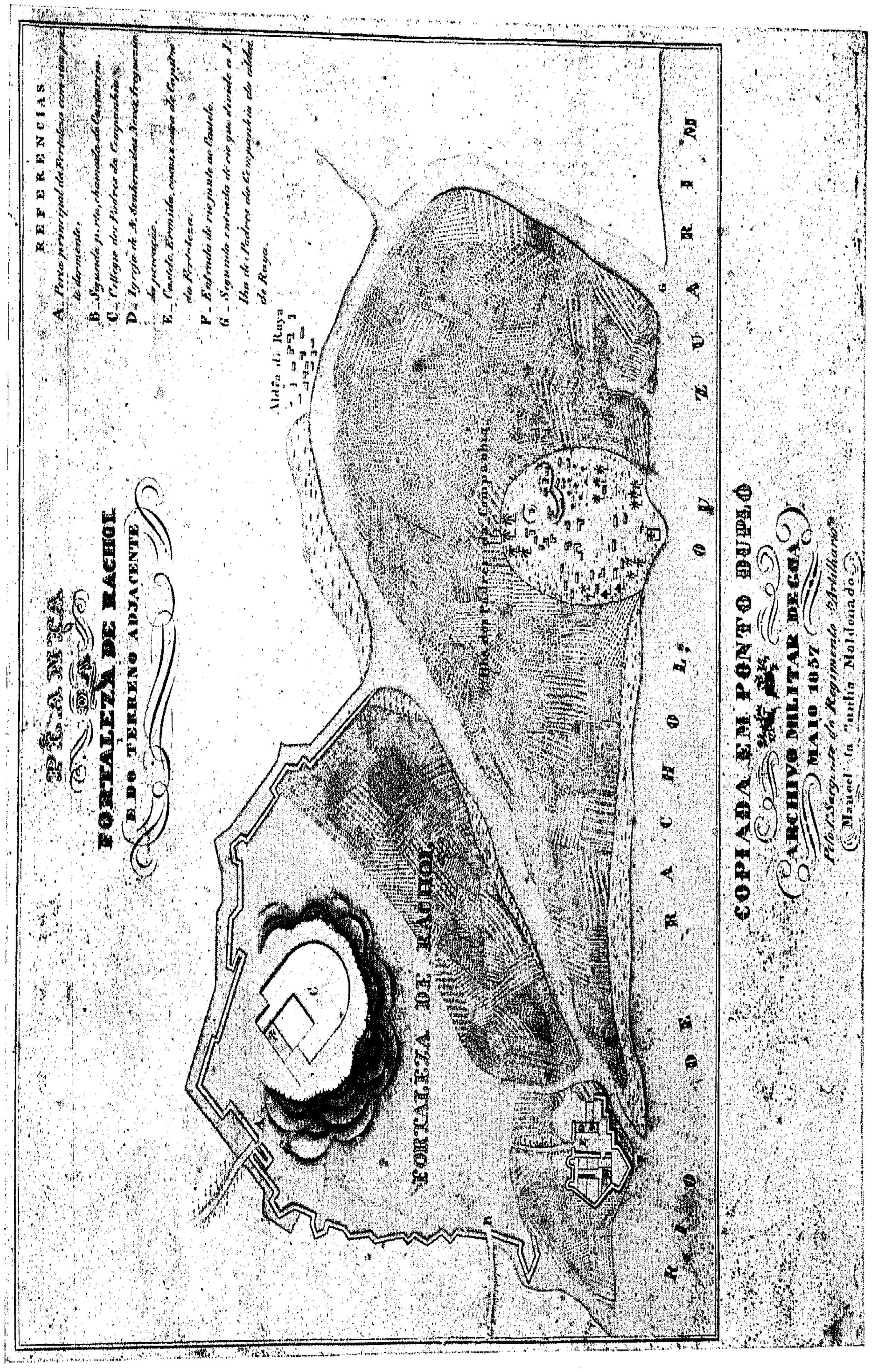
Além destas plantas, possuimos a descrição de Bocarro, publicada no Arquivo Português Oriental, nova edição, Volume II, Tomo IV que diz:

> "A Fortaleza de Rachol está nas terras de Salsete 5 leguas pelo rio acima de Gôa; à borda dele feito um baluarte grande sobre o rio nas costas do qual estão umas casas grandes de sobrado onde mora o Capitão que tambem ficam servindo de fortaleza; no dito baluarte estão 5 pessas de artilharia de ferro e para a banda da terra lhe fica outro baluarte pegado as ditas casas em que não está por ora nenhuma artilharia".

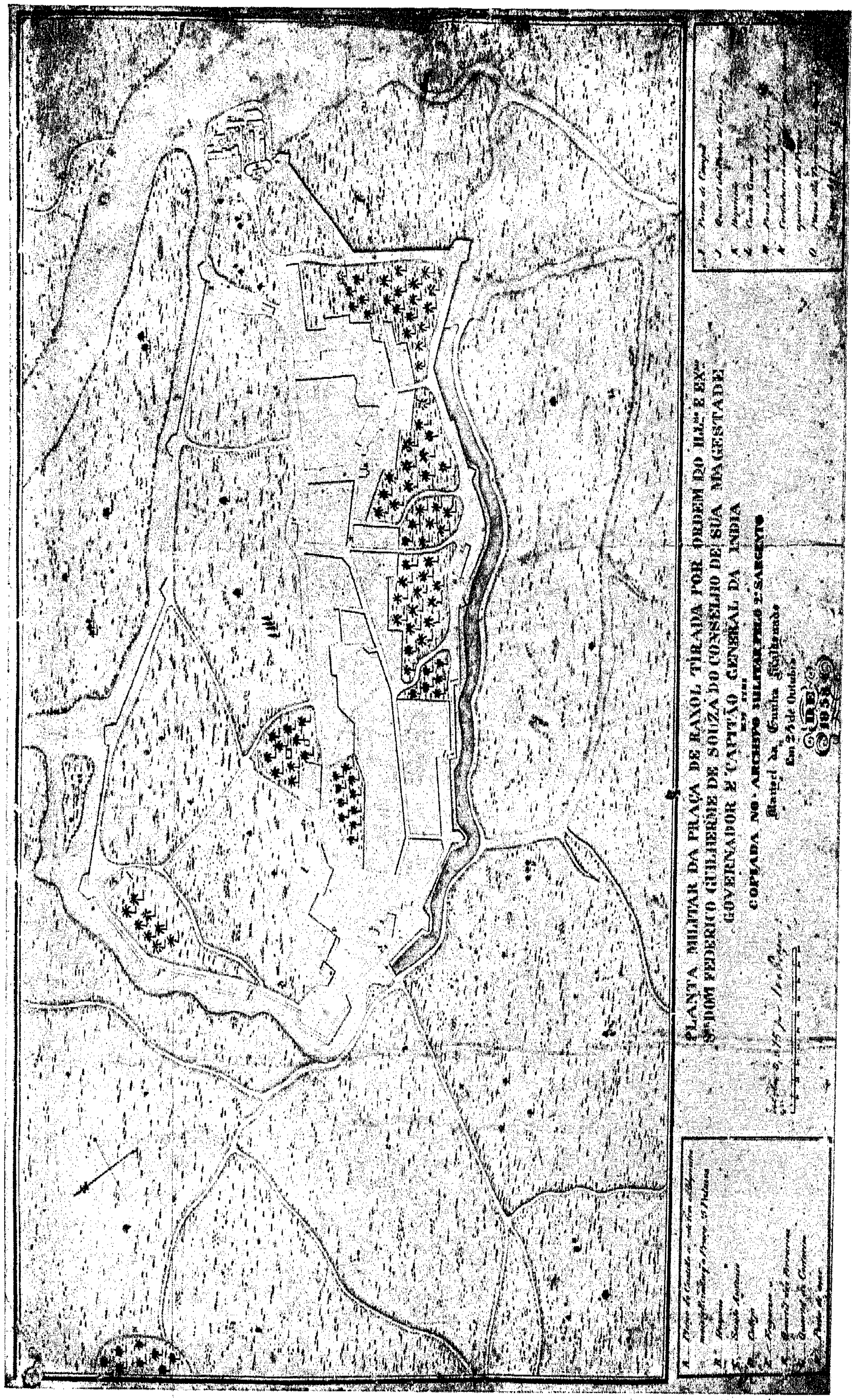
Na Instrução do Marquês de Alorna, encontra-se uma vaga referência nos seguintes termos:

> "Praça de Rachol—Pertenceu ao Idalcão, foi conquistada por Chrisna Rao e entregue ao governador do Estado Diogo Lopes de Siqueira. Ela foi reformada em 1604 e pela segunda vez em 1684. Ainda no principio do século 18 se fizeram muitas obras na Praça, e no fosso."

O traçado exterior da fortificação é perfeitamente concorde com a Planta de 1781. Existe quási intacto o arco que formava



Planta da Fortaleza de Rachol



Planta da Fortaleza de Rachol

a porta *Principal* ou *Porta do Campo* (fotografia n.º 3, junta), cujos batentes eram armados de pregos ponteagudos, defeza contra os elefantes. Da porta de *Curturim*, a outra das duas únicas entradas do recinto pelo lado da terra, bem como da *Porta do Mar*, que dava acesso ao Castelo pelo Rio, já nada existe. Ainda hoje se entra na ilha pela ponte dormente que atravessa o fôsso, direito à porta do Campo.

Dos principais edificios que existiram da Ilha, nos seus tempos áureos resta-nos, por agora, uma pequena documentação.

Igreja de Rachol

Fundada pelos Padres da Companhia, em 1557, e reedificada em 1584, foi a primeira igreja de Salsete. Tem quatro altares. O altar mór é dedicado a Nossa Senhora das Neves, orago da igreja; os colaterais ao Crucifixo e a Santana e o quarto no corpo da igreja ao Senhor Morto.

Na sacristia há três vestiárias antigas e um curioso tabernáculo representado em um coração abrasado (fotografia n.º 4, junta). Estão sepultados na igreja alguns fidalgos entre os quais um tal Gaspar Fs. de Santarem benemérito da igreja, cujo epitáfio, que se encontra em frente do altar do Bom Jesus diz:

> AQUI JAZ GASPAR Fs. NATC
>
> SANTAREM Q FEZ HERD Ro.
>
> A BOM JESUS - D H B Z S.

Também fôram sepultados nesta igreja os mártires de Cuncolim e o seu epitáfio conserva-se nas escadas do altar mór.

Seminário Real (1)

Edificado entre os anos de 1622 a 1640 com a denominação de *Colégio*, pelos Padres da Companhia, à custa dos bens dos pagodes derrubados em Salsete pelo Capitão do Forte de Rachol Diogo

(1) Hoje Seminário Patriarcal de Rachol.

Rodrigues e doados para êsse fim por El-Rei D. Sebastião por Carta Régia de 21 de Março de 1569.

Na portaria do Seminário vêem-se as armas reais com o timbre dêste Rei ladeadas por uma esfera armilar e cruz de Cristo.

Na sala Principal do Seminário sobressai um retrato do mesmo soberano em tamanho natural montado num corcel. No páteo do cláustro existe uma grande cisterna. O estado de conservação de todo o edifício é digno de louvor, mas últimamente estão sendo restaurados a tinta de óleo e muito sem orientação artística, pelos próprios alunos do Seminário, os quadros murais que ornamentam os corredores. Êstes quadros teem um sabôr antigo muito interessante, que a todo o transe conviria conservar.

Capela de St.º António

Já não existem as suas ruínas. Foi o primeiro templo cristão em Salsete. Ultimamente foi construida uma capelinha, defronte da primitiva, abrigando o cruzeiro do seu adro já mutilado, e cuja cruz é de granito.

Por Portaria de 31 de Setembro de 1834 foram encorporados nos próprios nacionais os bens desta capela e pela de 25 de Novembro de 1856 aprovada a sua extinção.

A imagem de St.º António passou para a capela da Nossa Senhora da Glória da Ilha de Rachol.

Hospício de Porciuncula

Na fralda do outeiro que sobressai na orla Sul, entre a Porta do Campo e a de Curtorim erguia-se êste Hospício, de Porciuncula.

Fundado, em 1751, pertenceu aos Religiosos franciscanos recolectos. (1) Aqui foi sepultado o herói de Pondá Henrique Carlos Henriques.

Existe aí uma peanha e uma pia de lavar as mãos, e duas ou três pedras de moer, tudo de granito.

A peanha merece ser conservada no museu como curiosidade,

(1) *Os Franciscanos no Oriente e seus Conventos*, R. M. Teles.— *Oratórios privados*, Pe. F. X. G. C. no *Heraldo* de 20 de Outubro de 1938.

bem como uma trave de granito lavrada de estilo hindú provávelmente pertencente a um dos pagodes demolidos e existente perto dum poço na trazeira da Igreja Paroquial.

A paróquia de Rachol contava, no Século XVI uma população de 5 a 6.000 almas, na qual se destacavam numerosos fidalgos.

Em 1588 era "o ponto mais bem defendido de tôda a Província, praça cercada de formidáveis muralhas em linha tríplice, munida de 200 peças de artilharia grossa, guarnecida por 400 soldados de cavalaria, 8 mil de infantaria e 20 elefantes......" (1).

Mais tarde a artilharia aparece reduzida a 100 peças de vários calibres, e uma columbrina de bronze do tempo de El-Rei D. Sebastião, montada no vértice do baluarte que olha para as terras de Pondá. Êste armamento desce em 1832 para 65 bôcas de fogo.

III—O estado actual do monumento

A robustez de construção das suas obras militares permite definir perfeitamente ainda hoje o traçado e a constituição das muralhas, principalmente na parte que vai da antiga fortaleza (E) até à Porta do Campo (I) (fot. n.º 2). Em todo êste trôço, todos os baluartes estão de pé e conservam nítidamente as suas características, admirávelmente concebidas em vista do papel que desempenham no flanqueamento das cortinas. Não se veem contudo quaisquer obras de protecção do armamento e do pessoal (parapeitos) que certamente teriam existido, a menos que fossem oportunamente constituidas de cestões, como foi muito de uso no século XVIII embora na fortificação passageira e na semi-permanente. (2)

A muralha de terra, da largura de 20 jardas, está quási intacta entre o terceiro e o quarto baluarte (a partir de K). Entre os dois primeiros baluartes existe apenas um valado, naturalmente conservado como protecção da várzea contra a enchente do fôsso. A parte que fica entre os dois baluartes de frente de F. foi destruida, e aterrado o fôsso, transformado em várzea ou palmar (fot. n.º 5). O baluarte longo, bem como o baluarte pentagonal,

(1) *Monografia do Seminário Patriarcal de Rachol*, 1935.

(2) E' possível que a Fortaleza de Rachol, desta época, tivesse um carácter de fortificação semi-permanente, pelo menos provisóriamente, emquanto não fossem completadas as suas diversas obras.

antes da Porta do Campo, estão bem conservados, mas a muralha entre êles está quási destruida assim como a parte que liga êste baluarte pentagonal à porta, que quási se não define.

Tudo o que fica a S. da porta quási desapareceu, estando os baluartes quási desfeitos, não se percebendo vestígios de muralha e tendo o fôsso sido também transformado em várzea.

O resto da muralha que vai até à antiga fortaleza, ao que pareçe nunca foi sobreelevada, ou se o foi nada há no terreno que o documente. E' muito possível que a defeza da ilha, por êste lado, se servisse mais do outeiro que aí sobressai, do que própriamente dum parapeito de terra, como sucede dos lados de N. e de E.

Na face que olha para E. apenas se vêem os alicerces do muro de suporte. Com certeza a terra foi aproveitada em benefício do terreno pantanoso que lhe fica em frente.

O fôsso é uma obra grandiosa, que mostra bem a largueza de concepção que orientava a arquitectura militar do século XVIII, sobretudo quando servida por um génio da envergadura do Marquês de Alorna.

Das portas de Curtorim e do Mar nada se vê; da do Campo existe o arco mais ou menos bem conservado, se bem que já a caminho da ruina. A ponte de acesso está bôa e a sua conservação é assegurada pelo uso que ainda hoje se faz dela.

Da vélha fortaleza primitiva existem apenas as bases das tôrres redondas que a fotografia n.º 1 mostra muito nítidamente; e um arco que liga uma das tôrres à Igreja Paroquial e que, segundo a tradição, teria sido a porta de entrada do lado de terra. Conhece-se também a sobreelevação a que se refere a planta de 1781.

Os locais onde foram os quarteis F. e G. (fot. n.º 2), estão assinalados pelos seus alicerces, mas naturalmente destinados estes a desaparecer. O quartel J, bem como a casa da guarda L, foram possívelmente transformados nas casas em que hoje habitam os pupilos do Seminário. Também existem vagos vestígios do Hospício (B).

Em conclusão: identificada com a planta de 1781, a Fortaleza de Rachol está em muito regular estado de conservação, para o que seria de prevêr depois de muitos anos de completo abandôno. E' uma ruina histórica com grande capacidade de exploração para o estudo de qualquer assunto que careça de identificação in loco, principalmente de carácter militar. Além disso é um documento muito interessante, a juntar a tantos outros que possuimos como

testemunhos do que foi a nossa arte de fortificação nos séculos XVII e XVIII, quando os holandeses por uma parte e os maratas por outra nos forçaram a medidas de defeza territorial de maior vulto. Crêmo-la digna da atenção e do interêsse da C. P. A.

IV—Propostas e Alvitres

1)—A forma de garantir as ruinas de Rachol,—como muitas outras que existem *ainda* no nosso território, contra os vários atentados de destruição, sobretudo contra a cobiça dos materiais de construção,—será entregar a sua guarda e fiscalização à autoridade civil (regedor). O. Q. G. poderia talvez exercer estas funções, como faz com algumas outras fortalezas, mas não só em Rachol existe muita coisa mais do que os restos da fortaleza, que não tem razão de estar sob a guarda das instituições militares, como acresce que o Q. G. não disporia para isso senão dos comandantes dos postos policiais, a cuja categoria intelectual se não pode pedir uma responsabilidade consciente em assuntos desta natureza.

Crêmos que o regedor de Rachol,—como a maioria dos nossos regedores,—poderia muito bem desempenhar as funções de delegado da C. P. A., com a autoridade necessária para impedir os atentados, e o discernimento para informar, por meio de comunicações especiais quando necessário, e de um relatório, anualmente, o estado de conservação, alterações que se dessem e providências que se tornassem necessárias. A êste regedor, como base, seria desde já fornecida uma cópia do presente relatório.

2)—Conviria assinalar por meio de marcos, os locais em que se encontram ainda os vestígios da que atrás nos referimos (quarteis, hospício, portas, etc, etc).

3)—Torna-se necessária uma vistoria de cáracter técnico às ruinas da Porta do Campo, com o fim da tomar as necessárias medidas para a conservação do arco.

4)—Igualmente seria conveniente mandar procurar e pôr em destaque a sepultura do General de Pondá Henrique Carlos Henriques, no Hospício de Porciuncula.

5)—A Igreja Paroquial de Rachol, pelas suas tradições e pelo seu recheio, está em condições de ser considerada monumento nacional, passando assim a sofrer um certo contrôle da C. P. A. quanto a obras que nela se façam e quanto à catalogação e conservação dos seus haveres, uma vez que esta igreja está pouco menos do que abandonada.

6)—Adoptado o alvitre a que nos referimos na alínea 1), competiria ao regedor promover a limpeza e conservação das ruinas segundo um plano dado pela C. P. A., e pelos meios que, legalmente, podem ser utilizados, ou, na falta dêstes, por meios próprios, pagos pela verba orçamental de conservação dos monumentos.

7)—A C. P. A. deveria nomear um seu vogal para fazer anualmente, em época apropriada, uma visita de inspecção a êste monumento, como a outros, bem como exercer a sua fiscalização imediata sôbre as obras de reparação que êsses monumentos hajam de sofrer.

8)—Encerrando aqui êste relatório da nossa visita à Fortaleza de Rachol,—o qual julgamos muito incompleto e muito deficiente,—somos em propôr que outras visitas semelhantes a esta sejam ordenadas oportunamente, e promovidos os meios de se levar tão longe quanto possível o estudo da história dos nossos monumentos, a elaboração de planos e a adopção de medidas para a sua conservação, e a propaganda do seu culto, para honra das nossas tradições e em benefício da nossa cultura.

C. P. A., Nova-Gôa, 15 de Dezembro de 1938.

Major Ruy de Menezes
Ricardo Michael Telles

BIBLIOGRAFIA

Comentários de Afonso de Albuquerque
Faria y Souza—Asia Portuguesa
Barros—Décadas da Asia
Gaspar Correa—Lendas da India
Pe. Francisco de Souza—Oriente Conquistado
Cláudio Lagrange Monteiro de Barbuda—Instruções del Rei D. José I.
Celestino Soares—Bosquejo das Possessões Portuguezas no Oriente
F. N. Xavier—Instrução do Marquez de Alorna a seu sucessor Marquez de Távora.
Lopes Mendes—A India Portugueza
David Lopes—Crónica de Bisnaga
Swell—Forgotten Empire
Pissurlencar—Portugueses e Maratas

Os Milagristas

Subsídios para a sua história

POR

Nicolau João J. de Menezes

1714

Relação da Missão de Ceilão que administrão os Padres da Congregação do Oratorio de Santa Crus dos Milagres da Cidade de Goa, para se apresentar a Sua Magestade que Deos Guarde pela Junta das Missões.

—Anno 1714—

Chegarão o anno passado as Cartas dos Missionarios de Ceilão bem tarde, e por differentes vias, porque huns as Remetterão a Tutocarim, e outros por não acharem modos para isso o buscarão para as mandar no Barco de Macao, que quasi sempre da volta para esta Cidade aporta a Columbo. Todos dão boas noticias daquella christandade, e para se referirem nesta Relação com toda a sinceridade vão nella copiadas as proprias cartas dos Missionarios, omittindo alguns Capitulos das Saudações, e de outras couzas particulares que não fazem ao cazo.

Copia da Carta que escreveo o Padre Jozé de Menezes da Congregação Vigario Geral da Missão de Ceylão e Superior dos Congregados nella assistentes, o qual corre por hora com a christandade de Potulão e seos destrictos ao Padre Manoel de Miranda Preposito da Congregação.

As novas desta Missão são muito boas, todos os Padres andão missionando. O Norte desta Ilha, a saber a de Japhna

até Battecalor corre por conta do Padre Pedro da Saldanha que hora tem hido a Japhna. Mantota vay ja dando alguma Saude ao nosso amado Padre Pedro Ferrão despois de o fazer padecer algo mais do que Vossa Reverencia sabe. O Padre Basilio Barreto continua as suas Missões, e tem tido com a Divina Graça admiraveis successos. O Padre Miguel Francisco fica por hora em Pottulão muito perseguido de sarnas e experimentando sobre ellas as repetições de erysepela, mas ainda assim não deixa de attender as suas obrigações, e incumbencias do seo Ministerio com fervoroso espirito.

Tenho separado a Missão da Candia a que tenho agregado a do Columbo e Nigumbo com poderes do vigario da vara ao Padre Jacome Gonçalves dando-lhe por coadjutor o Padre Ignácio de Almeyda de que ordinariamente participa dos favores do Rey de Candia, e no seo serviço he muito occupado, e os dias atras teve a fortuna de receber das reaes mãos hum chunambeiro de prata de seu uzo; e como os mais privados rarissimas vezes chegão a conseguir semelhante fortuna a do Padre Ignacio, aplaudirão tanto, que chegarão a dizer que o dito Padre era o totum para o dito Rey.

O Padre Jacome Gonçalves tem já aperfeiçoado a sua composição de Alpaderia em chingala, fazendo-a emendar, e apropriar nos vocabulos, e cadencia delles pelo Adigar que esta já inclinado para se converter a nossa Santa Fé com toda a sua familia posto que the aprezente o não tem feito por certos respeitos do mundo mas já se declarou com o Rey que era catholico. O dito Padre Jacome Gonçalves achou huma das antigas puranas em poder de Duarte Arache com que de prezente se acha muito occupado em traduzilla na lingua vulgar, e empregala reduzindo a a melhor methodo e mais facil. O Padre José Gomes já nesses seos principios começa dar grandes indicios dos progressos que obrara por elle o braço Divino, ao diante nesta sua dilatada vinha, e já quando hia por minha ordem a Candia com sua tosca practica falando com huns de Japhna que trazer betle para vendelo, converteo a hum, e o baptisou, e a outro me enviou a Potulão e sahindo de Candia para vacatto dao baptismo a huma familia inteira / cousa que os Missionários que tem mais continuação nesta terra tendo trabalho por muitos dias envestigado varios modos não puderão conseguir, com que alcanço que

dignas de reparo, como tãobem me escreve o Padre Jacome Gonçalves.

O meu Barro velho tãobem tem feito suas sahidas despois de algumas promessas não cumpridas supprimindo o desejo a successão continua dos achaques que padeço e dos annos de que me vejo carregado, espero porém na bondade de Deos me dê sua graça para me não abstrahir da occurrencia das necessidades a que devo accudir pelo que me esta encarregado por obediencia a que submettendo os cançados hombros suplico a Vossa Reverencia o subsidio das suas orações para com alentado esforço passar os dias nesta Missão em que os trabalhos são continuos os sustos perpetuos, e as necessidades dos Missionarios bem grandes para cuja comiseração para que attenda ou como seu vicegerente deve tãobem Vossa Reverencia ajudar-se de mim do modo que lhe practiquey especialmente supplicando a Serenissima Magestade de Portugal cujos indignos mas leaes vassalos somos ponha os piedosos olhos nas necessidades tão ingentes destes pobres operarios que trabalhão nesta vinha do Altissimo de cuja mayor cultura e multiplicidade do fruto resultara ao nosso Serenissimo Rey e Senhor mayor gloria e esmalte mais lustroso a sua Real Coroa.

O Padre Pedro da Saldanha ja se vay cançando e necessita que tenha muito cuidado do seu corpo porque doutra sorte a cada passo adoece, e lá os médicos são raros as medicinas muy custosas e as nossas posses Vossa Reverencia Bem conhece que se não estivera cá, e não experimentara o que experimentamos necessitara eu de papel mais extenso para o manifestar a Vossa Reverencia / mas o dito Padre Pedro de Saldanha com o favor de Deus tirando forças da mesma fraquesa não largou thé hoje a mão do arado nem teve intento de olhar para traz com que todos se não deixão de admirar da valentia do seu espirito.

Os mercadores de Potulão chamados Xettis parece me induzidos do nosso inimigo Mouro ordirão contra mim huma desemcabida contenda dizendo que os tinha offendido ou a sua casta dando de casar huma mulher publica que elles chamão Tary com o filho de Xayacarem de Vany por nome Francisco. Vossa Reverencia esteve em Potulão porque o casamento se fez sendo o Braço do Altissimo assiste ao dito Padre com sua particular manutenção, pois vejo que vay obrando por elle algumas cousas

Vossa Reverencia ou o Padre Pedro Ferrão Vigario, e eu vindo de Alambil, e fizemos o casamento já despois de bastantemente regeitados os contrahentes visto que a dita mulher era então gentia, e andava occasionada com o dito Francisco e porque ultimamente se converteo, assim ella com a Sua May se deu de casar com o dito Mancebo que suposto uza de officio de maynatos que he baixo, e elle filho de Marava por Pay, e por May Belala, mas as rixas que contra nos traz o nosso adversario Mouro, e as peitas que derão os Xettis aos de Sua parcialidade fizerão causar hum desatino desmarcado, porque levada a mulher no Mutrecuddam (que he lugar onde se ajuntão os vannias juizes daquella terra para dar audiencia, e differir as partes) apresentando os Xettis outro marido que era gentio querião que fosse elle baptisado, e casado com a dita mulher, e annullando o casamento por nos feito : logo os forjados disserão-—fiat— e os xattis sem respeitar o lugar puxando a mulher de cabellos com muita crueldade atirarão fora, sentirão disso os nossos vannias christãos e fizerão que estivesse depositada a hum delles de noite lhe deo guia e traca para fugir o que ella fes com destresa acoutando-se ao sagrado; filla / recolher na Igreja, e a entreguey na mesma noite ao legitimo marido, e com isso ouve em Potulão hum dia de Juizo.

Ajuntarão se todos os Mouros e os Xattis, e os mais excepto os christãos, e dizendo offendera eu a justiça por ter amparado a mulher na Igreja, impedirão ou suspenderão todos os differimentos, pesca, navegações de manchuas deixando de dar o peixe até a gente do Rey que la ficava como quem querião accumular contra mim caso de Sua Magestade. Aos nossos vannias que vinhão continuadamente metter me medo disse eu que era verdade que a dita mulher tinha lá chegado porém se cuidarão que estavão na Igreja elles mesmos a buscassem e a dita mulher enviey com os xagacares que são os tintareiros a Candia, onde ainda não estão diferidos mas os nossos Padres tem já informado ao Dissava por via de Adegar, e ainda que entendo que nos custava algum mimo confio na bondade de Deos hade acabar este negocio muito em nosso favor para credito de sua Santa Ley.

O Modeliar Dom Affonço Pereira com seu irmão foi mandado a Batavia por ordem que della veo, como tão bem forão o Dissava de Columbo que estava deposto, o Dissava de Japhna o Commendador de Gale e todos os mais que assim estavão arguhidos para lá requererem a sua justiça. A gente dos lugares por onde Vossa Reverencia Missionou, e principalmente o addapanar deste Vellevally com sua mulher estão suspirando por Vossa Reverencia, e me rogão que trabalhe e faça quanto puder para que Vossa Reverencia torne cá e que só com a sua vinda poderei eu hir a outra parte.

O Governo dos holandeses he o mesmo que Vossa Reverencia vio porem o impeto esta abrandado, e não ha já tantas buscas para nos apanhar senão aos seus mesmos em os seus officios. Os nossos amigos e devotos Victoriano de Barros Leytão passão de saude, e com ella tãobem passão todos os Padres the o prezente a todos nos ficamos rogando a Deos pela vida e saude de Vossa Reverencia e dos mais Padres nossos Irmãos aos quaes todos em —geral e a cada hum em particular cordialmente suplico me aceytem os affectos que nesta vão cifrados e que roguem por mim a Deos que guarda a Vossa Reverencia. Vallevally. 24 de Fevereiro de 1713.

Copia da carta que escreveo o Padre Jacome Gonçalves que corre a Missão de Candia ao Padre Manoel de Miranda Preposito da Congregação.

Vim a esta Cidade nova de Angrequista onde de presente assiste o Rey no mesmo dia em que o Padre Ignacio de Almeyda sahio della para hir a Citavaca a hum certo serviço do mesmo senhor, encontramo-nos ambos no meyo do Caminho e em chegando eu a cidade me vio de longe o Rey e perguntou por mim, e no seguinte dia lhe offertey por mãos de hum Apuamio seu hum mimosinho que o Padre José de Jesus Maria me tinha dado, fiquei na mesma casa em que ficava o Padre Ignacio, mas logo por razão da solidão e por não haver quem tratasse de mim a May do Santo Adigar me levou e me agazalhou com muita honra em casa da sua filha despejando para isso huma Camera; ahy fiquei mais de hum mez e meyo tratando me a dita mulher com affecto não merecido dando sustento continuo a dous moços meus e as vezes a tres não deixando tãobem de fazer o mesmo para as pessoas de fora que me vinhão frequentemente buscar e visto estar eu já como pessoa domestica. O Senhor Adigar se

porta comigo com muita familiaridade.

Supposto com a vinda do Padre Ignacio sahy da sobredita casa e viemos morar juntos, noutra onde primeiro ficava o Padre Ignacio, mas quasi todas as noites e tãobem muitas vezes vou a casa do dito Adigar para conversalo mais das vezes janto na casa de sua May. Com a referida familiaridade, e concurrencia o dito Adigar se abre mais comigo, e me descobre as cousas de sua conciencia, e de prezente estou tratando para lhe fallar nas cousas de nossa Santa Ley, e / propor-lhe a necessidade que tem de abraçar para o bem de sua alma. Deos me assista com sua graça para que o possa faser como devo, e como me vejo todo obrigado a seus primorosos agasalhos e de sua May não deixo de me Confessar devedor a seus affectos para cujo desempenho Suplico a Vossa Reverencia se sirva de mandar as cousas que na lista peço valendo-se para o custo dellas de alguns caritativos e devotos pois bem sabe Vossa Reverencia que sem alguma demostração de affecto, não se podem grangear as vontades dos semelhantes que nos favorecem nos negocios da christandade e o dito Adigar a nosso petitorio fes dar a Addapanar a aldea de Timily, e o chito de passaporte aos Tones dos christãos contra todos os empenhos dos barcos com que ficão os christãos muito animados e os Missionarios acreditados.

Estando em casa da Irmã do Senhor Adigar lhe propuz as cousas de nossa Santa ffé, dizendo que pela honra e agasalho que nos fasião não lhes podia melhormente agradecer que com descobrir-lhes o verdadeiro caminho da salvação. Responderão-me que não sabião elles nada para me dizer, nem se atrevião a tanto, mas que o Francês que he o Fidalgo lhes tinha ensinado como previsto na ley que professavão e que quando me vissem praticar com elle e discubrissem as razões pro e contra se inclinarião a abraçar a Ley que acharem ser mais verdadeira: causa porque disse que troxessem ao dito Fidalgo perante mim; trouxerão-no em huma noite, e depois de primeiras visitas metty-lhe algumas perguntas sobre os pontos da Ley que seguia, e ensinava, e mediante o auxilio Divino em poucas palavras o convency de sorte que não poude contrariar-me. O modo como procedi nesta proposta refiro nesta mesma carta para que Vossa Reverencia tenha / della noticia cabal.

Modo como procedeo o Padre Jacome Gonçalves que teve com o Fidalgo o qual tendo vindo em companhia do embaixador Frances ha muitos annos antes de o Rey da França expulsar das suas terras os hereges, ficou em Candia com os mais por o Rey os não largar e andou ensinando a seita calviniana.

Primeiramente lhe preguntey que Ley seguia? respondeo-me que a ley reformada e inquirindo que vinha a dizer com a palavra—reformada—respondeo-me renovada ou feita de novo—preguntey se podia faser algum de novo a ley ou reforma-la sem mostrar ser errada ou falsa a primeira! respondeo que se elle não pudesse mostrar e convencer da errada a Igreja Romana que he a primeira não poderia haver outra Igreja reformada: então lhe disse eu que fosse mostrando os erros que havia na Igreja Romana, e provando com a escriptura o que se não podese faser ficaria convencida de falsa a Igreja que elle seguia.

Em primeiro lugar dise o Hereje que Deos na escreptura tinha prohibido a adoração das imagens de qualquer cousa o que na nossa ley se permittia. Respondi-lhe que Deos tem prohibido as imagens, como Deos, mas não como seus sinaes e representações de seus Santos o que consta claramente porque no mesmo lugar de escreptura diz primeiro assim: não façaes Deoses da maça, não tenhaes perante mim Deoses alheyos, e ao despois: não adoreis nenhuma imagem porque eu sou o vosso Deos: donde ve-se claramente que todo o sentido de prohibir as imagens he de não adorar outro Deos fora delle. E para aclarar mais / lhe perguntei qual era o peccado que aly se prohibia, respondeo-me que o da Idolatria, expliquei-lhe então a definição della com toda a clareza mostrando que o que está prohibido na escriptura he so o culto de Latria dado a Idolo como a Deos verdadeiro, e que não erão prohibidos os sinaes e representações de Deos verdadeiro e de seus Santos que mediante as imagens e pinturas se nos representão.

O Hereje não poude mostrar na escreptura o Contrario, e despois de o convencer com este argumento por confirmação mostrei que não só não tem prohibido Deos o culto /das imagens, mas que o tem mandado castigando aos que o não derão, e gualardoando aos que venerarão as imagens alegando a este proposito o que se dis no Psalmo: adoray o Schabelo de seus paes; pelo qual se entende a Arca de testamento a qual era feita de pao, e contudo mandou Deos que fosse adorada por ser

representação do verbo encarnado, e David a adorou e levou na procissão, cantando, e dançando diante della e os Philisteos que a não respeitarão forão castigados com muitas pragas, e Obededon gualardoado com muitas bençãos pela ter guardado em sua casa com muita honra, e lhe mostrei outros exemplos na mesma escreptura para prova da referida verdade.

Em segundo lugar disse o hereje que tinhamos tirado o segundo mandamento do Decalogo, e que do Decimo tinhamos feito dous porque por segundo mandamento tem posto os herejes aquellas palavras. Não adoraras as imagens etc. pedindo-lhe eu que me mostrase do Texto onde dizia ser este primeiro e aquelle segundo, e aquelle outro terceiro mandamento. Não me poude mostrar porque na escreptura não estão numerados e intitulados os mandamentos, e sendo assim que não devia eu assentir ao seo antojo que quer numerar os preceitos do modo que / lhe parece, e para melhormente convencer lhe preguntey, se quem fizes se um idolo e o adorase como Deos ficava quebrando hum so mandamento ou dous!

Aqui convencido começou a saltar em varios pontos sem poder provar cousa alguma do que dizia e fasendo ruido de palavras desemtoadas como he estillo ordinario de todos os herejes se desfes em ruindades. Então lhe disse eu que aquillo ja não era argumentar senão falar liberdades, e disse aos circunstantes que vissem como estava convencido o seu mestre, e conseguintemente convencida tãobem de falsa a sua chamada reformação visto não poder elle mostrar os erros da Igreja Romana e segundo o Concerto no principio feito.

Convencida de falsa a sua fingida reformação per *deffinição* nem *veritales* Ecclesio Romano quis outra ves claramente mostrar-lhe a evidencia da verdade o positive. A esse fim perguntei-lhe primeiramente quem fora o que reformara a sua ley? Deos ou os homens? certo he que Deos não fes ley reformada, quando primeiro a fes, e como me disse que os homens a reformarão tive fundamento para lhe dizer que elle e seus sequazes seguião a ley dos homens e não a de Deos.

Em segundo lhe perguntey quaes forão os homens que fiserão a Ley reformada? Aqui se mostrou envergonhado, e muito tardio na resposta, porem instado e repreguntado para obviar a nota dos circumstantes, disse que forão Lutero e Calvino,

preguntey que ensinara Lutero acerca do Sacramento da Cea? respondeo que dizia estar nelle verdadeiramente o Corpo de Christo, e perguntado como reformara o Calvino o mesmo Sacramento, disse que ensinara não estar nelle verdadeiramente o Corpo de Christo senão só a figura ou representação delle. logo pedi me disesse qual era a verdadeira reformação, se a de / Calvino, se a de Lutero, e se elle cria a ambos, seguia duas doutrinas entry sy contradictorias, e duas reformações evidentemente falsas; porque segundo o Calvino falso he o que disse Lutero, e segundo o Lutero falso he o que disse Calvino; a isso não teve que responder com que deo de ver muito aos circunstantes.

O mesmo argumento lhe pus sobre aquelle artigo do credo— Desceo aos infernos porque lutero ensina que verdadeiramente a Alma de Christo descera aos infernos, e Calvino dis que não ha tal senão que o Corpo de Christo descera ao sepulcro, e a alma padecera na crus os tormentos do inferno, e como elle me tivesse apontado por reformadores da ley a Lutero e Calvino ambos entre sy tão oppostos foi muito facil para o convencer a faser envergonhar não só neste ponto, mas em outros varios em que os ditos Lutero e Calvino se contrarião: sahio o Fidalgo muito corrido; e a gente toda de casa de Adigar e sua May ficou perdendo o conceyto que tinha de seu mestre, e se mostra muito inclinada a nossa Sancta Religião e se the o presente a não tem abraçado he por huns respeitos humanos pelo que devemos pedir muito a Deos para que lhe assista com seus auxilios, e vencam as difficuldades que o demonio como inimigo de nossas almas lhes fas objectar, e tudo seja para mayor gloria do mesmo Senhor. Amen.

Tanto que Vossa Reverencia sahio desta Missão lhe escrevemos eu e o Padre Ignacio sobre hum diamante bom que o Rey deseja ter de que se os Olandeses tiverem alguma noticia bem sabe Vossa Reverencia os excessos com que o buscarão, e o apresentarão ao Rey, mas elle por Sua Soberania não quer que lhes chegue esta nova, e por os do seu Palacio lhe diserem que nos por sermos de Goa lho poderiamos inculcar pela confiança com que se trata ja comnosco nos mandou dar de saber: / Vossa Reverencia considere o peso deste negocio, e fallando com alguns devotos e caritativos que desejão o bem desta Missão trabalhe

para mandar a dita pedra que bastara ser de mil quinhentos até dous mil xerafins.

O Rey não reparara em dar o custo da pedra, mas veja Vossa Reverencia se nos será conveniente aceytalo, porque ainda que elle nos reconhece por pobres nestas terras avalia-nos por muito favorecidos e abastados nas nossas, e que viemos cá buscar só o bem das almas. Alem de que assim o teremos mais inclinado a favorecer aos christãos, e a honrar aos nossos Missionarios que dependem tanto do abrigo do seu braço para se defenderem dos Herejes Olandeses que sempre buscão traças para nos lançar fora desta Ilha e para as nossas Igrejas e Ermidas serem respeitadas, e menos perseguidas dos Mouros e gentios que esperão occasiões e opportunidades para nos malquistarem com o dito Senhor, e ainda que confiamos na piedade de Deos que de todos os males nos hade livrar, não devemos deixar de aplicar tãobem os meios humanos sobre tudo Vossa Reverencia que tem tanta experiencia desta terra dispora o que entender ser mais acertado. Dou tãobem conta a Vossa Reverencia de como nos vay faltando despesa para as obras começadas de Ulpadessa e purannas, as quaes não posso acabar de vencer sem escrivães destros que custão. Escreveo me o nosso Padre José de Jesus Maria que o Senhor Bispo de Cochim mostrara vontade de me ajudar com alguma esmola só afim de que não ficassem estas obras sem se aperfeiçoarem pela indigencia do dinheiro sabendo o dito Senhor que dellas hade resultar a Deos muita gloria e a esta christandade (muito respeito digo) muito proveito espiritual visto haver pouco ou nenhum Lume em lingoa chingala das cousas de nossa Santa fé que importa que os christãos saibão, e principalmente estes nossos que vivem entre gentios Mouros hereges, e outros sectarios. Vossa Reverencia faça lá / as diligencias para isso. Declara-se que a Pedra que os Padres pedirão não mandou por a Congregação não sentir posses para isso, nem forão as despesas para as Composiçoens.

Da sabida do Padre Ignacio a Citavaca por ordem do Rey e de alguns especiaes favores que o dito Senhor lhe faz darão a Vossa Reverencia noticia o dito Padre, e o Reverendo Padre Superior das necessidades que cá experimentamos; eu só digo a Vossa Reverencia que alguma esmola das Missas que de quando em quando nos chegava de Columbo e de Japhnapotão ha bastan-

te tempo que nos falta, e como cá não ha outra receyta como Vossa Reverencia sabe considere o estado em que estaremos. A todos os Padres e Irmãos Saudo em Christo e a Vossa Reverencia peço me deite a sua sancta benção e rogue por mim a Deos que guarde a Vossa Reverencia etc. Candia 8 de Septembro de 1712.

Copia da Carta que escreveo o Padre Basilio Barreto que corre com a christandade de Manar, Mantota, e Vany ao Padre Preposito da Congregação.

Despois de me despedir de Vossa Reverencia no mez de Junho da Talamanar vim a Pejali porque huma filha de Ignacio da Crus chamada Piche estava com o demonio no Corpo e com tão grande força que toda aquella povoação não tinha socego de dia nem noite pelos grandes gritos e matinada que fasia hora saltando hora atracando com os da Casa, e com os de fora que lhe chegavão perto com que se achavão seus parentes e visinhos notavelmente molestos; porem com o favor de Deos no terceiro dia do exorcismo que fis em seu sanctissimo e poderosissimo nome levando-a a Irmida da Senhora das Neves em presença de todos quebrando as Arvores que ficavão junto a ella com grandissimo estrondo sahio o Demonio do Corpo de mulher de que rendemos ao Author de todo o bem infinitas graças pelas misericordias que nos fas, e maravilhas que obra a favor destes novos christãos e the hoje a boa da Piché não mostra sinal algum ou indicio do mal que padeceo.

Constrangido do preceyto com que Vossa Reverencia nos ordena mandamos noticia cada hum de Sua Missão e dos sucessos que nella Deos obra para gloria do mesmo Senhor, referirey alguns que elle foi Servido obrar tomando a este miseravel e indigno congregado por instrumento. O Vannia Panthagantty de Pejaly a quem Vossa Reverencia conhece havia mais de um anno andava endemoniado por os seus contrarios (por humas certas differenças que tiverão) faserem com feitiços entrase nelle o Demonio, que não só o tratava mal senão que tãobem invisivelmente queimava o rosto de huma filha sua, e o tinha redusido a huma chaga viva muito horrenda e medonha a vista; os seus parentes despois de lhe aplicarem quantos medicamentos podião por não haver remedio, e vendo que os Padres por razão das perturbações dos herejes

havia tempo que não podião chegar a aquelle Lugar, alguns que não erão tão bons christãos com conselho de huns feiticeiros se resolverão a faser outros feitiços para desfazer os primeiros, porem por mais que trabalharão tudo foi debalde.

Neste tempo tendo eu vindo de Cottiar por achar oportunidade entrey em Manar para faser algum serviço por aquelles Lugares; Levarão-me os christãos hum dia sem me darem noticias algumas a povoação e a propria casa do endemoniado sahio me elle a receber com huas cortesias muy differentes das que se costumão faser outros christãos aos Padres, reparey e perguntey aos que tinhão vindo em minha Companhia que homem era aquelle?

Então me derão a relação do Caso, chameyo perto e lhe fui fallando das cousas de Deos; assanhou-se o demonio com esta practica e se alterou de sorte que me disse ultimamente que se eu vinha com a espada tãobem elle a tinha e que sahisse com elle a Campo.

Temmy considerando a minha indignidade mas pondo toda a confiança em Deos, e que não deixaria de accudir a este indigno Ministro seu para Gloria de sua Santissima / Ley, e confirmar nella a muitos que se achavão presentes encomendando-me ao mesmo Senhor e a sua May Santissima tomey a sobrepelix, a estola, e humas disciplinas, e comecey o exorcismo, fasia o demonio grandes protestos pela boca do endemoniado que estava agarrado de quatro homens e dizia assim: olhay que esta terra he dos olandezes, e este Padre sendo Catholico, entrando nella quer matar a este homem todos sejão testemunhas que eu protesto que hade haver huma grande tribulação: os christãos ficarão com medo ouvindo estas palavras, mas eu animey e vendo o Demonio que não desistia eu do exorcismo, me disse que se queria que deixasse aquelle homem lhe desse palavra de ter aquelle cuidado; respondi que isto não lhe importava e que sahisse elle primeiro que o tratar delle a my me incumbia por officio por ser outro christão, pedio-me lhe desse a mão de que assim o fasia e que sem isso não havia de sahir, e tanto que eu lhe dey cahio o homem com estrondo tão grande que parecia vinha alguma torre abaixo e ficou tão esmorecido que os circumstantes temerão de que morresse: appliquey-lhe a agoa benta e lha dey tãobem a beber e lhe botey ao pescoço huma reliquia, e despois de hum largo tempo tornou em sy sem se lembrar de cousa alguma do que tinha passado.

Demos todos graças a Deos, e na mesma noite administrey ao homem o Sacramento de Confissão, e disse missa em sua casa em acção das Graças: a sua filha lavei-lhe o rosto com agoa benta e lhe rezey hum Evangelho de S. João com que brevemente ficou sãa e o Panttagantty desde aquelle dia me andou acompanhando nas Missões perto de hum mez por amor de ouvir Missa todos os dias, e de noite as ladainhas, e mais exercicios que costumey faser para que armado deste subsidio espiritual não tivesse animo o Demonio para outra vez faser nelle a presa. Despois disto ajuntey todos os complices nos feitiços, e dando-lhes documentos e penitencia como o cazo pedia os absolvy.

Os dias passados Succedeo outro caso, e foi que hum homem da Casta Balea morador em Mulemgandde semeou sua vargia de Nachinim nos mattos ou palava como elles chamão no melhor / tempo por entrarem nella os bichos em quantidade para os faser sahir fiserão offertas ao Diabo com as quaes se multiplicarão de sorte que forão destruindo todo o semeado, hum dos filhos deste homem apanhou hum bicho daquelles e o troxe a casa para de tarde vir com elle em busca do Padre como fasem os christãos, e como se recolhese cançado se deitou a dormir e pegou no sono e ao despertar delle lhe apareceo o Demonio em figura de huma mulher, e mettendo lhe os dedos nos olhos os cegou de ambos e lhe disse porque razão e honra que lhe fazião primeiro offerecendo-lhe Sacrificio a desfasião levando o Bicho para o apresentar ao Padre e que porisso lhe dava aquelle castigo privando o de vista. Ditas estas palavras desapareceo o demonio e o homem comessou sentir grandes dores e afflição.

Vierão logo alguns e me noticiarão do Cazo. Sahy a toda a pressa e fuy a sua Casa, e informando me delle e tãobem de sua mulher lhe disse que abrisse os olhos disse-me que não podia perguntey-lhe quem era Deos, respondeo que elle não sabia, e como eu lhe instasse a que dissesse Padre Filho e Espirito Santo tres pessoas e hum só Deos verdadeiro, ateimou se com sanha que tal cousa não havia de dizer dei-lhe algumas disciplinadas com que abrio os olhos, e perguntado quem era! Disse logo que era Demonio chamado Patragally. Rezey sobre elle o Evangelho, e algumas orações mais, e repetty as disciplinadas, e com estas diligencias sem mais ceremonia alguma sahio logo o Demonio ficando delle livre o homem com os olhos sãos de que no mesmo

lugar rendemos as graças ao Autor de todo o bem.

Despois disto me levarão para a sua vargia aonde eregi Altar e disse Missa, e logo no dia seguinte com grande goso e alegria me vierão contar que a quantidade de bichos se hia deminuindo, e desaparecendo. Com estes e outros successos que Deos obrou totalmente se desareigou dos corações da gente de Manar a maligna faisca que a seita do maldito Janico tinha lançado, e a dita gente como tãobem a de Mantota tem cobrado grandissima devoção a este peccador para cuja confusão entendo obra Deos a cada passo semelhantes prodigios/ de que não só eu, mas tãobem Vossa Reverencia e os mais deve render as graças ao mesmo Senhor e supplicar lhe que assista a este miseravel servo seu com sua particular protecção para que pregando a outros o Caminho da salvação me não faça reprobo.

O Reverendo Padre Superior tirando me de Cottiar, Oricanamale, e doutros Lugares, com que dantes corria me tem encarregado a christandade de Manar, Mattota até Punerim, e todo o Vanny, e como o peso de designação seja sobrelevante as minhas forças espirituaes e corporaes Suplico a Vossa Reverencia que (hindo a Manar digo) me ajude com as suas orações. Tãobem dou conta a Vossa Reverencia que hindo a Manar no fim de Novembro ficando na Cidade vency alguma parte della segundo me guiarão os Mordomos, e algumas, ficarão para vencer pelas difficuldades que occorrerão, despois disto curry a christandade de Pejaly, Carcel, Talamanar, e outras partes, e em todas com graça de Deos fis lhe algum serviço, e no dia dos Santos Reys passey a este Mantota, onde fico tãobem exercitando o meo Ministerio senão como devo pelo menos como posso.

O Nosso Padre Pedro Ferrão que esteve doente neste Mantota não esta capas de escrever a Vossa Reverencia mas de presente se acha com alguma melhoria, e tenho noticia que os mais Padres ficão de saude, mas todos padecendo a mesma doença que he a total falta da esmolla das Missas, e como Vossa Reverencia quando 'de cá sahio disse que não hia a Goa tanto para ser Prelado quanto para tratar do remedio das necessidades espirituaes e temporaes desta Missão, espero senão descuidará desta materia. Alem da Caridade ordinaria peço a Vossa Reverencia me mande dous occulos, dous mannuaes, e hum ritual novo reformado e o mais de que me quizer fazer esmolla, porem não me

falte nunca com a de suas orações: o que tãobem peço a todos os Padres e Irmãos. Guarde Deos a Vossa Reverencia etc. Mantotta, 15 de Janeiro de 1713./

Copia da carta que escreveo o Padre Miguel Francisco que de presente fica em Potulão ao Padre Preposito da Congregação.

Para dar cumprimento a ordem que tivi para referir o processo da minha viagem, faço estas regras em que noticio a Vossa Reverencia os Successos della da minha estada e dos favores e beneficios de Deos que ordinariamente recebo. Foi a viagem hum continuo padecer por razão de varios incomodos e successos adversos porem nunca me faltou nella a saude, antes quanto mais molesto, tanto mais confortado me via e com muita serenidade do animo o que tudo não ignoro ser sido beneficio o singular da mão do Altissimo.

Logo que chegou o nosso Parro a Fortaleza da Agoada, nos fizerão deter o ajudante do Paço, e o Agente do Rendeiro por espaço de hum dia inteiro, e a causa não foi outra senão o exame que fasião sobre dous frasquetes do tabaco que trasia para o meo uzo, porem os Religiozos que vinhão no meu Parro atheuerão emfim esta difficuldade. Passada esta molestia tão inopinada e desusada para com os pobres Missionarios ainda mesmo nas nossas terras despois de oito dias da viagem chegamos a Tanor aonde estive quatro dias em casa de Pedro da Costa que me recebeo com muita caridade e amor.

Querendo porem proseguir daquy para Coulão nas vesporas da minha partida, enfermou o dito Pedro da Costa do mal de Ar, que lhe deo em hum braço, e em huma perna, e como este sogeito ficava sem pessoa de sua confiança que pudesse attender a sua doença, e menos as suas cousas trabalhey quanto pude aquella noite e o deixei Sacramentado e o seguinte dia me embarquey para Coulão aonde cheguey na quinta feira mayor, e logo me occuparão em ouvir/ de confissão geral dous Irmãos ambos Sacerdotes novos que naquelles dias se preparavão para no da Paschoa cantarem as suas primeiras Missas, e não me faltarão tãobem outras occasiões de serviço de Deos, e do exercicio da Charidade.

Estive em casa do nosso devoto Francisco da Crus que me

tratou com muita Caridade porque tive huma febre bem tesa com dores de todo o Corpo e de juncturas e como com a diligencia de muitas unturas que me fiserão de oleos se me não tirasem, e já havia quinze dias que lá estava com desejo de não perder a occasião de hir avante sem reparar no meo achaque me embarquey no Parro, que não tinha toldo, e ahy tomando o sereno de noite e sol de dia, não sey o como me vi livre de febre, e das dores o que atribuo a mera bondade de nosso Celestial Medico.

Chegados a Coliche me abrio o Juncaneiro o Caixote de premios o que levey com muita paciencia e por certos inconvenientes não podermos chegar athe Tutocarim por embarcação me desembarquey em Manapar onde ficando huma noite com o Reverendo Padre Xavier Borges o dia seguinte pertendi hir a pé a Punecay que fica dahy a hum dia, mas não podendo proseguir o Caminho me foi forçado ficar na Igreja de Caliapatannau onde era vigario o Reverendo Padre Francisco Sanches da Companhia de Jesus, e despois de tomar alento por espaço de dois dias que la me detivy fui a Punecay onde me encontrey com os Reverendos Padres Simão Carvalho e João Antunes Religiosos da mesma Companhia que se houverão comigo com grandes affectos, e offerecimentos nesse Lugar não quis tardar mais e assim fretando huma almadia party a Tutocorim athe aquy suponha Vossa Reverencia que tudo foi para mim regalo a ventura de que referirey.

Como me avisase o nosso Padre José de Jesus Maria que o Moço Miguel que trouxe em Companhia era pessoa que sabia dos Caminhos e dos disfarces e que não tivesse eu cuidado algum assentey nisso e quis hir athé Tutocarim com a minha / roupeta por me não advertir outra cousa o Moço Miguel pois the então não sabia nada das loucuras deste sogeito que ao diante fui experimentando, e conhecendo e o julguey por tonto, e como tal está hora expulso do nosso serviço.

Cheguey a Tutocarim a meyo dia em ponto, e com a direcção do mesmo Miguel fuy primeiro encontrar me com o Reverendo Padre Virgilio Mausy, mas por estar elle recolhido a Festa e me ser necessario algum sustento fuy em busca do Padre Pedro Pinto e com elle em Companhia ambos fomos a Casa de sua irmã Luisa Fernandes: as duas horas de tarde torney ao dito Padre Mausi Vigario de Tutocarim e lhe dey conta da minha viagem e das despezas que nella fisera.

Era occasião em que o dito Padre se achava bem moiesto por lhe ter impedido a obra da sua Igreja nova que tinha principiado o Governo de Columbo alem disso se preparava para receber ao Padre seu Reytor que vinha la a faser a visita annual, e esta foi a Causa de não estar eu com o dito Religioso na Igreja senão em Casa de Luisa Fernandes nossa devota aguardando occasião e oportunidade para partir a Manar.

Porem como a dita Luisa Fernandes tem hoje muito trato e familiaridade com os olandeses e com a mulher do mesmo Capitão que Governa esta Praça, e se passa tãobem na terra que eu vinha para passar a este Ceylão começou ella pouco a pouco sentir seos temores de que incorrese em alguma censura ou grangeasse alguma malquerença com os ditos olandeses por me agasalhar em sua casa: vivi com isto assas mollesto Rogando a Deos me deparase meyos convenientes para que sem prejuizo dos Caritativos que me hospedavão pudesse eu conseguir a minha viagem, e o Senhor como Pay, de Misericordia compadecendo se de minhas afflicções me dirigio pelo modo seguinte:

Estava então em / Tutocarim o Padre Francisco de Oliveira Pita que hia por vigario geral do Bispado de Santhome, e visto lhe então não descubri embarcação alguma passageira que viesse a este Ceylão, me resolvi a embarcar com o dito Padre em hum barquete em que hião tãobem outros dous homens brancos pedindo lhe por favor fosse servido Levando me em sua Companhia botar me na Ilha de Ramanalor que fica defronte desta, e vendo me falto de despezas para o resto de viagem tomey emprestados ao Padre Mausy quatro venesianos para que por falta de dinheiro não ficasse manente em alguma parte sem conseguir o que vinha buscar, e assim me embarquey na dita barquete que levando me ate Pariepate não me deitou em terra aonde me detivy hum mez inteiro pedindo a Deos tivesse de mim compaixão, e o Reverendo Padre Alexandre Jose Calini da Companhia que corre com a christandade daquellas povoações me tratou com muita caridade.

Não deixey de experimentar naquelle Lugar meus enfados porque o meu cabedal com o de Miguel todo metido em huma bolcinha Levava o dito moço amarrado na Cadeira à maneira de cinta, e sahindo hum dia não sey em cuja Companhia para lavar corpo em hum poço bem distante de Igreja perdeo a cinta e se

recolheo a Casa sem se advirtir de nada, e perguntando lhe eu a noyte a casa pelo dinheiro traspassado sem me responder palavra, mas eu sem turbação do animo encomendey o negocio a Sanctissima Virgem, e as Almas do Purgatorio com algumas promessas, e dey parte do caso ao Padre Calini, o qual ordenou a Sacristão que correndo com a campainha pelas povoações declarasse que a bolcinha do dinheiro perdido era de hum Missionario felo assim o Sacristão, e sem mais diligencia alguma as dez horas do dia seguinte veo hum homem a Igreja com ella sem faltar couza alguma, e querendo-lhe eu dar huma moeda inteira de ouro me não quiz aceytar com que lhe dey huns premios / e o dito Padre Calini lhe deo outros, e ambos rendemos gracas ao Senhor por este beneficio.

Despois de hum mez que la estive me acommodou o Padre Calini com hum Primo de seu moço que he de Japhna e me disse que sem temor algum podia eu hir no seu Parro que ficava no Ramnacor donde havia de partir para hir a Japhna, preparei-me e pus me a Caminho e por não saberem os Companheiros bem dele fomos cahir de noyte em hum matto de noite de espinhos, donde sahidos e bem cançados fomos dormir em huma botica, e no dia seguinte tornamos a marchar, e hum Juncaneiro que achey neste caminho me despejou de algum tabaco a vista do dito Japhna e ao despois achey ser tramoya do dito homem.

Chegado a Ramanacor me mandou Urbano dos Reys que estava na dita Ilha hum vestido seu para os desfarces de Japhna: neste tempo chegou tãobem lá o Padre Calini para visitar os seus christãos e Sacramentalos e todos juntos me accommodarão em hum Parro dos Mouros que portando a Japhna havia de hir a Costa do Coromandel disserão que o dito homem que me acompanhara levasse o meu fatto no seu Parro e fizesse delle entrega em Japhna ao nosso Victoriano de Barros Leytão por não ser conveniente hir eu e o fatto juntamente em huma embarcação para não sermos apanhados, fiey-me daquelle christão pela boa emformação que delle tinha dado o dito Padre e assim lhe entreguey tudo que tinha the o breviario.

Estando assim determinado forão se ambos os Parros para a ponta da Ilha de Ramanacor deixando me nella o que me obrigou a rodear a pe toda aquella Ilha de huma hora de dia athe as tres de manhã seguinte e em jejum padecendo especialmente de noite

bastante trabalho para avançar aquelles mattos de espinhos; porem com o favor de Deos as, quatro de manhã me puz / no Parro, e pelas quatro de tarde chegamos perto de Japhna, e por não poder saltar em terra de dia por medo de vigias passando a noyte em claro lá pela huma hora de manhã me desembarquey num tone e em traje de Parava saltey em terra, e quando cuidava estar muito perto de Japhna me achey enganado porque o homem que me guiava por não ser perito na passagem do rio que se passa sem embarcação fez sem saber que nos lançassemos em outro Lugar onde a agoa com sua corrente nos hia levando ao mar e por misericordia de Deos despois de algumas tres horas de tempo que estivemos na agoa e com risco de vida atinamos com o Caminho e em pouco espaço atravessamos o rio, e as sete horas de manhã cheguey a casa de hum João Polle onde estive dous dias com grandissimas dores do Corpo.

De casa do dito João Polle passey para a de Vidana que me recebeo com grande caridade, e deixando-me fechado em hum aposento desviado conduzio alguns christãos de Sua confiança para que se aproveitasem da minha estada e emquanto la estive não me faltou de trabalhar com os proximos; a este tempo chegou lá o moço com o fatto e o dito Vidana sem lhe dar de saber como eu lá ficava o recolheo e foi diminuto bastantemente do que eu lhe tinha entregue, estive esperando occasião para passar a Punerim e logo achey hum corporal olandes, mas catholico que em companhia de alguns soldados tinha vindo em huma almadia em busca de seus alimentos, e quarteis, e como em Japhna havia muitas perturbações na christandade, e eu era novel não me pareceo convenniente deter-me lá mais, porque o vidana tãobem não deixava de ter seus sustos.

Sahy em uma noyte em Companhia do corporal como seu moço, e me recolhy em casa de huma Irmã do dito vidana que fica dentro da Cidade, e nella toda aquella noyte confessey a bastante gente e baptisey alguns adustos / e ao romper da manhã disse a Missa e administrey a Comunhão aos que tinha ouvido de confissão, o que feito me pus logo na embarcação do mesmo Corporal, e vim a Punerim e lá desçando huma noyte vim a pé a Mattota gastando tres dias na viagem. Achey la os nossos Padres Pedro da Saldanha e Pedro Ferrão que me receberão com a charidade de irmãos.

Despois de oito dias de descanço que tomey em Mantota vim a este Potulão em companhia de Pedro Saldanha e cheguey bem pisado, e com o corpo todo tão vermelho que parecia estar vertendo sangue de que me rebentou hum !cabelo, e no pe direito erysepela que finalmente resolvendo se em huma nascida de tamanho de hum ovo de Perú me fez levar huma lancetada, e curala com varios medicamentos que me fiserão estar de cama bastante tempo sem poder faser exercício algum: porem ao faser desta com o favor de Deos me acho com alguma melhoria e confesso devella às orações de Vossa Reverencia, e as dos mais amados Irmãos congregados, aos quaes peço se não esqueção de mim, e a Vossa Reverencia que me lance a sua benção. Necessito de algumas onças de pedra de Gaspar Antonio, huns poucos de bolinhos cordeaes, e dous occulos e o mais que Vossa Reverencia sabe necessita cá hum Missionario. Deos Guarde a Vossa Reverencia etc. Potulão 28 de outubro de 1712.

Copia da Carta que escreveo o Padre Ignacio de Almeyda residente actualmente na Corte do Rey de Candia, e corre com aquella christandade;—ao Padre Preposito da Congregação—

Antes que comece a dar conta a Vossa Reverencia do que tenho obrado nesta Missão em que ando lhe quero dar huas boas novas e dignas de Vossa Reverencia ao festejar com acção de graças como cá o fisemos, e vem a ser que o Senhor Adigar que dês da disputa que teve o nosso Padre Jacome Gonçalves com o Fidalgo Calvenista I (que foi convencido com razões evidentes) ficava inclinado não só elle mas toda a sua gente as cousas de nossa Santa Ley favorecendo aos que a seguem, ainda que estava detido por certos respeitos do Mundo sem se resolver a abraçala ja com o favor de Deos esta convertido, e se declarou por catholico diante do Rey, e quer vir a Igreja a Casar-se com a sua mulher e tãobem a sua May Irmã e mais familia, espero no mesmo Senhor brevemente farão o mesmo.

Declara-se que nome Adigar he do officio que he o segundo despois do Rey no Reyno de Candia: nunca ja mais se consta que algum Rey tivesse dado semelhante officio a pessoa que não fosse chingala, e quasi de Linhagem Real; veo a Conseguir esta ventura o nosso Adigar que se chama Pedro Gascão filho de hum dos Franceses que veo em Companhia do embaixador que ha tempos tinha hido aquella corte. Casou o Pay de Pedro Gascão em Candia com huma mestiça de quem teve hum filho que he o dito Adigar, e huma filha, e como elle era Herege calvenista tãobem a mulher com toda a sua familia o seguio.

He este Pedro Gascão sogeito de grandes partes e por isso o Rey actual ainda sendo Principe o estimava muito, e despois que se empossou do Reyno quando os Dissavas (que são os cabeças e conselheiros) unidos fiserão hum levantamento, introduzindo outro Rey, o Legitimo se auzentou occultamente, e nesse tempo o dito Pedro Gascão como seu privado padeceo muitos trabalhos, e esteve em risco de perder a vida, porem como succedeo que o Povo todo por não querer obedecer ao Rey intruso se unisse com o legitimo, e entrando na Cidade prendese, e cortase as cabeças quasi a todos os rebeldes com esta occasião assim porque por sua via tinha padecido os trabalhos o nosso Pedro Gascão, como porque he muito inclinado a gente branca, e tãobem por não se fiar muito de chingalas o Rey o fes Adigar porque debaixo delle fica toda a Justiça e quasi toda a milicia /.

Esse Pedro Gascão sendo pequeno foi discipulo do nosso veneravel Padre José Vaz que a petitorio do seo Pay, lhe ensinou a ler e escrever em Portugues, e só por que era filho do herege opposto ao culto da soberana Rainha dos Anjos disia o dito Padre que sempre lhe dava por regra da materia que havia de escrever: Ave Maria chea de graça etc, ou outra semelhante, e o dito discipulo ainda despois de sahido da escola tratou sempre ao veneravel Padre com singular devoção, e cortesia, e nunca ja mais se queria sentar em sua presença, e pode ser que por suas orações lhe communicasse Deos os auxilios para vir em conhecimento da verdadeira Fé pois he de crer que havia de deixar ao Senhor por hum discipulo seu quem fasia continuas Suplicas por todos os conhecidos e desconhecidos.

Prosegue-se a Carta

O nosso José Dorta fica como dantes perseverando nos seus embellecos, e ainda por que fora se mostra com nosco muito amante os dias passados embrulhou humas cousas com o Senhor Rey que por isso the hoje não tem concedido a sua Real prezença ao nosso Padre Jacome Gonçalves, mas eu tenho trabalhado

quanto posso para desfaser este nublado informando aos nossos christãos que assistem no Palacio no Serviço Real para que elles fação tudo presente ao dito Senhor, ao qual como virão que se inclinava muito a nos favorecer, e tãobem aos nossos christãos não podendo o nosso commum adversario ver nos amparados da protecção Real quis Levantar esta borrasca de tribulação, mas Deos que nos livra de tantas, nos livrará taobem desta, e das mais que por são Serviço nos sobrevierem.

Porem Supplico a Deos, e Vossa Reverencia tãobem deve faser o mesmo, que este embrulhador não venha, / a experimentar algum açoute do Ceo, como o experimentarão quasi todos aquelles que na cidade de Columbo e Nigumbo persiguirão a Vossa Reverencia, e aos mais Ministros Evangelicos; pois o primeiro Dissava que cercou o Columbo para apanhar o Padre está deposto e seus bens confiscados, o Governador do Columbo está em termos de o não ser, e os chingalas escandalisados de suas aveixações, não desejão outra Cousa, e a cada passo esperão por outro Governador. Dom Antonio nosso conterraneo está desterrado para a Ilha de Tutocarim e alguns coralas presos, e o de Vancorla que he christão por causa das aveixações veo fugido a Suffragão com algumas cem pessoas para se não dar a prisão trabalhey muito para qne lá achasem elles abrigo, e dos infieis que elle trouxe consigo receberão o Santo Baptismo algumas sessenta pessoas.

A Igresinha nova que comecey nesta Corte por ordem do Senhor Rey já com o favor de Deos se vay aperfeiçoando. O Addapanar de Vellavally, não so alcançou que era muito necessaria para o bem daquelles christãos para poder ella possuir livremente a Aldea de Timily expulsando della de todo aos Careas, mas ainda alcançou outra parte ter debaixo de sy todos os christãos moradores naquelles arebaldes com ampla faculdade de poder pescar com seus três Tones que mandou obrar novas, e tudo isto lhe fes o Senhor Adigar contra todo o Conato dos Careas nossos adversarios.

O Nosso Paulo meirinho da Igreja de Potulão a quem os Mouros tinhão ordenado que não Servisse tal officio, alcançou hum chito do Senhor Dissava para poder andar livremente occupado nelle, e no serviço, e para que os vannias não possão entender com elle; com que todos os christãos se achão contentes, e os mouros nossos emulos bem corridos e envergonhados pelos ter

severamente reprehendido o dito Dissava: o que tudo devemos agradecer ao Senhor Adigar. Os chingalas de Ghendagama despois que forão presos e castigados por ordem Real pelo desacato que fiserão a Irmida de / Ellabala que já esta concertada da nova, estão com grande medo, como tãobem os de Sitavaca, e Soffragão, e se portão com mayor respeito com as nossas de que devemos dar infinitas graças ao Senhor.

Hade saber Vossa Reverencia como temos cá feito consideraveis despezas em saguates e mimos, para captar os animos dos grandes destas terras so afim de vermos esta christandade socegada obviando della as perturbações que o demonio excita, e por isso e pela muita falta que nos tempos prezentes há da esmola das Missas padecemos muita penuria das cousas necessarias para a nossa vivenda, e do tabaco que nos custa cá sinco patacas o arratel, e assim foi necessario comprar. O caixote do anno atrazado ainda não chegou cá, e o consideramos perdido, pelo que torno a pedir a Vossa Reverencia me mande outro calis e Missal e se lembre das nossas necessidades representando as a Sua Magestade que Deos guarde para que se incline a remedialas pois debaixo de Deos não temos outro abrigo senão o de sua Real protecção, e não parece razão que acodindo o dito Senhor por Sua piedade, a todas as Missões do seu Real Padroado, sendo esta a de Ceylão a mais trabalhosa e arriscada deixa de attender as necessidades tão preciosas dos operarios della.

Como considero que a carta que fisemos a Vossa Reverencia eu e o Padre Jacome Gonçalves sobre a pedra de diamante para offertala ao Rey ja lhe sera chegada não lhe torno a encarecer sobre este particular, só digo que Vossa Reverencia considere o quanto nos importa solicitar cada vez mais o agrado do Rey, para o bem e augmento desta christandade. A todos os Padres e Irmãos Saude em christo etc.

Copia doutra huma cartinha que escreveo / o mesmo Padre Ignacio de Almeyda e a remetteo no Barco de Macao.—

De Citavaca onde tinha hido a hum serviço particular do Rey, tornando a Corte me recebeo o dito Senhor com demonstração de muito gosto, por ter tãobem a ventura de concluir o negocio encomendado a seu contento, e desde então me manda

vizitar a meudo por seus Apuamios e procurar por minha saude.

Ja esta aperfeiçoada a Igresinha que por ordem do Rey fasiamos nesta cidade, e festejei nella com solemnidade possivel nestas terras o Nascimento de Deos minino, accodio muita gente, e todos os apuamios do Palacio, e o Rey tãobem queria vir ver a Igreja, mas como aquella noite Choveo muito não veo. Nos mesmos dias me mandou huma casula boa que ficava no Palacio, e presumo seria do tempo dos Senhores; e mais des paineis de passes Divinos, e hum chunambeiro de prata do seu uzo, e para isso foi demostração de muy singular affecto, por que cousa que elle uza a ninguem costuma dar, nem algum se pode servir della, e por isso os grandes da Corte fiserão notavel reparo desta acção que o Rey usou comigo, e mandou-me juntamente hum castiçal grande e curioso. Recebeo me tãobem aquelle dia com muita honra, e se não quis sentar emquanto esteve fallando comigo, disse-me que explicase os letreiros dos paineis que me tinha dado, e quando lhos destrincey ficou muito satisfeito, e assim se mostra muito affecto a nossa Santa Ley. Deos o converta a ella.

Succedeo huma noite haver huma practica no Palacio perante o Rey acerca das Leys: alguns Calvinistas, e outros Sectarios que lhe assistem forão dando razões, e cada hum defendendo a sua seita, mas o Rey pondo-se em defensa da Ley Catholica os foi convencendo, e no cabo concluio disendo que so a ley catholica era verdadeira, e todas as mais falsas, de que todos ficarão espantados, e no dia seguinte veo o Senhor Adigar contar o caso ao Padre Jacome Gonçalves.

Passava pela rua hum dia hum Anddy que vem a ser penitente dos gentios vestido de preto, vio-o o Rey de janella e perguntou ao Adigar, que lhe ficava atraz, que homem era aquelle? Tendo para sy que seria algum dos nossos, respondeo o Adigar e lhe disse quem era com o que se agastou muito, perguntando quem lhe tinha concedido Licença para se vestir como os Padres, e despois disto ordenou ao mesmo Adigar o reprehendese asperamente e lhe intimase, que se apparecese outra vez com semelhante traje o havia de mandar castigar com toda a severidade.

No dia de Janeiro huns christãos que servem no paço, cujos nomes callo, fizerão huma briga grande perto da Igreja, de que como hum Apuamio fosse dar parte ao Rey mandou elle tres a reprehendelos por aquella desobediencia que cometterão, e pouco

respeito que tiverão, a mim e a Igreja de Deos, e que se da segunda vez ousasem a commetter semelhante delicto os havia de lançar fora de seu serviço, e da Cidade, com que desde então todos tem grande receyo de entender comnosco, ou com cousas da Igreja.

Finalmente digo a Vossa Reverencia que o dito Senhor está muito inclinado a nos, e varias vezes em presença de muitos dis nossos louvores que não merecemos, e que no seu Reyno não se podem achar pessoas tão leaes, como nos. Deos o guarde por muitos annos e o traga ao lume da Fé para seu bem, e de toda esta Ilha, e Vossas Reverencias roguem particularmente ao mesmo Senhor para que lhe comunique seus auxilios efficases a esse fim. O mesmo Senhor Guarde a Vossa Reverencia muitos annos etc.

Angrequitta 20 de Fevereiro de 1713.

Sejão dadas imfinitas Graças a Deos, e a Sua May Sanctissima, que tanto favorecem a aquella christandade e aos operarios della, não deixando pervalecer contra ella os sinistros intentos de Hereges, e Paganos. Queira a piedade do mesmo Senhor faser que cada vez cresça, e augmente mais aquella vinha para exaltação do seo Sanctissimo Nome, e Gloria do Serenissimo Rey de Portugal Nosso Senhor que Deos Guarde.

Arquivo Nacional de Torre de Tombo.

Manuscrito da Livraria No. 946.

Relação Summaria da Missão do Ceylão, que administrão os Padres da Congregação do Oratorio de Santa Cruz dos Milagres de Cidade de Goa para se apresentar a Sua Magestade que Deos Guarde pella Junta das Missoens.

— Ano 1716 —

Chegarão as cartas dos Missionarios de Ceylão o anno passado nos fins de Janeiro; a dahy alguns meses, chegarão outras no Mayo passado. Todos dão boas noticias daquella christandade, que fica nos destrictos do Rey de Candia, de quem recebem os Missionarios particulares favores; mas ás dão tambem dos grandes apertos, rigores e trabalhos, que padeçem as christandades, que ficão nos Lugares sogeitos a hereges, o que tudo para se referir nesta relação com toda a sinçeridade, vão nella Copiados os proprios Cappitulos das Cartas dos ditos Missionarios omitindo os de cousas particulares que não vem ao caso.

Copia da Carta do Padre José de Menezes Superior dos Padres Congregados residentes em Ceylão e Vigario Geral daquella Ilha.

Nas oitavas da Ascenção mandou o Rey saber do Padre Jacome Gonçalves que asiste la na Corte, se levaria gosto de disputar sobre a ley com hum Heregyarea o que o dito Padre lhe respondeo, e o bom Successo que teve na disputa o agrado de El Rey, favores e honras, que auctualmente recebe do dito Senhor. Saberá Vossa Reverencia pella carta do dito Padre o que eu agora represento a Vossa Reverencia, he que quando se apresentarão ao dito Rey os Sagoates que vierão da Congregação perguntou elle pella pedra de diamante, e como os Padres que vierão a não trouxessem, respondeo o Padre Jacome Gonçalves, que não tinha vindo para se não perder na viagem, como nos succede muitas vezes no fato, que da Congregação, se nos manda, e que se houvesse pessoa effetiva, e experimentada nas viagens, a poderia trazer, com que foy Servido Ordenar se mandasse o nosso João Carvalho, que he o portador desta, no que mostra o grande desejo que tem de que lhe chegue a dita pedra; pois

sendo seo estilo não levar a bem, que a gente, que assistio na Sua Corte, passe para outras partes, chegou a dar Licença ao dito João Carvalho, o qual vay enviado pellos Padres de Candia, e por mim tãobem, porque já a todos nos convem se satisfaça com presteza este desejo do Rey, e pello contrario poderão vir multos males, e da nossa Missão perdendo os Padres a Graça e benevolencia, que o dito Senhor nos mostra com tanta singularidade; que somos enviados de todos os grandes da Corte, de differentes Ceylãs, e os quaes bastará conhecerem em o dito Rey algum disabor nosso para vomitarem contra nos quanto veneno trasem encerrado, e afigadado no peito, e ainda que o dito Rey quer que se lhe vá a pedra por seo dinheiro não nos convem porem aceitar ao menos desta primeira ves, porque com esta acção esperamos muito mayor utilidade de toda esta Christandade; pello que, meo Padre, Vossa Reverencia mande a dita pedra valendo se das esmolas de alguns charitativos, ou Suplicando ao Senhor Viso Rey desse Estado; e mais Ministros de Sua Magestade que Deos Guarde, visto esta ser a Missão do Seo Real padroado, e não ter athe o presente o Patrimonio algum para a esta, e outras despesas semelhantes, que são necessarias para bem, e Conservação desta vinha do Senhor, e quando não haja nenhum meyo a congregação, mais que fique empenhada õ deve Suprir, e mandar nos a dita pedra sem falta acompanhada de mais alguas curiosidades dessa terra, que sejão cá de estima.

O Padre Jacome Gonçalves asiste na Cidade de Angarachitha, e Logra a valia e aplauso do Rey de Candia, e porisso, porque he muito respeitado, e dotado de muitas partes, como todos o sabem, vay continuando a escriptura dos Livros, que compõem e tem entrada tãobem com as cabeças mas todas essas entradas, mas são para nossas sahidas, e despesas, e com cargo dos cuidados para buscar as cousas para lhes dar, e concervar as amisades, se bem não faltão elles tãobem, com o que se lhes pede para o soçego da Christandade.

O Padre Ignacio de Almeyda fica na Cidade velha, e cuida da sua Igreja, e nestes dias me escreveo, estava para hir a Cidade nova. O Padre José Gomes enviadas as missoens das Corllas, foy enviado para Cottiar, Bathecalor, e Trincanãmalle, para vencidas as mais, faz mais de seis meses, que por lá anda, eu não tenho tido deste escripto algum, espero porem, que tornará athé o fim

deste mes a Narãgonddi. Parece me que o Padre Ignacio de Almeyda hade hir a Columbo, segundo me afirmou a gente que de lá veo.

Os de Columbo, que estavão degredados por favorecerem aos nossos Padres, estão restituidas as suas casas e officios só os nossos amigos Mudalis[1] e Seo Irmão ainda não chegarão, e o esperão faser athe que se troque o governo, e qual não se espera trocar tão cedo, e as novas de mudança que correrão varias, forão missoens, (?) porque o Governador auctual tem suas traças e ardides para augmentar a fasenda da Companhia, parece que ja não haverão extraordinarios apertos para nos, se as nossas entradas não Levarem muita detença nas sahidas.

A gente de Nigumbo, que estava em Catthangahatte, se tornou a Nigumbo, porque passou se huma ordem para se não cultivarem as Aldeas devolutas, que se começavão ja cultivar, se bem em todos os lugares não tem / vigor esta ordem por não ser repetida e disem que viera de Candia a petitorio do Embaixador de Columbo. O Padre Francisco de Jesus fica com o seo Corvicuttão, Tettapatte, e Navacaddu continuando a cultura de sua designação.

Fico eu em Potulão com os Padres José Vaz Junior, e Miguel Francisco dando graças a Deos, e trabalhando nesta vinha do Senhor, conforme as nossas forças; o Padre Pedro de Saldanha, quando em outubro voltou para Jafanã levou consigo o Padre José Vaz Junior, o qual por não se dar bem na dita missão, e padecer muita doença, se recolheo em casa de hum nosso devoto, e curando se por modo possivel, voltou para Cá, e se bem tenho delle, e da Sua Saude especial cuidado; contudo não só acha the hoje com forças necessarias para as marchas, e viagens de longe.

O Padre Pedro da Saldanha adoeceo em Jafanã, e vencida a missão, que fes com grande fructo, e converção de muitas almas que se bauptisarão neste anno se recolheo neste Potulão, e de presente se acha com saude necessaria para o exercicio das missoens. O Padre Basilio Barreto, he mais favorecido de Deos e tem por seo companheiro o Padre Jose Barreto os quaes vendo que perecia de agoa, e endicava muita fome convocado o Povo, ordenão huma Procissão de penitencia fasendo deprecaçoens pella chuva e no seguinte dia acudio lhes Deos com tanta, que emxopada a terra, tresbordarão os tanques, cousa que muito move aos infieis para amarem nossa Ley, e aos christãos para servirem a Deos com mayor fervor.

(1) Mudaliar.

O Padre Pedro Ferrão se bem muito achaquado, não deixa porem de trabalhar quanto pode na sua amada missão de Mantotta, e poucos dias ha me mandou hum Livro composto em Malvar breve e compendioso da instrucção dos misterios de Nossa Santa Fé, e espero seja de muito grande proveito para os ignorantes. O Padre Miguel Francisco serve a Deos no que pode e se lhe ordena, não pode porem com as marchas de longe em razão de seus achaques, que tem padecido, e carreta muitos, como sabera Vossa Reverencia milhor de sua carta e as mais muidesas, que elle, e outros hão de escrever a Vossa Reverencia em cujos Santos Sacrificios e oraçoens me recomendo, e Suplicando lhe a Santa benção, fico rogando a Deos guarde a Vossa Reverencia muito a medida do meo querer, etc.

Potulão 14 de Junho de 1714. — José de Menezes.

Copia das Cartas que escreveo o Padre José Barreto em 30 de Septembro de 1714, e em 7 de Dezembro do dito Anno.

Partindo desta Barra de Goa em sinco de Janeiro chegamos com bom Successo da viagem labutando com muitos trabalhos, e perigos do mar, e de terra, por ser viagem dilatada por falta das embarcaçoens, cousa porque quero dar a Vossa Reverencia algumas noticias, do que passey por mar, para terra. No mes de Abril cheguey a Calcuty, donde tomando algum / descanço, fuy para Tanor, onde o vosso devotto Pedro da Costa Coelho, nos abrigou com muita caridade, e nos conduzio hum tonē para nelle proseguirmos a viagem, e como fosse o tone muy pequeno, logo a quatro passos se virou, e nos deitou no mar, mas a Santissima Virgem May de Deos, a quem pedimos o favor, nos Livrase da morte, depois de darmos hum bom mergulho no mar, e proseguindo nossa viagem com assas trabalho, e molestia, viemos a parar com Angemgã, aonde o Reverendo Padre, que corria com a dita Parochia, nos deo algum exercicio para podermos ajudar com os Sacramentos a alguns dos seos fregueses, e passando na dita terra alguns desanove dias, chegamos a Manapar, onde nos de-

tivemos poucos dias, e daly chegamos a Tuttucury, onde o Reverendo Padre Virgilio Mausse da Companhia nos Condusio humas casinhas para nellas estarmos quasi escondidos por medo dos holandeses, onde passados alguns dias chegamos a Percaputtanna, exprimentando os effeitos da Caridade do Reverendo Padre Alexandre José Caline da Companhia, a quem deve Vossa Reverencia render as graças pello muito, que obrou por nos.

Bem canssados da viagem chegamos a Mannar, e logo o Padre Jose Vaz Junior meo companheiro se achou bem doente, e foy necessario que o levassemos e Mantotta para se atender a sua Cura, porem com graças a Deos the o presente eu possuo forças, e saude e me vou adextrando na lingoa da terra, visitando os enfermos e administrando lhes os Sacramentos quanto me ha possivel por não poder por sy acudir aos moribundos por falta da saude.

O Padre Pedro Ferrão, cujo he este destricto, tem este Padre adquirido tal opinião com os Paysanos que cuidão, e tem para sy que os moribundos Sacramentados pello Padre de Mantotta, que assim chamão o Padre Pedro Ferrão, ficão logo livres de perigo, pello que asim o tem exprimentado, porem o dito Padre se achava tão doente que nem carretado podia dar esta consolação a seus fregueses por sy, senão por my.

Com noticia da nossa chegada veo de Potulão o Padre Superior a este Mantotta fasendo missoens pello caminho, e por ver, que o dito Padre José Vaz não possuia cá saude; o mandou a Jafanapatão por Companheiro do Padre Saldanha para ver se com a mudança da terra se achava livre dos achaques; a my a requerimento dos Padres Pedro Ferrão, e Basilio Barreto, que disião não podião acudir a tão populosa christandade, que lhes estava designada, me destinou para Companheiro do Padre Basilio Barreto para correr com esta Provincia de Mantotta.

Por não nos ser possivel traser em Companhia os caxotes de provimento desta missão em razão de virmos disfarçados e com grande receyo, deixamos em Tutucarim com o Reverendo Padre Mausy, e elle nos ficou de remeter, por sua via a Columbo, mas parece que tendo noticia que o dito porto estava fervendo com perseguiçoens contra/ nos, os mandou a Manar; mas houve, Deos sabe onde, furto e roubo de todas as cousas, quasy de meyo, a

meyo, só Deos por sua bondade fez livrar as couzas que vinhão de Sagoate ao Rey, emfim a tudo isto estamos sogeitos.

Nesta Provincia por faltar totalmente a chuva nesta invernada muita gente chegava a esta Ermida, onde ficão com prantos, e ays, porque não podião semear suas Vargias, pois athe para o gado faltava agoa, e porisso muitos desesperados querião hir para Vanny, e Potulão para poderem passar a vida, eu emcomendando a Deos o negocio ordeney, que fizessemos em tres dias as deprecaçoens ajuntando o Povo nesta Ermida, e antes disso dey parte a Padre Basilio Barreto, que quasi ordinariamente bebe mesinhas em razão de seus achaques, e lhe pedy, viesse a esta funcção de tanta Caridade; o qual vindo cantamos o officio, e Missa pellas almas do Purgatorio e feita a pregação de Penitência se mostrarão ao Povo sete Passos da Paixão de Christo e hum de nos tomou huma disciplina publica junto com alguns homens, e tão grande foy o choro, e Lagrimas do Povo, que movida a bondade infinita de Deos mandou tanta chuva por alguns dias continuos que alagou toda esta terra, athe se quebrarem os baqueroens dos Tanques com a força das correntes da agoa, com que a gente conçolada rendeo graças ao Senhor, ficando mais confirmada na Fé, e nas cousas de Deos, e se resolverão quatro gentios adultos, com huma criança a tomar o Santo Bauptismo. Suplico a Vossa Reverencia a Santa benção etc. Manar 7 de Dezembro de 1714—Jose Barreto.

Copia da Carta do Padre Jacome Gonçalves que asiste na Corte do Rey de Candia.

O anno passado tenho dado noticia a Vossa Reverencia desta Missão por huma relação como Padre José Gomes avisou o numero das Ermidas, e alguns Successos prodigiosos, a deste anno he que o Senhor desta terra com novos favores nos tem captivado, e exalçado a nossa Sancta Ley entre os inimigos della, porque despois que tive aquella disputa, de que avisey a Vossa Reverencia com o Heregiarcha em casa de Adigar frequentemente havião no Paço argumentos sobre a Ley, principalmente entre a Catholica e heretica, visto o dito Senhor ter de huma, e outra bastantes Apuamas em Seo Serviço, porem os nossos christãos por falar em seu favor o Rey sempre vencião, e despresavão os Sectarios,

mas com rasoens de boca; porem elles não se davão por vencidos alegando, que na Escriptura Sagrada estava escripto o que ellas seguem e prohibido, o que nos fasemos, cousa porque muitas vezes intentava El-Rey mandar nos chamar a sua presença para saber esta verdade; mas não o fasia, porque outras cabeças lhe hião a mão, disendo que se soaria muito na terra. /

Emfim hum dia havendo muito forte disputa, e não podendo soportar os nossos christãos disserão a El-Rey, que se viesse o Padre fecharia a boca de todos os Sectarios, e desvanecerião os seus argumentos como desaparecem as trevas a vista do Sol, e como tãobem El-Rey folgava, e queria que os nossos sempre vencessem com effeito ordenou me chamasse, mandando com grande honra perguntar me asim na Igreja, como depois de chegar a Porta do Palacio, se era contente de vir a sua presença a falar na Ley, e responder aos hereges, ao que mandey diser que não podia haver para my mayor gloria, nem beneficio igoal entre tantos que sua Magestade os faz, do que levar-me a sua presença para saber da verdade da Ley, e que sendo huma cousa tanto desejada por nos, não o podiamos alcançar mais que pella benevolencia de Sua Magestade com que me fez entrar no aposento, em que estava, levando juntamente os meos livros, que os do Sectario heregiarcha ja antes tinha levado, e depois de proceder varias palavras de Comprimentos, e agradecimentos entre my e o dito Rey mandou propor ao heregiarcha os seus argumentos, o qual abrindo a sua Biblia Françesa leo o Cappitillo dos mandamentos.

Não refiro o modo, com que argumentou, e com que lhe respondy que foi alem dos testos, com razõens naturaes, e comparaçõens claras, para que as percebesse o Rey, e os mais circumstantes só com o favor de Deos em tres, ou quatro pontos, em que me falou, o deixey convencido, porque lhe não dey Lugar para falar de huma cousa por outra, como elles costumão fazer, fugindo do modo sylogistico, quando não tem razão com elles dar, ficou o miseravel tão confundido, e emudecido, que foy hum escarneo de todos, e o Rey folgou sobre maneira, e despresou tanto ao sectario, que por muitos dias ficou retirado, sem poder mostrar rosto a gente, e lhe disse mais que se dahy a diante atrevesse falar na Ley Catholica, havia de Levar castigo das mãos dos mesmos Catholicos.

Nesta mesma occasião entre outros livros nossos, como Biblia

Missal, e Breviario, que o Rey Levou para ver, se lhe apresentou a controversia, que novamente tenho feito com Chingala, em que tão bem declaro como o Calvino, e Lutero fabricarão a sua seita, como o quiserão provar com milagres falços, e como a introduzirão em Inglaterra, e holanda, e finalmente como viverão, e morrerão o que Lendo Sua Magestade folgou muito, e tãobem alguns dos hereges pedirão o dito Livro para ler, e deixando o muitos dias em Casa, e vendo as respostas, e cotejando os testos da Escriptura, com a sua Biblia, estão bastantemente rendidos no coração, mas por respeitos humanos não querem desistir de sua obstinação e converter se a Deos e alguns pedem nossas catholicas, disendo que se querem converter afim de se casarem com ellas./

Nesta mesma occasião perguntou-me Sua Magestade do meo mal da boca, como procedera, quantos annos havia, e se levava gosto de o curar; respődy que a mesma vontade era obedecer a Sua Magestade e logo sem eu saber enviou pessoas para chamar homens Cirigõens afamados nas queimaduras, que morão alguns tres dias distantes da Cidade, e asim como os trouxe, com os Apuames do Passo, mandou a Igreja para me ver, e diser se me poderião curar. Era vontade de Sua Magestade que esta cura se fizesse no Paço em sua presença (favor, e finesa singular) que a nenhum privado lhe o presente fes aquy Rey algum, de que todos se admirão, e por isso mandou me chamar, mas a tempo, que a gente veo a minha busca, já os cristãos tinhão começado com as queimaduras cá na Igreja, causa porque não pude hir ao Passo, de que dando se parte ao dito Senhor ordenou que na mesma Igreja se continuasse a cura com todo cuidado prometendo a faser grandes merces aos mesmos cirurgõens, se me posessem sãm; elles trabalhavão bastantemente mais de hum mes, e Sua Magestade me mandava Visitar hum por outro dia, mas não foy servido Deos, de que me Sarasse, se bem disem; e tãobem Sua Magestade mandando-me chamar a sua presença e vendo a Cura disse que se enxergava estar a queixada algum tanto mais direita, do que antes estava, quanto a meo pareçer de balde he trabalhar mais: porque não se enxerga muito o defeito.

O não ter chegado a pedra de diamante tem sido grandissima falta, e causa de se não poderem traser os Missionarios novos a esta corte, causa porque ficão lá Sua Magestade, perguntou logo pello diamante, e dando nos por excusa a falta da Segurança do

portador exprimentado, e outros receyos do Caminho tão dilatado, ordenou fosse João Carvalho, como vay para o trazer, com que, meo Padre já as mãos são perdidas; pois importa ao bem da conservação e augmento desta christandade; que se cumpra esse desejo do Rey, e visto elle mandar pessoa effectiva, parece-me conveniente, que se mande algumas outras cousas que aponto no rol.

Os olandeses estão fortificando as suas Fortalesas Tricanamal, Jafanapatão, e outras, e juntamente as provem dos mantimentos que levão de Batecalor, não sabemos de certo a causa pois tãobem nesses dias com grande bulha, em Columbo, onde se levantou o Povo contra os Olandeses por lhe pedir tributos novos e houve jugar as pancadas em ambas as partes, emfim os Olandeses prenderão trinta pessoas, e alguns lhes cortarão as orelhas, com que o Povo está muito molesto, e muitos vem fugidos a esta terra; pois de huma vez vierão cem, com o coral de Evamcorla, outra ves novecentos, e agora quatro centos; e o Rey querendo os enviar, antes querem morrer, do que tornar, e todos se queixão das sẽ razõens / destes hereges, que não fazem mais que chupar o sangue do miseravel Povo, ainda que os nossos Catholicos de Columbo, e Nigumbo, que forão degredados, por não nos recolherem e andarem fomentando as cousas da ley Catholica, estão restituidos as suas casas, e officios, os que se acharão vivos exceptos nem o Mudaliar, Dom Affonço Pereira e seo Irmão Dom Lourenço, que ainda ficão em Bethavia, e isto como dizem por ter de lá vindo huma ordem para não se proceder com tanto rigor contra os Catholicos, com tudo ainda se sente grande aperto, para lá entrarem os nossos Padres para faserem as Missõens, queira Deos por sua misericordia, que se mudem estes tempos que tem sido bem calamitosos para aquellas christandades: O mesmo Senhor Guarde a Vossa Reverencia, etc. Candia 18 de Outubro de 1714. Jacome Gonçalves.

Copia das cartas do Padre Pedro de Saldanha de dous de Septembro de 1714, e de 22 de Janeiro de 1715.

Este anno, o nosso devoto, e amigo Vidana nos avisou e convidou para Jafanã para correr as Missoens, porem por entendermos

o Reverendo Padre Superior, e eu, por ainda fervião as perturbações, que eu vy, em Columbo, nos não resolvemos a correlar nos principios do anno, porem no Sabbado de Payxão sahy eu por ordem do dito Padre Superior para ajudar aos Padres Pedro Ferrão Basilio Barreto, que se achavão indispostos para poderem acudir aos do seo destricto, e nos achamos juntos em Perimal no dia Santo da Pascoa da resureição para com solemnidade possivel celebrarmos os Sacro Santos misterios daquelle tão glorioso dia, cuja celebridade acabada me pus a desobrigar os christãos da obrigação annual acodindo juntamente os moribundos, que em tal tempo enchião hum numero grosso.

Neste comenos me chegou huma carta de nosso devoto Vidana, que sua companheira estava muito mal, e que era preciso me fosse eu ajudar a bem morrer, e se bem o seo recado me chegou na tarde de Dominica in Albis segunda feira seguinte ao romper de manhã Sacramentando em Madotta certo moribundo me party para Jafana, e Sacramentey a molher do dito vidana, e na dita casa fasendo a mesma assistencia, para asim me pedir a dita enferma, não deixava de acodir de dia a varios enfermos moribundos; e como cada dia hia crescendo o perigo da molher de vidana, e com elle as suas suplicas para que a não desemparasse, lembrando me eu de muitos beneficios, que receberão os nossos Missionarios da dita enferma, mortificando as ancias que padecia de correr os matos, me detive thé a morte da dita molher, que morreo, graças a Deos, com bons sinaes de sua salvação, o mesmo Senhor se digne de lhe dar / o premio da Gloria que todos na sua misericordia esperamos.

Os vannianares de Vanny, que estavão presos em Jafana, fizerão huma petição ao Governador da Companhia, disendo que os vannios, que por hora asistem em Vanny, mandarão as suas pessoas a Pudechery disendo, que os Padres Missionarios com todos os christãos ajudarião aos Françeses, e que elles concorrerião por terra e que fisessem guerra ao holandes, e que responderão os Franceses, que não se fiavão de semelhantes promeças para huma causa de tanto empenho, e que por isso o Missionario, com as pessoas dos ditos Vannias pessoalmente que fora a Puddechery para effectuar o sobre dito negocio de cujo empenho, que davão elles sincera narração a Companhia em cujo prejuizo se firjavão esta petição. Lida por Comendador de Jafana e remmetida ao Diçava

delle o qual remetendo a mesma pitição escreveo huma carta ao Governador do Columbo, por cuja ordem veo huma Tropa dos Soldados, e os vannias forão Levados para com Governador.

Sobre os nossos Missionarios, depois da dita petição, não ouço falar nada, nem por hora se exprimenta alguma perturbação queira Deos Nosso Senhor defender nos de semelhantes falçidades e calumnias, e esta christandade tão oprimida defenda sempre com sua particular protecção. Disem que vem novo Governador para Jafana, e para se faser guerra para Vanny a soldados lá de Columbo, que tem partido por mar, e um Jafana se dis, que a soldadesca de Carpetty, Trincanamal, Manar, e Jafana por quatro partes hade entrar em Vanny para prender os Vannias, e destruir as suas terras, isso he, o que anda hoje na boca grande e piquena, e sendo asim, ou no Fevereiro ou no Março começará esta turbação e com ella a molestia aos Ministros Evangelicos, Vossa Reverencia com os mais nossos Congregados Supliquem a Deos a Conservação e socego desta aflita christandade; e muito em especial, que com sua particular manutenção acuda e socorra a este pobre e indigno Servo Missionario etc. Deos Guarde a Vossa Reverencia. Jafanapatão 22 de Janeiro de 1715. Pedro de Saldanha.

Copia da Carta do Padre José Gomes de 17 de Maio de — 1714 —

Sahindo para Missão de Jaltthacalany, achey me no Caminho com febres e applicando os Medicos da terra seos repetidos medicamentos, e não me achando são me resolvy a recolher me em Putulão, onde me troxerão carretado, por não poder andar, e como apertado de muita sede, e secura, beby no Caminho agoa das lanhas da palmeira, em chegando ao posto se me tirou a febre, para assim o permitir Nosso Senhor, a quem sejão dadas muitas graças por este e outros mayores beneficios que nos / fas cá especiaes e sem numero.

Algum tanto convalecido no dito Putulão, fuy marchando a Aldea de Narangodde, e tanto que lá cheguey me noticiarão, que huma mulher christã do tempo dos Senhores Portugueses vivia amancebada mais de cincoenta annos com hum chingalã por nome Tarapata natural de outra Aldea e que a mulher se achava muito

mal, e as portas da morte, e que os de casa a não podião deixar, só assim desemparada, e que por isso percisão os seos negocios, o que tudo ovido, cheguey a casa desta mulher enferma; porem vendo os chingalas, que a dita mulher não dava sinaes de viver, sem embargo dos medicamentos que lhe applicarão, e resamentos que por ella fiserão ao Diabo, a deixarão desanciada o que vindo hum filho da dita enferma, que vivia separada della, e em nossa Santa Ley, á minha vista a começou cathequisar e admoestar, a que recorrese a Deus, e a seo Ministro, e os chingalas ouvindo esta noticia começarão dizer entre sy que se a dita mulher se achasse Livre daquella doença mortal aproveitando-lhe os remedios que lhe applicasse o Sacerdote dos Christãos, que elles terião por falços os remedios, e resamentos: que elles fazião ao Diabo, com quem tinhão seo pacto, que vulgo se chama Nivite, e que crerião a doutrina do Sacerdote Christão e abraçarião a Ley de Christo.

Em nome do mesmo Senhor, Domingo muito de madrugada depois da dita Missa, cheguey a dita mulher, e lhe mostrey o engano; com que vivia, e o mao estado de sua alma ao que se achou tãobem presente o chingala Tarapota, e ambos se resolverão huma se bauptisar e a outra para se confessar, e a mulher confessou se de modo que podia, e foy cobrando a Saude, e o Tarapota se converteo a nossa Santa ffé, e o mesmo espero fação muitos dos chingalas, que tem noticia deste caso, e da saude milagrosa, que concedeo Deos a dita mulher arrependida.

Não parou aquy somente o prodigio do caso acima, mas levando o Deos adiante fes que o dito Parapata recembauptisado se casasse com a dita mulher, quasi reçusitada, em cuja horta havia hum pagode de que me logo deo conta, e eu o fiz quebrar e desfaser, e sem mais mesinhas nem medicamentos, em menos de oito dias por seo pé veo para Igreja a dita mulher, trasendo consisigo huma neta para ser bauptisada, com que o Tarapota enche o numero de nove, dos que se converterão de novo a nossa Santa Fé e a dita mulher enche o numero de sete, dos que deixarão a vida depravada, e se resolverão a viver com reforma christã.

Certo christão pelo reprehender eu, e para aterralo dar-lhe huma desciplinada com moderação, estomagou-se tanto, que se desfez em muitas Liberdades em minha presença, e muito mais em ausencia, e se fez logo caminhando para Nigumbo terra dos olan-

deses, disendo que não queria elle viver como cristão, senão como reformado e que noticiando aos Domines, que ficava eu em certa paragem destante de huma legoa, havia de vir elle com huma Companhia de Soldados para me prender; porem permitio Deos, que não chegasse entrar / em Nigumbo, porque no caminho lhe deo huma febre tão tesa, que foy necessario trasello a braços e vendo se naquelle estado cahio logo em sy, se desencolerisou, e deo sinaes de arrependimentos, de que tendo eu noticias fuy buscalo, e nos reconciliamos, dando muitas graças a Deos pello proveito, que seguira, assim ao dito christão, como aos circumstantes, com o sucesso referido por assim o permitir o Altissimo e sempre imcomprehensivel e venerando Juiso Divino.

Em Vayacotte achousse huma mulher queixousa dos abrasamentos que sentia na barriga, e a molestavão com tanta força, que a obrigavão a diser pella boca fogo, fogo e em sua lingoa, e não sabia dizer mais nada. Tendo noticia do caso e o encomendando a Deos, fuy logo a casa da dita enferma, e vendo a em tão miseravel estado, compadecido me della tanto, que não me ocorrendo outro algum meyo, tomey hum grão de sal que servia ao Santo Bauptismo, e desfeito na agoa lho dey a beber, e logo sem outro medicamento; oh infinita Bondade de Deos! se aplacou o fogo, de que se queixava a mulher, e sucegada começou falar nos remedios de sua alma.

Outras duas mulheres hindo para os matos, para cortarem lenha ficarão asombradas por stratagema do demonio, que lhes causou tanto calor, que parecia se sentissem com a febre maligna os maridos as trouxerão para Igreja, e vendo as então dolorosas e aflictas sem saber do caso, os comecey a reprehender por terem trazido com tanta molestia as doentes para Igreja podendo me avisar para hir buscalas a sua casa, por informando me do successo, e que o calor com que se abrasavão, não parecia da discomposição dos humores mas das astucias da serpente infernal, peguey do hysope, e lhes appliquey a oração de Asperges fasendo diser aos circumstantes a oração Santa de Pater noster e estando nestes exercicios se lhes foi aplacando o calor de sorte que poderão de joelhos asistir aos Sacrosantos Misterios da Missa e acabada caminhando hir por seos pés muy contentes para casa. Sejão dadas a Deos infinitas graças. Potulão 17 de Mayo de 1714. José Gomes.

Copia da Carta do Padre Miguel Francisco de 29 de Junho do —1714—

Na monção passada tenho escripto a Vossa Reverencia duas cartas, e bem extenças, e na presente não tenho outra materia, nem motivo para entender estas regras, mais que fazer sabedor a Vossa Reverencia das Cruses, que carreto na idade ja cançada, pois falta-me saude / por que hora tenho herysipela, hora fastios de tal sorte, que posso afirmar que mais me sostento da Providencia Divina, do que do sostento, que levo, isto suposto.

Acho huma circunstancia, em que reparo muitas vezes, e me objecta como huma tentação, e vem a ser, que no anno, que me party para esta Missão; a bolcinha do dinheiro dos gastos, que perdy em Periapattana, foy se me não engano aos tres de Mayo dia da invenção de Santa Crus; o anno passado sahindo eu no mesmo de invenção deste Potulão, para Missionar em Batecalor, fuy dar me em huma lagoa, morada continua dos Elefantes, e Suposto ao parecer humano, foi isso por não saber os Caminhos, mas toda via, foy permissão Divina, e não carece de Misterio, e asim passey toda aquella noyte em jejum, e com Jesus na boca com tanta perseguição, e gritos dos Elefantes, servindo nos de guarda dentro dos matos algumas fogueiras, e pella manhã já debilitado de fome, ja tresnoytado, e carregado de Sono, passey aquella viagem como Deos era Servido.

Este anno por haver estado hum Tigre feros na Serra de Tricanamale, que segundo disem, matou muita gente, e porque o Missionario não podia achar com facilidade comodo para estar, mais que nos mattos, posso dizer me não atrevy para lá hir como tãobem por se haver posto o holandes herege contra nos e suposto alguns dos de Tricanamale se me mostrão obsequiosos, causa porque com permissão do Reverendo Padre Superior na meyada da quaresma me fuy a Calgama, e dahy a Puliacolão, terra, em que não se acha mais sustento, que nachiny, pequenos, e comprase a puro dinheiro; sem se poder achar hum punho de arroz, por curiosidade, onde fiz a minha Missão, como Deos me ajudou e me recolhy quasi queimado a Potulão, onde se me apontou no pe huma herysepela, que vindo rematar-se em huma postema, e me deixou dous mezes e meyo, na cama sem me poder della levantar, e suposto, se me sarou a postema, me sobrevierão os

fastios, que servem me de couce, sobre a queda, e aos fastios seguirão humas colicas, que me puserão em estado de Santa unção, e na convalecença se me repetio huma postema no joelho ocasionada de outra herysipela, com que me acho muy atenuado de forças, e necessitado de subsidio das oraçoens de Vossa Reverencia, e dos mais Padres meos Irmãos de quem espero me ajudem para que possa faser algum serviço a Deos Senhor Nosso.

Pellas sobreditas causas, que me prohibirão as marchas de / longe, me occupo somente no Serviço da Igreja, em instruir, e Sacramentar aos que chegão a ella, e quando muito dou huns passeyos pellos Bairros vizinhos afim de alimpalos de alguma imundicie de sensualidade, e quando nelles labora com notoriedade e ocasião de escandalos, e sempre vivo como sobresaltado por não poder acudir com documentos saudaveis a muitos renegados, que o anno passado Deos misericordioso se dignou de condusir a sua Igreja, cujo numero por ser grosso me não he possivel computar nas partes que me ajudou para missionar.

Só me lembra, que 346 forão os neofitos, que tomarão o Santo bauptismo, e entre elles onze herejes, os quaes não sey o tem como passo e as molestias que terão padecido pella fé, e Ley recebida, e toda a sua parentela, pois o aperto dos holandeses cada dia urge mais com perdição de fasendas, prisão, e degredos, e sinto na alma o não poder conçolalas indo em pessoa por causa dos meos repetidos achaques corporaes, que juntos com lastima interior, que sinto me fasem parecer, os dias annos, e as noites seculos; pondere Vossa Reverencia que não padecerão a que llas plantas tão recentes, e lhes acuda com suas oraçõens, e Santos Sacrificios de missa, para que padecendo as molestias dos inimigos da fé com olhos em Deos a conservem sempre, e observem os seos preceitos, não fasendo caso das perdas temporaes.

O Padre que correr com a Missão de Batecalor, Tricanamale e os mais aneixos, vem a ter muitas despesas por serem as terras muy remotas, e os caminhos muy prolongados, e pellas terras, e Lugares dos infieis; causa porque não acha o Padre subsidio algum das esmolas das Missas; não sey o que diga de my, pois vejo que as poucas esmolas, que recebo das Missas me não bastão para contribuir com o que devo ao Padre de Potulão, com quem me agazalho mayor parte do anno, corridas as Missoens do meo cargo, e me carregão as doenças já se sabe o que he mister

para cura e mais para as dietas.

Bauptisey tãobem de noite, e com muita solemnidade huma menina de treze, ou quatorze annos neta de china uddiar, que foy o Palavana mayor, e está apalavrada para se casar brevemente com o Mutioddiar, que herdou o talame do seo avo china uddiar, e se bem os Paes, e Irmãos da dita menina mostrão alguma velecidade ao Santo bauptismo, com tudo não estão para tão cedo: ha tãobem esperanças de que se bauptisem algumas pessoas da gente principal, e se trabalha nesta materia mas dos Mouros, não ha que fiar. /

Advirto a Vossa Reverencia que sobre a dita menina recembauptisada está tão instruida, e procede tão bem, que parece ser christã de muito tempo e na idade tão pouca mostra siso, e descrição singular, e de noite se bauptisou, porque ella mesmo quis para desviar os encalhos, que receyava, dos parentes, Deos a tenha de sua mão, e vêm logo os parentes della para que sigão o seo exemplo, e o mesmo senhor Guarde a Vossa Reverencia etc. Potulão 29 de Junho de 1714. Miguel Francisco.

Copia da Carta do Padre José Vaz o Junior de 12 de Janeiro de —1715—

Para satisfazer ao preceito de Santa obediencia dou conta a Vossa Reverencia alem da que por extenso lhe tem dado o Padre José Barreto meo Companheiro da trabalhosa, e dilatada viagem, que dessa Barra de Goa trouxemos athé este Potulão, onde me acho bastantemente achaquado ja com feveres, ja com vomitos, ja com fastios, e ao visco me derão os accidentes, e exprimentey tãobem a doença de channy, que me pos em perigo da morte, causa por que o Reverendo Padre Superior desta Missão me não concedeo as marchas de Longe, para que me não desmaya mais com o trabalho de caminhos asperos, e fragosos, algum tempo estive em Jafanã para tomar noticia da terra, e algum desafogo a meos achaques, foy Deos Senhor Nosso Servido de que vinte e tres pessoas adultas resolvesem a receber o Santo bauptismo, instruiy as eu de melhor modo, que pude e com grandissimo goso de minha alma lhes administrey o Santo bauptismo, e dey de casar alguns daquelle lugar, que vivião amancebados, vicio que muito tempo

há, Labora nestas terras, e pede sempre asistencia dos operários Evangelicos para os desviar dos descaminhos semelhantes, que Levão muitas almas para inferno, e guiallos com seo exemplo, e documentos pelo caminho recto dos preceitos Divinos.

Não posso acabar de explicar a Vossa Reverencia tamanha seja a magoa, que carreto por não poder correr as missoens dos mattos, onde de ordinario acha o cassador espiritual muitas almas para cassar, não deixando porem de offerecer a Deos a mesma magoa em Sacrificio de grande desejo, com que vivo, de acabar a minha vida, e gastar as minhas forças em Seo Divino Serviço, e grangeyo das almas e para que as forças corporaes me não ajudão para mais, antes me atalhão os passos, me occupo em ensinar, e doctrinar os christãos, que chegão cá na Igreja, e vivem nos bairros circumvisinhos. Peço a Vossa Reverencia me lance a Sua Santa benção, que prostrados as seos pés lhe peço, e me encomenda sempre a Deos que Guarde a Vossa Reverencia com muito de Sua Divina graça, e Saude perfeita etc. Potulão dose de Janeiro de 1715. José Vaz o Junior.

Fim da relação.

Excelentissima Senhora.

Minha Senhora: Summa alegria recebemos eu e todos os mais Padres desta Congregação com a Carta de Vossa Excelencia de 28 do Março passado por ter nella segurança de boa Saude, que Vossa Excelencia logra. Nosso Senhor conceda a Vossa Excelencia sempre perfeita, e com huma Larga vida acompanhada das copiosas enchentes de sua Divina graça para certo amparo desta Congregação.

O Excelentissimo Senhor Viso Rey prosegue o seo governo com toda a felecidade, de que lá não hão de faltar a Vossa Excelencia as particulares noticias, eu so digo que quem emprende as cousas com Deos, não pode o mesmo Senhor deixar de o ajudar. Esta Congregação recebe do dito Senhor cada ves mayores favores, e honras, o que tudo devemos ao pio e generoso animo do mesmo Senhor e as repetidas recomendações de Vossa Excelencia, a quem Suplicamos, se lembre de amparar os nossos negocios,

que temos nessa Corte pendentes do despeito de Sua Magestade, que Deos Guarde, quando se valha do patrocinio de Vossa Excelencia o Reverendo Padre Preposito dessa Congregação. A Illustrissima Pessoa de Vossa Excelencia Guarde Deos muitos annos para nosso bem.

Para a Senhora Dona Juliana

Excelentissima Senhora

Com singular goso recebemos a Carta de Vossa Excelencia de 31 de Março passado, e fisemos della particular estimação, de que he Vossa Excelencia digna e credora pelo tão grande affecto, com que ama e trata esta Congregação que toda rende a Vossa Excelencia as graças e fica rogando a Deos conceda a Vossa Excelencia sempre saude perfeita em Companhia de toda sua Illustrissima familia para mayor gloria do mesmo Senhor e para nosso amparo.

O Excelentissimo Senhor Viso Rey, que rege este estado com toda a felecidade e bom sucesso, que lhe não pode faltar pello grande zello, que lhe asiste do bem desta christandade, e do serviço de Sua Magestade que Deos guarde, pois não só exercita o cargo de Viso Rey, mas tãobem faz officio do Pay, e Pastor, nos continua com seos favores, e honras, e cada ves, mais crescidas, o que tudo devemos não só ao seo generoso, e pio animo, mas tãobem muito as repetidas recomendações de Vossa Excelencia a quem Nossa Senhor dará a remuneração do muito que deseja o augmento desta congregação.

O Capitão de Guarda me entregou as duas resmas de papel pellas quaes rendo as graças a Vossa Excelencia e muito mais pella lembrança nossa, que Vossa Excelencia concerva na sua memoria para nos tratar com tão repetidos favores. A pessoa de Vossa Excelencia Guarde Deos muitos anos etc.

Copia de huma Carta do Padre Pedro Pinto natural de Tutucurim, escripta ao Padre Manoel de Miranda da Congregação que chegou aos 7 de Mayo deste presente Janeiro, em que fala da prisão, que fiserão os olandeses em o Padre Ignacio de Almeyda tãobem da mesma Congregação estando Missionando na Cidade de Columbo.

Aos dose de Septembro chegou cá huma Nao de Columbo, e nella preso o Reverendo Padre Ignacio de Almeida com esta noticia mandey ao bordo da Nao Pedro João Parava deste Tutucurim saber do dito Reverendo Padre a causa de sua prisão, o qual me mandou diser que viera de Candia, a Columbo com licença do Rey asim para negociar alguns brincos de olanda, que o Rey necessitava, como porque os christãos lhe tinhão mandado pedir os fosse Sacramentar, por que havia mais de hum anno e meyo, que estavão sem ter Padre, com quem se confessar: depois de chegar a Columbo negociou a fato, que / o Rey lhe tinha encomendado, e o enviou em segredo por hum Papango, e tres chingalas que asima tinhão vindo, e ficou administrando os Sacramentos aos christãos de Columbo, que como são muitos, tardou hum mes, nesse tempo divulgou se por toda cidade a fama de sua assistencia, com que mandarão prender tres mulheres que varias vezes tinhão sahido de suas casas de noite fora das horas, conçiderando que hião buscar ao Padre e por advogarem confessão negarão fortemente as ditas mulheres alegando que tinhão sahido por outras causas, com este abalo, foy ficar o Reverendo dito Padre em huma casa sem gente, e vasia, por o Senhor della ter hido a outro lugar, hum moço daquella casa entereçado em cincoenta patacas, que os olandeses, tinhão prometido no pergão publico a aquelle que denunciasse ao dito Padre avisou na Estancia ao Sargento della o lugar, onde o Reverendo Padre estava escondido, aonde o forão prehender, e tiverão hum dia e meyo preso na Estancia e depois disso Levarão ao Capitão mayor, aonde se acharão os commeteres, Fisgal, secretario, tres predicantes, e dois Domines, e perguntarão lhe se era Padre; respondeo que sim, donde tinha vindo, que de Candia para negociar algumas cousas que o Rey queria. Se tinha lá bauptisado a muitos, respondeo que a mais de mil, e tantas pessoas. Donde era natural? de Goa, por qual caminho entrou e etc., e fallou tudo sem occultar nada, excepto os nomes dos christãos de Columbo, que tinhão recebido os Sacramentos de sua mão, e disse fortemente, que se o querião castigar por esta causa, estava muito prompto para receber o castigo. Propuserão lhe alguns argumentos sôbre a Ley, aos quaes com o favor de Deos respondeo cabalmente, com que ficarão envergonhados, e os mandarão logo embarcar em huma Náo, que tinha vindo do Olanda, a qual

veo a este Porto tomar os fardos de cachas. Mandey tãobem saber do dito Reverendo Padre se necessitava de alguma cousa de cá, mandou-me dizer que ó embarcarão com a roupa, que tão somente tinha no corpo, e muito falto de comer donde eu lhe mandey em Segredo algumas camisas, e calçõens, biscoito, paens, algum doce, e huma pouco de molho de peixe, e carne, e como disião cá ó mandavão para Olanda, mandey outra ues saber, visto a viagem ser tão dilatada, se queria que lhe negociase alguma matholagem de roupa, biscoito, se queria tãobem algum dinheiro, ao que me mandou diser ó disião, ó havião de desembarcar em Punicaire, e juntamente esperava alguma chalupa de Columbo, e sem desembarcarem ao dito Reverendo Padre em Puneacare, partio a Náo para o porto de Gale, queira Deos que lá o desembarquem, e tenha já chegado o barco enviado, hade ter-se por estes Portos athe o fim de Desembro, entre tanto se Vossos Padres lhe quiserem escrever o poderão faser / por via de Cochim, porque lá hão de vir as chalupas para embarcarem a pimenta.

Tãobem por cá se diz que o hão de bater no Cabo de boa esperança, o dito Reverendo Padre esta preso na Nao de sorte que não pode vir a terra, e não tem outro algum aperto extraordinário se houver algumas novas mais, caso as tiver, farey dellas sabedor ao Padre que Deos Guarde etc. Tutucurim 15 de Outubro de 1715. De Vosso Padre Muito humilde, e obrigadissimo Servo. O Padre Pedro Pinto.

Copia da Carta que o Governador do Bispado de Cochim o Padre Frei Francisco dos Martyres escreveo ao Excelentissimo Senhor Vasco Francisco Cesar de Menezes, Viso Rey, e Capitam General da India, e fica a dita carta na Secretaria deste Estado, cujo theor he o seguinte.

Excelentissimo Senhor

A hum clerigo que por minha ordem, asiste em Tutucurim, mandey que quando succedesse alguma novidade aos Missionarios, que assistem em Candia na ilha de Ceylão me avisasse, e aos 29 de Novembro receby huma carta, em que me diz, que por ahy passar

hum barco Holandes, vindo de Columbo, em que vinha o Padre Ignacio de Almeida preso, que era Missionario da Santa Cruz dos Milagres em Candia, que foy apanhado fasendo Missão dentro da Cidade de Columbo, e não sabia se o mandavão para olanda, se para o cabo de boa Esperança, hia o pobre Religioso muito falto de tudo, e o meo clerigo o socorreo com alguma roupa, e sustento para a viagem, e partio já para Galle a embarcação. Dou parte disso a Vossa Excelencia para que obre o que for muito servido. Deos Guarde a Vossa Excelencia com largos annos de vida etc. Coulão 20 de Novembro de 1715. Frey Francisco dos Martyres.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Manuscrito da Livraria N.º 946.

As Minas de Ouro de Manica

"Por este rio acima navegam os moradores da fortaleza de Sofala, e levam as suas mercadorias até Manica, que é terra de muito ouro, situada pelo sertão dentro mais de sessenta legoas, onde vendem suas fazendas e trazem muito ouro em pastas, lascas e em pó." (1) Assim nos fala Frei João dos Santos da riqueza aurífera de Manica. Chegára êste conhecimento à Metrópole e não é, pois, de admirar que o propósito de conquistar tão rica região se estabelecesse no espírito dos governantes. E é por isso mesmo que, logo no comêço do reinado de D. Sebastião (1569), Francisco Barreto recebeu êsse encargo, sendo-lhe confiado, para êsse fim, o comando de uma grande armada. Que a missão foi difícil e arriscada nos conta ainda o dominicano historiador e também que a decepção não fôra pequena, a avaliar pelo período que se segue.

"Tanto que os portugueses se viram na terra do ouro, cuidaram que logo pudessem encher saccos d'elle e trazer quanto quizessem; mas depois que estiveram alguns dias em cima das minas, e viram a grande difficuldade e trabalho que os cafres tinham, e o grande risco e perigo das suas vidas, a que se punham para o tirar das entranhas da terra e das pedras, ficaram frustrados de seus pensamentos." (2)

Se não era caso para se dizer que nem tudo que luz é ouro, porque ouro tudo era, certo é também que a quantidade não compensava o trabalho a dispender para a sua recolha. Mais fácil era trocar por êle fazendas idas

(1) Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, Liv. I, cap. II, p. 42, ed. 1891.

(2) Cit. *Ethiopia*, p. 102.

da Metrópole e porque delas era "o interesse e cubiça tanta" por parte dos naturais, estabeleceu-se o comércio e Francisco Barreto cumpriu assim, até certo ponto, a sua missão.

A notícia da riqueza aurífera da região de Manica haviam-na colhido logo os primeiros portugueses que por ali passaram. Duarte Barbosa alude já a ela e o seu *Livro* foi acabado no ano de 1516: "...... está hum rio que non hé muyto grande pelo qual dentro está huma povoaçam de Mouros que chamam Çofala, junto com ha qual tem El Rey N. Snr. hua fortaleza; estes Mouros ha muyto tempo que pouoaraom aqy, por caso do grande trato de ouro que tinhaom com os gentios da terra firme ...."

Também já Duarte Barbosa faz referência ao aprêço que os habitantes davam às fazendas então vindas da Índia "ho qual ouro lhe dauaom a troquo dos ditos panos sem pezo en tanta cantidade que bem ganhaom cento por hum."

Não alteraram os Felipes a política até aqui seguida a êste respeito. Mantém-se o propósito de conquista para mais segura possibilidade de exploração das minas, e de defeza contra a cubiça dos holandeses que pairavam por estas regiões e as ameaçavam.

Em 1618, Dom Nuno Alvares Pereira então capitão general de Ceilão, talvez por já conhecer a região onde havia estado dez anos antes, embora com pequena demora, recebe o encargo da conquista. Em Goa deviam ser-lhe fornecidos os necessários recursos enquanto que da Metrópole lhe enviavam uma importante quantia em dinheiro.

A idea da conquista era acompanhada da de colonização. Ao Vice-rei da India, cuja jurisdição abrangia a Africa Oriental, diz-se numas instruções que lhe são enviadas "que até se assentarem as cousas de conquista, se introduzir o lavor e rendimentos dellas e se povoar e cultivar a terra" tudo continuará sob a sua dependência, posta de

parte a ideia que chegára a ser encarada de dar a estas terras um govêrno autónomo.

Do regimento dado a Dom Nuno Alvares Pereira é curioso trasladar os seguintes parágrafos pelo que nêles se contém da bem entendida e inteligente orientação colonizadora que presidia à política portuguesa, embora neste momento, dirigida por um rei estrangeiro: (³)

"Em chegando ao lugar das minas de que ultimamente se tiraram as mostras que Diogo Simões Madeira me enviou por frey Francisco de Auelar, tratareis de uos informar do que depois que elle partio se fez no lavor dellas, se se abrirão outras bocas em que partes, e a quanta distancia, que quantidade de metal se tirou de cada hũa, e a forma em que foi beneficiada, e a como respondeu, e ordenareis que os mineiros e fundidores comecẽ logo a trabalhar procurando descobrir a beta se já não estiver achada, e auerigoar se ha outras minas em lugares differentes, quaes são, e de que importancia, e que todas se laurem por conta de minha fazenda, cõ assistencia do Vedor della ensayandose e marcandose toda a prata que se tirar, e carregandose em receita sobre o thesoureiro da conquista, e do que resultar de todas as deligencias apontadas me auisareis cõ a clareza e destinação necessaria, dando o uosso parecer sobre a forma que se deve dar para ao diante no lauor das minas, de maneira que minha fazenda e meus vassalos recebão dellas utillidade, e principalmente os conquistadores que forem em uossa companhia, para que inteirado eu de tudo possa tomar a resolução que houver por mais conveniente........

"Sem a ajuda e seruiço dos cafres naturais da terra, se não poderão laurar as minas e porque se entende que elles seruirão de boa vontade sendo bem tratados

---

(³) Vide Documentos Remetidos da India, Vol. V, pp. 50 e segs.

e pagandoselhes seu trabalho com pontualidade, trattareis muy de proposito de os domesticar e affeiçoar ao serviço das minas, para que o bom tratamento e interesse os obrigue a continuallo fazendolhes fauor e gasalhado e não consentindo que sejão auexados nem maltratados; e ordenareis (se for possivel) algũas pouoações delles em lugares perto das minas para que estejão mais promptos e cõ o tratto e uezinhança dos portugueses se facilitem e acomodem mais...

"Para a pouoação dos Portugueses que se houer de fazer no lugar das minas escolhereis sitio a proposito que fique abrigado cõ a fortaleza que se fundar e tenha agua e as mais cousas necessarias para hũa ocasião de guerra, e logo procurareis acomodar tudo de maneira que fique defensauel e aos nouos pouoadores concedereis priuilegios e izenções para que o Viso Rei da India uos dará poder, cõ declaração que depois se me ha de pedir delles confirmação, para o que se lhe limitarei tempo e fareis que se repartão de maneira que, não vivão todos juntos em Chicoua, mas estejão em cada parte os necessarios para augmento das pouoações das terras."

De quanto tempo Dom Nuno Alvares Pereira se demorou em África não encontramos documento que no-lo dissesse. Vê-se, porém, que, em 1627, foi mandado tomar conta da capitania de Moçambique, encontrando-se de novo em Goa. Mas, que os seus serviços não mereceram o real agrado, talvez porque não tivesse ligado à idea da exploração das minas a importância que se desejava, preocupando-se exclusivamente com a conquista que mais do que um fim era um meio considerado indispensável, no-lo mostra o documento que adiante se transcreve.

A situação do erário público era aflitiva. Não poucas vezes o monarca o diz nas suas cartas aos vice-reis da Índia. O rendimento das minas era uma esperança que urgia ver realizada. Dom Nuno Alvares não teve a nítida compreensão da sua missão ou faltaram-lhe

meios para lhe dar a cabal execução que lhe pediam.

O documento atraz referido reza assim:

"Conde Sobrinho V. Rey da India Amigo.

Eu El Rey vos envio muito saudar como aq.[le] que muito amo. Mandei ver com toda a aplicação e cuidado a copia do contrato que fizestes com Dom Nuno Alvares Pereira sobre a conquista de Monomotapa, e posto que entendo que o zello q̃ mostraes do acrescentamento de minha Faz.[a] vos moveria ao por em pratica com tudo por ser esta materia tanto de meu serviço se tratou, e conferio diversas vezes por ordem minha, e apontandose os damnos q̃ della podem resultar se ponderarão tambem outras couzas de grande consideração porque não se acha que *levasseis ordem minha para fazer o tal contrato*, nem se sabe o intento que Dom Nuno Alvares Pereira tem neste negocio porq̃ não se declara nelle e somente fala na conquista de Monomotapa que parece que não tem já que conquistar pois ao mesmo tempo me avizaes vos, e Dom Nuno Alvares que eu estou Snõr daquele Reino, e aq.[le] Rey meu vassalo não se obrigando Dom Nuno Alvares ao descubrimento das Minas, e havendo dito elle em cartas suas que as de ouro são muitas e que com facilidade se podem descobrir o que tudo visto e não estarem já as couzas em termos de conquista, senão de sustentar a concordia e o christianismo daquele Rey, e debutear e beneficiar as minas de ouro e prata que tem capitulado e concedido para o que offerece ajuda e favor necessario, e tão pouco se obrigar Dom Nuno Alvz as minas de cobre, e somente dizer que dará duzentos quintaes de cobre sujo que apurado ficará em pouca quantia, e ser o que se lhe concede de muito mayor importancia que as obrigaçõens que elle faz como se ve da copia do contrato, e por outras razoens do meo serviço. Me pareceo dizervos que não convẽ que se confirme, e mando que não tenha effeito e tendose por vossa parte toda a boa correspondencia que hé justo com o Manamotapa como

com hum Rey christão e vassalo meu se deve ter trateis logo do descobrimento das minas de prata e ouro que me tem dado que por tantas vezes se havia encarregado a Dom Nuno Alz sem por sua via se poder conseguir tratando tambem das de cobre, para o que ordenareis como por esta carta vos encarrego muito e mando que se faça hum forte na parte que parecer mais segura e acomodada para se poder conservar e ter em minha ob.ª o Manamotapa o qual sirva tambem de o amparar e defender contra seus inimigos dando lhe a entender quanto convem para a seguridade do seu Reino que elle o ajude a sustentar fortificando tambem as entradas de Climane e Luabo de sorte que os fortes que se fizerem sejão em tal forma, e com tão boa fortificação q̃ se possão defender contra qualquer acometimento dos inimigos de Europa pelo que se perderia de reputação se se tomasse qualquer delles para o que mando ordenar se vos envie hum engenheiro pratico das fortificaçõens modernas e vos fareis que se acuda com todo o necessario para conservação e defenção destes fortes ordenando tambem q̃ a Fortaleza de Mossambique esteja sempre com toda a gente, e prevenção que tenho ordenado para sua guarda, e defensa, pois vos devem ser presentes os intentos que os inimigos tem de se apoderar daquele comercio, carecendo para este effeito duas vezes com cercos tão apertados a mesma Fortaleza do que tudo espero com o favor Divino e mediante vosso cuidado que em vosso tempo se acabe de apurar e averiguar as minas que tanta gente e fazenda tem custado para cujos gastos e os das fortificaçoens me pareceo advertirvos que se podia aplicar a curva que se costumava dar ao Manamotapa e a boca que me tocão a mim e importarão cada anno sete mil cruzados, o arrendamento das Ilhas de Angoxa e os dezasseis mil x.ᵉˢ que por êste contrato se havião de enviar em cada hum anno à Goa em cazo que se possão escuzar das despezas ordinarias da Fortaleza e Presidio de Moss.ᵉ as quaes couzas não são de pouca consideração quando o

Manomotapa me está pacificamente obedecendo.

E quanto a Gaspar Barboza que ali enviastes com tres cargos tão superiores como são os do Ouvidor Geral e Provedor dos defuntos e Vedor da Faz.ª, posto que elle seja pessoa de boa opinião não se ve que tenha a suficiensia necessaria para administrar nenhum dos cargos referidos porque cada hum dos dous primeiros requere pessoas de Letras e de muita pratica judicial para administrar jurisdição geral em todas aquellas provinsias no Civel e criminal e porque no criminal se lhe reservasse as apelaçoens nos cazos de morte natural dahi p.ª baixo há outras penas mui graves em que sera de grande inconveniente se fulminem as cauzas e se fação as condenaçoens por pessoa sem Letras e sem nenhuma noticia de materias judiciais e o mesmo inconveniente milita no cargo de Provedor dos defuntos por ser os que ali movẽ quazi todos traginadores e deixar suas fazendas embaraçadas e ser necessario Letras e pratica judicial para julgar as causas que sobre ellas se movem e o cargo de Vedor da Fazenda posto q̃ outras vezes ande em pessoas que não tenhão Letras a Comissão que se lhe deo foi para conhecer das terras que andarem alheadas sendo pertencentes as Fortalezas sobre as quaes e sobre os titulos e possessão dellas hade haver demandas com os possuidores e assim fica sendo a comissão mais de justiça que de fazenda porque a não há ali minha que Gaspar Barboza pudesse administrar suposto o contrato que se fazia com Dom Nuno Alz de mais que sendo criado vosso e havendo proibição minha para que os Vice Reys não provejão os oficios em seus creados não devereis encarregar tres officios juntos contra a tal proibição a Gaspar Barboza não tendo Letras e suficiensia necessaria para elles e não deixa de ser disconsideração darselhe tres mil cruzados a saber dous a titulo de salario e mil por huma vez a titulo de ajuda de custo em tempos tão apertados e que não mandaes pagar o que se deve aos Ministros da Igreja sendo esta obrigação tão preciza e principal em considera-

ção do qual e da obrigação que tenho de dar a Meus vassalos Ministros que tenhão a suficiensia necessaria para lhes administrar justiça principalmente em partes tão remotas de minha real prezença hei por bem que dezocupeis a Gaspar Barboza dos cargos referidos e que o exercicio dos de Ouvidor Geral e Provedor dos defuntos e couzas tocantes a elles corra pelos meyos ordinarios que de antes costumava correr e o de Vedor de Fazenda se escuze por não ser ali necessario cometendose o reconhecim.to das terras que se entender pertencerem as Fortalezas ao Ouvidor de Mossambique com apelação para a Relação de Goa. Escrita em Madrid' a 31 de Abril de 1631. (4) Conde de Castro. O Conde de Valde Reys. (5)

A exploração das minas interessava de tal maneira à Metrópole, convencida como estava do seu importante valor, que era ali encarada com o maior cuidado.

De lá são enviados mineiros especializados para realizarem os devidos trabalhos de forma proveitosa e de rendimento. E' o que se vê do seguinte documento:

"Conde Sobrinho V Rey da India amigo Eu ElRey vos envio muito saudar como aq.te que amo. Havendo entendido a grande importansia que será a esta Monarquia beneficiarem as minas de Manamotapa com cuid.o e dilig.a q̃ convem rezolvi q̃ a este effeito se enviassem do Porto desta cidade p. conta da m.a faz.a duas caravelas q̃ fossem em direitura ao Porto de Quilimane, e levassem artilheria soldados, e mais petrechos necessarios p.a se fortificar aquele Porto como se vos ordena mandando q̃ por Junta da m.a Faz.a se dispuzesse este Soccorro como se tem feito, *enviandose nas ditas caravelas vinte Mineiros em q. entra Dom Andre de Vides, e Alvarado a q. nomeei p' merce ensayador das ditas minas pessoa muito pratica e inteligente nesta materia p' q. p' sua industria se alcance o saber-se assim o proveito que das ditas minas se poderá tirar, como por se* logo em pratica e execução a fabrica dellas o que me pareceo dizervos, e o que ordeno ao Capitão mor de Mossambique vereis por copia da carta que com esta será incluza.

E pelo que vos toca ordenareis q̃ tanto q̃ as caravelas de huma das quais vai por Cabo e Capitão João da Costa, e na outra Amador Louzado chegarem ao Porto dessa cidade de Goa, vendo o que dos Rios p' ellas se vos escreve em rezão dos ditas minas, chegada dos Mineiros, e relação que vos hão de enviar desponhaes os particulares do beneficio daquellas minas, e soccorro daquela conquista como mais vos parecer que convem a meu Serviço, fiando de vos que tudo ordenareis como a importansia do negocio pede por ser hum dos mayores de q̃ de prezente mando tratar ......

E pelas ditas Caravelas enviareis ordem ao Cap.m de Mossambique, ou a pessoa q̃ por elle estiver nos Rios q̃ pelas ditas Caravelas me enviem a este Reino relação do que os ditos mineiros tiverem achado nas ditas minas e as mostras de ouro, ou prata, e mais metais q̃ naquela conquista houver dandose conta por menor de tudo q̃ acharem descuberto, e forem descubrindo.

Lx.a 6 de Março de 1633 (6) O Conde de Castro."

O resultado da exploração das minas de Manica, objecto especial dêste trabalho, não foi animador.

O documento seguinte nô-lo mostra e importante é frizar que os mineiros idos da Metrópole cumpriam a sua missão e procuravam com interêsse encontrar o ouro famoso e apregoado que a região oferecia.

"Certefico eu thome de barros panelas de polu.ra escriuão da fz.a de S. Mg.e nestes Rios de cuama che-

(4) Erro existente em tôdas as cópias conhecidas dêste documento, o que nos leva a crêr que provém do original. Abril tem 30 dias apenas.

(5) *L.o das Ordens régias*, n.º 2, fls. 5—7. (Cartório do Govêrno Geral do Estado da India.)

(6) *Idem fls.* 27.

guar o Prou.or da fz.a do ditto Sõr fr.co fig.ra dalmd.a a esta feira de chipangura pouoação prinçipal do Rn.o da manica em desanove doutr.o de mil seis sentos trinta e quatro ahonde achou Dom Andres deuides albarado cõ os mais mineiros seus companhr.os e loguo o d. Prou.or disse ao d. Dom Andres q̃ era nesseçario tratar de se fazerem as experiençias e emsayes das minas douro q̃ elle d. Dom Andres lhe tinha escrito avia no d. Rn.o ao q̃ o d. Dom Andres lhe Respondeu q̃ era neçessario hir elle d. Prou.or cõ elle as d. minas p.a se tirar dellas metal bastante p.a poder fazer as d. experiençias e emsayes e em prim.ro Lugar disse elle d. Dom Andres q̃ queria hir a descubrir hũa betta de hũa mina p' nome marumba q̃ emtendia era de m.ta Importançia aqual Loguo o d. Prou.or disse q̃ fosse e q̃ hiria cõ elle e loguo cõ ef.to partirão p.a a d. mina em uinte e sinco do d. mes doutr.o e em sua comp.a foy tambem o capitão da d. feira Ant.o colaço e todos sobirão asima de hũa Serra ahonde estaua a d. mina e na paragẽ que pareceu ao d. Dom Andres comvinha cavarsse p.a se descobrir a d. betta se fez athe donde o d. Dom Andres disse q̃ bastava pois se não descobria couza algũa e com isso se recolherão todos sem ef.to algũ; e depois em o derradr.o do d. mes doutr.o forão o d. Prou.or cõ o d. Dom Andres a mina de tambarira ahonde estiverão dous dias Donde mandarão tirar da betta principal da d. mina o metal q̃ ao d. Dom Andres lhe pareçeu era bastante p.a se fazer a d. experiençia e emsaye e com o d. metal se recolherão; e em dez de n.ro da d. era forão loguo as minas da matuca sittas no d. Rn.o da manica adonde estiverão sinco dias em os quais tirarão das tres minas por nome as bananas o metal q̃ ao d. Dom Andres pareçeu era bastante p.a as d. experiençias e emsayes e com isso se Recolherão por não aver mais minas de consideração, e estas todas aqui nomeadas serem as principais ahonde os cafres naturais da terra trabalhão continuam.te, e depois de junto o metal das d. minas

cada hũ separadam.te tratou Loguo o d. Prou.or com o d. Dom Andres se fizessem as de experiençias e emsays e p.a isso lhe deu tudo o q̃ o d. Dom Andres lhe pediu p.a o d. ef.to, e com isso se fez a prim.ra experiençia em quinze de dez.ro da d. era em prezença do d. Prou.or e do tez.ro Ant.o de Castilho de m.ça, e de mỹ escrivão de seis mainas de metal q̃ serão quinze arrateis pouco mais ou menos da mina douro de tambarira q̃ he a principal de todas ellas fundido o d. metal nos fornos q̃ p.a isso tinha feito o d. Dom Andres em q̃ se guastou m.ta cantidade de lenha e caruão, e feito a d. fundição e emsaye senão tirou delle mais q̃ hũ grãozinho douro que pezou meya tg.a de botomgua e elle d. Dom Andres disse q̃ queria tornar A fazer outra experiençia de mais metal q̃ cõ ef.to se fez loguo ao q̃ tambem se achou prez.te o min.ro Sebastião do Soutto Villa Uissençio da comp.a do d. D. Andres q̃ tinha chegado damserangua donde o d. Prou.or o tinha mandado a Reconheçer as minas de prata e cobre, e em sua prezença e do d. Prou.or tiz.ro e de mỹ ditto escrivão se fez a d. segunda experiençia e emsaye de duas farasolas de metal q̃ serão duas aRobas pouco mais ou menos, hũa da mina de tambarira de q̃ se tirou menos de hũa t.a douro, e outra das bananas de q̃ não sahio nada. E uendo os d. D. Andres e sebastião do soutto o pouco Rendim.to q̃ sahio dos d. mettais e emsayes disserão a elle ditto Prov.or em minha prezença q̃ as d. minas não erão de Rendim.to em forma q̃ se podessem Laurar p conta de S. Mag.e visto serem os guastos m.to grandes e o que podião Render de tão pouca importancia como tinhão uisto dos d. emsayes, e doutros q̃ ja tinhão f.to antes da cheguada do ditto Prov.or a esta manica; sem embarguo disso mandou o d. Prou.or q̃ tambẽ se fizesse hũa experiençia dos d. metais da d mina tambarira E de duas mais das bananas por azoigue de tres mainas de metal de cada hũa q̃ são sete aRateis e m.o pouco mais ou menos e da d. mina tambarira q̃ he a melhor dellas como se tem dito sahio menos de m.a tg.a de botangua e das outras quazi nada; o que visto pello

d. Prou.^{or} mandou q̃ tambem se fizesse por agoa na forma em q̃ os cafres naturais da terra tirão o d. ouro, e de hũa farasola de metal da d. mina tambarira sahio hũa tg.ª douro de fundição em areas tão finas q̃ se fora por foguo se consumira todo nelle e da outra mina banana, da mesma cantidade sahio menos de m.ª t.ª de botongue. alẽ do q̃ mandou o d. Dom Andres abrir em varias partes q̃ lhe pareceu averia bettas douro sinco fossos q̃ se fundiarão lhe altura de quatro estados pouco mais ou menos em os quais se não descobriu nada, e por esta Razão mandou o d. Dom Andres se não trabalhasẽ mais nelles, E por todo o contheudo nesta çertidão passar na verdade como se nella conthem, e os dittos Dom Andres de uides albarado, E Sebastião do Soutto Vilauissencio se ratificarem em todo o asima ditto e que as minas deste Reino não erão de Rendimento algum pella que tinhão visto e experimentado no descursso de hũ anno e quatro mezes que avia que asistião nelle e como tais as não abonauão em fê do que se asinarão aquy com o dito Prou.^{or} tez.^{ro} e comiguo dito escriuão que dou minha fê passar na verdade todo o nella Relatado o que asim çertifico.

Pello Juramento de meu carguo chipangura em tres de feu.^{ro} de mil seis sentos trinta e sinco annos. aa) fr.^{co} figr.º dal.ª—Don Andres de Vides Albarado—Thome de barros pn.^{las} de polu.^{ra}—S. Uastian de S.^{tto} Vi.ª Visencio—Ant.º de Castilho de m.^{ça}.

Declaro q̃ o metal q̃ esta certidão declara se tirou das minas he a pedra donde os cafres naturais tirão o ouro e della se fizerão as experiençias contheudas nesta certidão e a tg.ª de botomgua de q̃ tambẽ trata podera Render na India sento e sincoenta x.^{es} pouco mais ou menos. No dito dia mes e era asim. a) Thome de barros pn.^{las} de polu.^{ra} (7)

---

(7) Cartório do Govêrno Geral do Estado da India.

Se na exploração das minas os resultados encontrados não eram apreciáveis, já o mesmo se não pode dizer quanto ao domínio da terra e entendimentos com o seu mais importante senhor o Imperador Monomotapa que acabara por nos fazer cedência de quanto possuia constituindo-se nosso vasalo tendo-se até feito cristão.

O receio dos holandezes continuava a dominar-nos e assim o defendermos da sua cobiça as terras do ouro e da prata constituia uma preocupação constante. Mas a par disso a idea da colonização, a forma como se encarava, as determinações feitas e as medidas tomadas são dignas dum registo especial. Por isso mesmo é de trasladar o documento que se segue:

"V. Rey da Índia Amigo. Eu El Rey vos envio muitas saudades. Pelas Naus que o ano passado de 634 vierão a este Reino de q̃ foi Capitão mor António de Saldanha se receberão quatro cartas do Conde de Linhares sendo V. Rey desse Estado de 13, 19 e 24 de Outubro e 29 de Dezembro de 633, e de 7 e 8 de Fevereiro do ano passado sobre a conquista, e Minas de Manamotapa, e fortificação das bocas dos Rios de Cuama de q̃ mandei se tratasse, levando para esse efeito no ano de 633 João da Costa em duas Caravelas a gente Artilheria, muniçoens, e petrechos que tereis entendido o qual depois de reconhecer as bocas dos Rios passou a Goa, e custando depois que as mesmas bocas com cartas do V. Rey e recebendo as dos Mineiros, e amostras dos Metais que tinhão descuberto foi roubado de Piratas Olandezes a vista da Ilha do Corvo lançando tudo primeiro ao Mar e assim se receberão pelas mesmas Naus de Antonio de Saldanha hum duplicado da conta q̃ o mineiro D. Andre de Vides e Alvarado me havia escrito qd.º João da Costa passou a India, e as relaçoens q̃ enviou e outras da Camara de Goa, e de José Pinto pr.º Veador da Faz.ª geral, e Instrumentos q̃ com ela vierão de D. Filipe Mascarenhas, e outras pessoas e havendo eu visto tudo e o q̃ João da Costa referio das Segundas noticias q̃ da volta achara

nos Rios p' dito de hum mineiro q̃ o estava em Quilimane e as informacoens q̃ derão pessoas praticas daquelas partes e mandando considerar esta materia conforme o pedia a importansia della vista a grande utili.de e augmento q̃ se poderia seguir a minha Faz.a e a meus Reinos e Vassalos de se acabarem de se abrir e beneficiar as minas de oiro e prata que em si tem os Reinos de Moranga que teve Manamotapa, Butua, Manica e Chicova de q̃ o Conde de Linhares me enviou mostras, e assim as de prata e dos mais metaes que se afirma haver nos mesmos Reinos, e vista a doação que o Imperador Manamotapa me fez das Minas, resolvi se tratasse logo da povoação e beneficio dellas, e do augmento, e conservação daquela nova conquista e q̃ p.a a superintendensia e governo daquelas terras se enviei huma pessoas das partes, e qualidades q̃ se requerem e q̃ eu mandarei nomear, e de q̃ se vos avizará o qual hade ter a superintendensia, e governo daquelas terras, e das fortificaçoens que nella se obrarem na forma do Regimento q̃ lhe mandarei dar, ficando subordinado ao V. Rey, ou Governador da Índia.

E porque a principal couza de q̃ se deve logo tratar com o mayor cuidado hé da sua fortificação e de suas barras, Portos e Entradas por onde pode ser intentadas as minas pelos inimigos de Europa, e o Rio de Cuama q̃ he o principal pelo qual se navega p.a as povoações de Sena, e Tete q̃ estão ao longo delle por onde corre o comercio daqueles Reis vem a sair ao mar por as duas barras de Luabo e Quilimane distantes uma de outra trinta Legoas e dellas he a de Quilimane de melhor fundo com que podem entrar e estar os Navios; que forem aquele Est.o ordeno que logo se faça na barra dela na ponta que se diz do Sal huma fortaleza como já tenho mandado aqual terá os soldados, e artilheria que for necessária p.a a sua fortificação, e para segurar o porto demodo que se fique defendendo a entrada, e Surgidouro, e neste sitio se hade fazer praça de armas de

todo o Est.o formando-se nelle povoação de casaes que deste Reino hão de hir de maneira que esteja esta entrada bem segura assim por ser a principal dos Rios e Minas como por ser o porto q̃ hão de hir demandar minhas armadas duas vezes no ano nas monçoens de Março e Setembro.

E na calheta a que chamão a Baia de Linde que dista da barra de Quilimane p.a o sul Sinco Legoas aonde se diz—entrar Navios se hade fazer um Forte com suas peças de artilheria p.a Segurar q̃ o inimigo não possa recolher naquele abrigo.

E porque a barra de Luabo que dista como fica referido trinta Legoas para o Sul de Quilimane he mais larga de pouco fundo roim porto, e chea de baixos de modo que fica sendo por Natureza de sitio dificultosa sua entrada se se ganha—de todo assim pelo pouco q̃ nella se perde, como por senão poderem edificar de presente tantos fortes e fazer despesas q̃ não sejão precisamente necessarias advertindo o q̃ para defenção daqueles Rios se hade fazer tudo e mais q̃ tenho mandado acerca desta Materia de q̃ se avizou ao Conde de Linhares no ano de 633 e o mais q̃ for necessario p.a a segurança delles.

A Fortaleza de Sofala que fica ao Sul da barra de Luabo trinta Legoas e 60 de Quilimane tenho informação que está arruinada, e sem gente e com artilheria apeada, e so serve para os Reitores q̃ ali envião os Cap.aes de Mossambique, e p q̃ esta fortaleza e as terras della adjecentes confinão com as das minas das quais dista por espaço de oitenta Legoas pelo q̃ he preciso acudir lhe logo tenho tambem resoluto que se repare, e fortifique de tudo o necessario pondose lhe a artilheria conveniente p.a se defender segurando aquela passagem, e levantando os reparos que hão mister as peças apeadas metendo se lhe até 200 soldados com seu castellão. E porq̃ se me propoz q̃ para mayor segurança daquele porto se devia fazer hum Forte nelle na Ilha a que chamão de Luis Pe-

reira distante de Sofala duas Legoas na parte aonde com: a Artilheria, se cobre o Surgidouro dos Navios q̃ entrão naquele Porto, com o que se seguraria bem a entrada dele e se afirma q̃ ainda aquele Forte será de mais efeito para defender a entrada do porto de Sofala que a fortificação da fortaleza p q̃ a fica impedindo immediatamente, me pareceo remeter vos esta materia p.ª que tomadas as informaçoens necessarias vejais se convẽ fazer se o Forte referido na parte q̃ se aponta, e ordeneis e façaes executar o q̃ acentardes.

Pela grande importancia de que he o Porto de Mossambique e vio castelão hade ficar subordinado ao superintendente das minas, fareis acabar logo a sua fortificação; e que haja nella os tresentos soldados efectivos de sua doacção como tenho mandado e encarregareis particularmente ao Castelão que se aperfeiçoe a obra da cava de modo que está disposto e executandose o mais que sobre esta materia resolvi, e sobre a ajuda que os moradores de Mossambique hão de dar p.ª a fortificação.

O Porto de S. Feliz na costa da Ilha de S. Lourenço distante do de Quilimane cento e quarenta Legoas escreveo o Conde de Linhares q̃ he capaz de naus e Navios, e na parte do sul tem bom abrigo para as embarcaçoens q̃ seria conveniente fortificar se assim pela comodide dos muitos mantimentas q nelle ha como p. q̃ se o inimigo ocupar se o ocupasse, e se ficassse nelle o q lhe seria facil por reconhecer nos naturaes a vontade com q̃ agasalhão a todos os estrangeiros sahirião delle a infestar a costa de Sofala, e Mossambique, e os portos q̃ nella se fabricarem demais da comodide de terẽ Porto tão capaz e vizinho da minas; e posto q̃ a razão de haver mister delle os mantimentos se entende q̃ cessará com os muitos q̃ se afirma ha nos Rios bastantes aprover as Fortalezas de Sofala e Mossambique, toda a via em consideração dos que se aponta me pareceo remeter vos este particular p.ª q̃ se ouver minas, e vos parecer q̃ convem fortificar aquele porto sendo como se diz capaz de recolher armadas o ordeneis.

E por ser a principal couza de que se deve tratar o enviar soldados, e cazaes com suas familias p.ª se segurarem os portos referidos e fazerem colenças da gente destes Reinos em todo aquele Estado, e p.ª não dar largar o aperto em q̃ está minha faz.ª a se enviarem logo todos os necessarios. Resolvi q̃ por agora se enviem em quatro navios duzentos soldados. E assim duzentos cazaes, e os mais q̃ de huns, e outros se puder, e q̃ os casados sejam oficiais de todos os oficios e lavradores q̃ lavrem os instrumentos deles e sementes de todas as sortes p.ª cultivar e semear as terras e nas armadas q̃ ao diante forem aos Rios Se hirão mandando a elles os mais soldados, e cazaes q̃ puder ser, e aos q̃ agora vão se ordenará ao Superintendente e o principal cuidado ha de ser procurar por todos os meyos o bom efeito da colonia, escolhendo os lugares aonde hão de viver os casados q̃ lhes dẽ toda a ajuda a favor p.ª q̃ se efectuem nas partes convenientes assim a defenção da terra como a comodide e remedio de sua vida de modo que unidos e conformes me possão servir e haver propagação de naturaes destes Reinos q̃ he o em que consiste o bom successo que se espera.

E porque convem q̃ com o superintendente, e soldados va também um mestre de campo e outras pessoas q̃ lhe assistão resolvi que assim se executasse, e fizesse mais hum sargento mayor com até seis alferes reformados que saibão de fortificaçõens e q̃ não hindo Mestre de campo vá sargento mayor com os alferes, e das pessoas q̃ para estes cargos nomear se vos avisará.

Convirá muito para a segurança daquele Estado e das Minas e comodidade dos moradores haver neles erecção de cavalos e posto q̃ de presente se não envia a gente necessaria para que haja logo naquelas partes duzentos de cavalos como o Conde de Linhares apontava toda avia pelas rezoens referidas e com pressuposto que todos os annos se hade enviar a gente e cazaes que se puder

vos encarrego muito q̃ da Ilha de Caxem mandeis conduzir aos Rios de Manamotapa duzentos egoas com cavalos bastantes p.ª Pais o q̃ se repartirão pelas povoações a respeito de cada huma.

Por q̃ o Conde de Linhares me propunha q̃ nomeasse logo Bispo p.ª aquele Estado considerando por agora està bastantemente provido com administrador Eclesiastico q̃ nomeei p.ª ellas o qual tem jurisdição quasi episcopal houve por bem q̃ se escusassem ordenando q̃ para em caso q̃ ao diante seja de nomear Bispo desse desde logo o Arcebispo Eleito de Goa seu consentimento p.ª a separação e aos Religiosos de S. Domingos, e da Companhia de JEsus que tem suas residensias naquelas partes mandei encarregar q̃ envieem a ellas mais obreiros p.ª a cultivação das almas e assim ordeneis q̃ vao alguns capuchos deste Reino p.ª q̃ são de vida exemplar e como não podem adquirir bens se aplicarão com o mayor fervor a converção dos gentios, e augmento da S. Fé Catholica.

Tambem se enviarão p.ª Cura dos Efermos e feridos quatro boticarios com as cousas necessarias de botica, quatro sirurgioens e quatro barbeiros e se procurarà q̃ os mais sejão casados.

E por se dizer q̃ ha em Manamotapa e nos Rios mayor falta de molheres com que os moradores cazem que de homem se mandarão nos Navios alguãs de Casa pia desta cidade e algumas moças do Recolhimento della procurandose q̃ desde aqui vão casados.

Por se não saber a artilheria que será necessaria nem a q̃ ha nos Rios, nem em q̃ distancia fica dos Sorgidouros e passas...das Naus se enviarão por agora dez pessas de bronze de genero de colebrinas de vinte libras de calibre, e a...vinte de ferro de canhão de milhor calibe que se achar e das pessas meudas que levarem os Navios se poderá tirar as necessarias p.ª as Fortalezas p.ª guarnecer as defenças e nellas hirão tambem dous sagres, e dous me... de bronze e duas mais de bronze de cascavel emcampanadas e p.ª ellas e p.ª quatro das de ferro as M...

ligeiras se farão em cavalgamentos de campanha p.ª marchar, e fortificar os Portos em q̃ se houver de fazer fortificação e hirão com esta artilheria p.ª o meneyo della huma Cabrilha hũ martinete e hum carnequi p.ª a encava: brevem.te e desencavalgar sendo necessario hum Canomato e dois armoens com seus Jugos visto haver naquela terra Boys, e p.ª toda a artilheria hirão colheres, soquetes. Lanadas carregadores, e sacatrapos dobrados e alguns ar... e um Condestable pratico p.ª os adestrar.

As armas que tenho mandado neste socorro são trezentos arcabuzes cento p.ª as fortalezas e duzentos p.ª a campanha, quinhentos piques p.ª o campo e povoações com espingardas de pederneira, e hum armeiro e dois serralheiros, dois ferreiros e dous coroheiros hum oficial ou dois de cocheiros e carpinteiros p.ª fazerem encavalgamentos de campanha quatro serradores e hum fundidor de Artilheria p.ª Reformar a q̃ lá houver arrebentado e a q̃ de presente não for de uso hum espingardeiro com sua tenda, cem quintais de polvora e hum polvorista com as couzas tocantes a seu oficio p.ª poder refinar, e fazer polvora oito mil balas de varios calibres cem quintais de balas de chumbo de mosquetes, e arcabuz e outros tantos de chumbo p.ª fundir e de aqui hirão instruidas algumas pessoas p.ª fundirem assim balas como pasta e sincoenta de corda em barris algumas granadas de latão trinta laternas e meos foroes seis quintais de velas de sera, vinte fugareos duas mil pessas de ferramenta de fortificar e cortar madeira e fàxina quarenta leivoens quinhentas esportas vinte cestoens de esparto vinte carros ordinarios com seus Jugos vinte quintais de enxarcia em branco trinta quintais de pregadura oitocentas borrachas e oitocentas mochilas de pano, quinhentos covados p.ª cobrir a corda hum engenheiro de fogo e dous de fortificação, e o mais necessario em rezão do q̃ tocar, a artilheria armas e muniçoens, e seus petrechos.

E havendose de beneficiar as Minas se ha consequentemente de abrir o comercio dos Rios e cessar a in-

transia dos providos da Capitania de Mossambique e Sofala e o tenho assim resoluto e q̃ o capitão de Mossambique que hade estar subordinado ao superintendente fique dezobrigado da pensão que se paga por lhos darem fechados e todos os mais vassalos possão entrar liuremte a comerciar nos Rios e os direitos q̃ hão de pagar a minha Faz.ª assim em Quilimane das Fazendas q̃ meterem na alf.ª q̃ ali ha de haver como na de sena quando sahirẽ de ouro prata e mais metais q̃ houver resgates dos mesmos metaes e de ambos serão em huma e outra parte os costumados e não excederão dos quintos assim da entrada como da saida.

Reprezentouse me que naquelas partes ha grande quantidade de marfim de que se provê a India em o qual se considera grande utilidade p.ª minha Fazd.ª e que aos Reis gentios se paga o direito do dente que os elefantes poem na terra quando morrem e se devia mandar fazer estanco de marfim p.ª se comprar e navegar p' conta da minha Faz.ª assim como direito real dos elefantes q̃ se devia cobrar p. ella na forma que em seus Reinos cobrão os Reis gentios e q̃ tudo o q̃ se comprasse e resultasse do rendimento do marfim se enviasse pelos mesmos oficiais a esse Estado para o cabedal da pimenta das Naus q vem delle p.ª este Reino e compra das roupas q̃ se hão de mandar aos Rios para se continuar o comercio e despesas daquele Estado, e suas fortalezas e q̃ sendo caso q̃ faltasse alguma couza para o cabedal das Naus compra das roupas se enviasse em ouro a esse Estado tanto quanto bastasse para os effeitos referidos como q̃ minha fazenda se ficava aliviando na depesas q̃ se faz com os cabedais de viagem de todos os annos e sustentando a conquista de Manomotapa e suas fortalezas com os interesses e ganhos das roupas e posto q̃ parece q̃ havendo se de abrir e franquear o comercio dos Rios (como resolvi) não convem q haja estando no marfim, mas q̃ seja tudo franco para q̃ com o interesse do ganho das mercancias se animem a comerciar naquelas partes

toda avia me pareceo remetervos esta materia para q̃ vejaes se procedia o estanco do marfim ao augmento da conquista e beneficio das Minas e me avizeis de q̃ vos parecer e juntamente p.ª em caso que eu determine que o não haja me direis que direitos se porão no marfim de mais de ordinario.

Para se evitarem os discaminhos que pode haver se marcará com as armas Reaes desta Coroa todo o ouro, e prata que sahir das minas de modo que se faz nas Indias de Castela e p.ª o haver a administração das minas mandei q̃ se fizesse hum Regimento de q̃ se vos remeterá a copia e tbem hão de hir alguns mineiros p.ª q̃ se trabalhe nesta materia com o calor e hé necessario.

O superintendente das minas hade levar mui encarregado o caerto das alfandegas de Quilimane e Sena a cobrança dos direitos devidos a minha Faz.ª em q̃ ordenará se proceda pela melhor forma q̃ se puder e q̃ vão respeitados de todos os Off.es de minha Faz.ª q̃ nella hão assistir guardandose em tudo os Regimentos q̃ lhe forem dados q̃ procurará guardem e cumpram inteiramente o q̃ tambem vos hei por mui encarregado a vos e terei por particular serviço fazer delle assim executar.

Nas alfandegas ha de haver Feitores, Recebedores e Escrivães para segurança e boa arrecadação da minha Faz.ª e hão de ser pessoas de limpeza confiança e bons procedimentos pelo muito que delles se hade fiar.

Extinguindo se como tenho resoluto a intransia dos providos da fortaleza de Sofala na forma que até agora se fez pela erecção do novo governo das minas e seus Reinos he justo darse satisfação aos providos ate agora e assim tenho resoluto q̃ se lhe satisfaça o prejuizo que lhes resulta em fortalezas desse Estado viagens da China, ou despachos equivalentes.

Os Ministros de justiça q̃ se hão de enviar resolvi q̃ fossem hum ouvidor geral e hum Provedor dos defuntos com a jurisdição q̃ se vos avizará. E assim das pessoas q̃ eu nomear e hão de ser adjuntos nos cazos

que o Superintendente houver de julgar.

Como na paz concordia que deve haver entre os Reis vizinhos ao Estado das Minas e o superintedente delle, e seus vassalos, consiste a mayor parte do bom sucesso de tudo o q̃ se intenta hade levar mui encarregado assim o procure por todas as vias possiveis, e ao Imperador, manomotapa, por ser christão e vassalo meu lhe lançareis o habito de christo se o não tiver recebido por lhe ter mandado lançar os anos passados, e levará para elle hum presente, e outros para os Reys de quiteve Manica, Mocranga, Batica, e Chicova e cartas minhas p.ª tra.... para se lhe darem com os presentes fazendo lhes de minha parte os oferecimentos convenientes para os reduzir a mayor amizade q̃ se puder.

E por q̃ he justo pela grande estimação q̃ faço das couzas daquellas partes que se trate de honra e premiar ..... q̃ nellas servirem com satisfação me pareceo dizer vosq̃ aos q̃ se sinalarem fazendo algum serviço parti... os podereis honrar com os habitos, e foros de fidalgo que tendes que prover.

Pela grande importansia de q̃ será a meus Reinos e vassalos e a minha Faz.ª o descobrimeuto e beneficio das minas e as mais razoens q̃ vos são presentes vos hei por mui encarregado tudo o que tocar a elle e a sua conservação e defenção como parte tão principal do Estado da India e q̃ lhe dois toda a ajuda e favor q̃ estiver em vossa mão em todas as monçoens tendo com o superintendente e oficiais meus toda a boa correspondensia para que se veja bem servido e as couzas necessarias para as minas que hão de hir desse Estado mandareis das melhores q̃ houver e sem dilação para q̃ não faltem nas ocasioens. E assim as roupas q̃ he o de mayor consideração e neces... do comercio das quaes por meyo delle hade resultar acrescentam.to a minha faz.ª advertindo...q̃ o serviço q̃ nesta matr.ª me fizerdes o terei por mayor como pelo contrario me haverei por desservido de q̃ o não cumprirdes.

Ao superintendente das Minas se ha de encarregar

que procure por todas as vias possiveis q̃ lhe parecerem mais seguras enviar a este Reino todos os avizos necessarios fazendo relação mui particular de tudo o q̃ se achar assim no descobrimento das minas e sua substansia como das couzas concernentes a Segurança e defenção do Estado advertindo do q̃ se deve fazer em cada couza e apontando as de q̃ ha necessidade p.ª se lhe acudir com ellas avisando vos a vos na mesma forma os quais avizos e relaçoens poderá tambem mandar em algum Navio q̃ levar consigo e assim o mais oiro e prata q̃ sem se perjudicar o assento e segurança do Estado puder enviar e assim dos mais metais a quantidade que puder para eu ser informado de tudo o q̃ aly ha, e mandar prover como for servido. Escrita em Lx.ª a 24 de Fevereiro de 1635 Rey. (8)

Os insucessos que as várias tentativas de exploração das minas tiveram não foram suficientes para que a idea fosse posta de parte desistindo-se dela.

O que o Estado não conseguiu fazer tentam-no agora empresas particulares.

As minas de ouro de Manica estão em laboração. Novos engenhos, processos mais aperfeiçoados, uma técnica mais perfeita, devidamente associados, procuram arrancar do coração da terra o metal precioso que é e há-de continuar a ser a razão suprema da ambição dos homens para tudo quanto de bom e mau a sua insatisfeita vontade fôr capaz.

(Nova Goa)

A. Delduque da Costa.

---

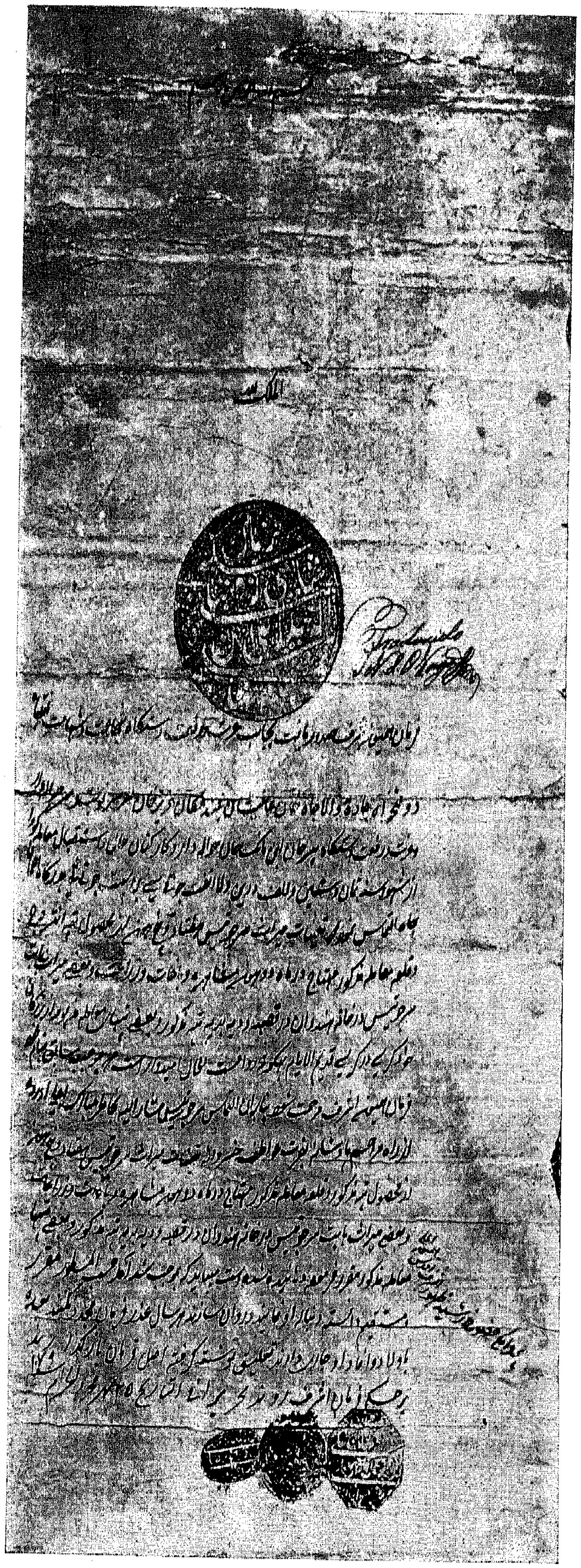
(8) Cit. Livro das Ordens régias n.º 2.

Cartas de Mercê a um Astrólogo de Pondá

No decurso das nossas investigações nos arquivos particulares de Goa, tivemos à mão, entre outros, dois documentos da época em que a província de Pondá esteve sob a dominação de Adil Shah. Ambos se referem a uma mercê do cargo de astrólogo, feita por aquele dominante, a dois brâmanes, chamados Ananta Zoixi, filho de Fatt Zotissi, e Fatt Zotissi, filho de Vithal Zotishi.

Os presentes documentos são de valor para a história da administração pública de Pondá ao tempo da dominação muçulmana. Um dêles é escrito em persa e tem a data correspondente aos 17 de Julho de 1667. Este documento é firmado pelo *Sarsarnobat Aziz Khan*, pelo *Havaldar* Pir Khān, filho de Manik Khān, e pelos *Karkunas* da província (bijapurense) de Goa. Eis o seu texto transliterado para os caracteres *nāgari*, por falta de próprios na respectiva tipografia :—

बइस्मअला रहिमान रहीम अलमुलक अलीला फर्मान हुमायून शर्फ शदुर यारफ बज्यानेश इजन व रफाअत दस्तगाहाः सुज्याअत व शाहामत इंतीह दौलतरवाहः ज्यादे वालाज्यां खान आलीशान बुलंद मकान अजीजखान सरसरनोबत व सरहवालदार व इजन व रफाअत दस्तगाहः पीरखान इबन माणीकखान हवालदार व कारकुनान हाल व इस्तकबाल मामले गोंवा अज सुहूर सन समाने व सितन अलफ दरीविला अनंत जोइसी बिन फट जोतिसी बदरगाहः अस्मानज्यां इलतिमास नमूद के तैनात मिरास सरजोतीस हत्फाद व पंज्य होन अज माहासूल तपे अंतरून व किले मामले मजकूर माहाताज दर माहे दु होन मुशाहिरे व बागायेत व जिरायेत व बाजे मिरास बाबत सर ज्योइस दर खाने हिंदवां दर कसबा व देह व देह तपे मजकूर व बाजे तपेहाये मामले मजकूर अज बुजुरुगान खुद कुर्सी दर कुर्सी कदीमलयामयाम भोगवटा रवां अस्त अलबल उमेदवार अस्त के बमोजीबे साबीक बनांम खुद फर्मान हुमायून अशरफ मन्हामत शवद बिनाबरां इलतिमास सरजोइसी मशारनुले व खातीर मुबारक आला आउरदे अज्य राह मराहीम पादशाहाना बर्फत अवातीफ हुशरवाना तैनात मिरास सरजोतीस हत्याद व पंज्य होन अज महासूल तपे मजकूर



Carta de mercê em persa

व क्रिले मामले मजकूर माहाताज दर माहे दु होन मुशाहिरे व बागात व जिराये व बाजे मि-रास बाबत सरजोतासँ दर खाने हिंदवां दर कसबा व देह ब देह तपे मजकूर व बाजे तपे शये मामले मजकूर मोकरर फर्मूदे देहानीदे शूदे अस्त मे बायेत के बमोजीब सुदामद हसब-लमस्तुर मोकरर व मुस्तकीम शानिहने दुंबाले वो नुमायेंद व खां साजेंद हर साल उजर फर्मान मुजेदद न कुनद बास्वो बअवलाद व अफाहवो ज्यारी दारंद तालीक निविस्ते गिरिस्ते असल फर्मान बाज गुजारंद बर हुहुम फर्मान असरफ रवंद तन्हीरान फी तारिख पंचवा २९ शहा महरमुल हराम सन १०७८.

परवानगी हुजूर खुसा जहुर असरफ व अफदश हुमायून आमा

O presente documento foi traduzido oficialmente na língua portuguesa, em 7 de Junho de 1832, pelo então língua do Estado Sakharama N. C. Vaga, da maneira seguinte :—

DEos he Omnipotente, e Conservador

Todo o Mundo he de DEos

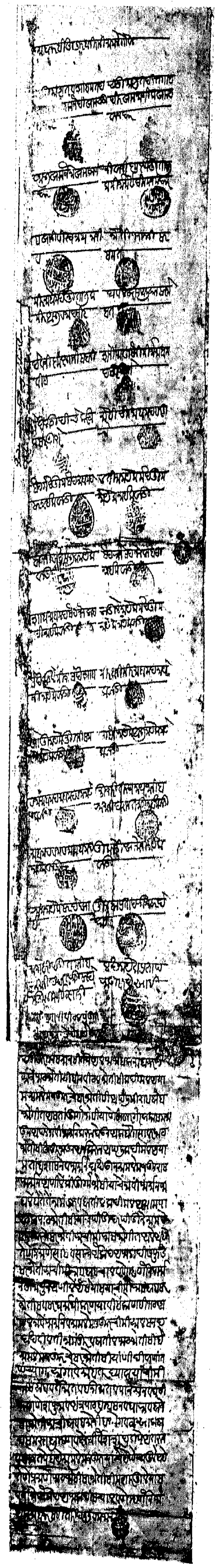
Por êste Edicto de Augusto Imperador faço saber aos dignos, honrados, e benemeritos governantes dos homens Azija Khana Sar Nobata e Sar Havaldar, Pir Khana, filho de Manica Khana Havaldar, e Agentes prezentes, e futuros da capital de Goa, que Ananta Zoshi, filho de Fottu Zossi Me reprezentou que elle se acha na posse continua dezde os seus antepassados de possuhir a mercê de Sar-Zotissi na importância de setenta e sete *pagodes*, tirados dos foros da Provincia de Antruz (Pondá) e dous *pagodes* por mez de *muxará* (vencimento) applicados na Fortaleza da dita Provincia, e os predios *Bagaetas*, *giraetas*, e outros concernentes ao *Mirasse*, e a authoridade de Sarzotissi nas cazas dos Hindus habitantes da cassabé, e outras Aldeas da dita Provincia: e que para continuar a mesma posse necessita da renovação do Diploma Imperial em seo nome, que se dignasse fazer-lhe a graça de mandar expedir: á vista do que hei por bem de fazer-lhe a graça de conceder ao dito Sar Zotissi o Tainata Mirasso para este officio de Sar Zotissi setenta e sete Pagodes cobraveis na dita Provincia, e dois Pagodes por mez na Fortaleza da dita Provincia, como de *muxarrá*, os predios *Bagaeta* e *giraeta* ou vargeas e outros concernentes ao mirasso de Sarzotissi, e authoridade deste officio nas

cazas dos Hindus habitantes na cassabé, e mais Aldeas e mais Torofos da dita capital ou *Mamalê*: pello que assim lhe mantenhão a dita posse permanentemente, não exijão repetição de mais novos Edictos, e lhe continuem a mesma posse para elle, e seos sucessores: tomando o registro deste, o original Forman entreguem ao Sobredito. Assim he este Edicto do Augustissimo Imperador que seja cumprido. Hoje 25 de Moharama de 1089 sello sello sello Conheção este Edicto como estrela. (*)

O segundo documento, escrito em marata e em caracteres *moddi*, é firmado por numerosas autoridades locais da província de Pondá, tais como :

(1) Khan Zaidi Khan *Subedar.*
(2) Pir Khan Manik Khan *Havaldar.*
(3) Ali Khan Zaina Khan *Thanedar* (*Tanadar*).
(4) Jivaji Krishna, representante de Mirzá Moidin *Majumdar.*
(5) Sakhaji Vishwanath *Najir.*
(6) Joti Bhanji *Sar Samata.*
(7) Mir Mahmad, representante de Mir Ali Razá *Dabir.*
(8) Daval Khan Ali Khan *Sar-Nobat.*
(9) Devji Krishnaji *Sabanivis* (*Sabanis*).
(10) Sherif Husseni Mirzá Mahamad *Sarguró.*
(11) Sekh Laudi Chekar Khan *Sarguró.*
(12) Mohidin Mahamad *Sarguró.*
(13) Said Makhadum Said Mahamad *Sar-Naikvadi.*
(14) Latif Naik Makhaduma Naik *Naikvadi* (*Naiquevari*).
(15) Bavaji Sekh Malik *Naikvadi.*
(16) Said Raye Said Jenalabadi *Naikvadi.*
(17) Shahá Mahamad Said Zanelabadi *Naikvadi.*

(*) Corrigimos apenas duas ou três palavras desta tradução.



Carta de mercê em marata

(18) Ladilê Naek Makhadum Naek *Naekvadi.*
(19) Sekh Ladile Mira Sekh Shahaji *Naekvadi.*
(20) Mir Haji Mir Mahamad *Naekvadi.*
(21) Khodu Naek Mutajib Naek *Naekvadi.*
(22) Husseni Naek Ali *Naekvadi.*
(23) Razá Mahamad Mahamad Raza *Naekvadi.*
(24) Murari Vishvanath Janib Ramaji Dyannatkan *Naekvadi.*
(25) Mahamad Rajá Rajá Mahamad *Naekvadi.*
(26) Tukoji Somaji *Naekvadi.*
(27) Rama *Naek Sardessai.*
(28) Dulbá *Pratapa Rau Sardessai.*
(29) Narô Hari Pandit Jatib Ramaji Dyanat Rau *Sardessai.*
(30) Lakh Naek *Pratapa Rau Sardessai.*
(31) Krishnaji Vithal Pandit.

Eis o texto original do presente documento :

माहाजर विहुजूर हाजीरानी मामले गोवा

मुआमत व शाहमत दे स्तगाह खान जेदीखान मु बेशार सिक्का	मुआमत दस्तगाह पीरखान माणीकखान ह वालदार सिक्का
आलीखान अेनाखान ठाण दार सिक्का	जिवाजी कृष्ण मुताली क मिर्जा मोहदीन मजमदार सिक्का
सखाजी विस्वनाथ नाजी र सिक्का	जोती भानजी सर समत सिक्का

मार्र माहमद मुतालीक
मीर आली रजा दबीर

सिक्का

देवजी कृष्णाजी सबानि
वीस

सिक्का

सेख लाउदी चेकरखा
न सरगुरो

सिक्का

सैद मखदुम सैद माहमद
सैर नाइकवाडी

सिक्का

बावाजी सेख मलीक नायेक
वाडी

सिक्का

शाहा माहामद सैद जनेलाबा
दीं नाइकवाडी

सिका

सेख लाडीले मीरा सेख शाहा
जी नायेकवाडी

सिक्का

खोदु नायेक मुतजीब ना
येक नायेकवाडी

सिक्का

रजा माहामद माहामद रजा नाये
कवाडी

सिक्का

शेवलैखान आलखिान सरनो
बत

सिक्का

शेरीफ हुसेनी मिर्जा महाम
द सरगुरो

सिक्का

मोहींदीन माहामद सरगु
रो

सिक्का

लतीफ नायेक मखदुम
नायेक नाइकवाडी

सिक्का

सैद राजे सैद जेनलाबादी
नाइकवाडी

सिक्का

लाडीले नायेक मखदुम
नायेक नाइकवाडी

सिका

मीर हाजी मीर माहामद नाये
कवाडी

सिक्का

हुसेनी नायेक आली नाये
कवाडी

सिक्का

मुरारी विस्वनाथ जानीब
रामाजी ध्यानतराउ नाइकवाडी

सिक्का

माहामद रजा रजा माहामद
नायेकवाडी

सिक्का

राम नायेक सरदेसा
ई

सिक्का

नारो हरी पंडीत जानीब
रामाजी ध्यानतराउ सरदे
साई कुळकर्णी सही

कृष्णाजी विठल पंडीत
हुददार छे देहाये सई

तुकोजी सोमाजी नायेक
वाडी

सिक्का

दुलबा प्रतापराउ सरदे
साई

सिक्का

लख नायेक प्रताप
राऊ सरदेसाई

सिक्का

सुहुरसन समान सितैन अलफ जाहाला मांहाजर ये
साजें फद जोतीसी बिन विठल जोतीसी कशीमलभया
म मामले मजकुरचे सरजो तीसी आपली मिरासबाब
भोगीत असतां दुर्गा जोसी याणें हुजूर गेरवाका समजा
ऊन आपले नांवी फर्मान करून घेऊन आला होता त्यावर फद
जोतीसी हुजूर जाऊन अर्ज करून आपली कशीमलभय
म तांब्रशासनें व फर्मानें दाखऊन मामले मजकुरास
फर्मान आणिलें कीं दुर्गा जोसी यांचे नांवी फर्मान जा
हालें होतें तें नामंजूर व बातील कशीमलअयाम पा
सून फद जोतीसी याचे पिडी दर पिढीनें मामले
मजकुरचे सरजोतीसाची मीरास भोगीत आले आहेत
तेणेप्रमाणें त्यास व त्याचे औलाद अफलादीस फुडे
सरजोतीसाची मिरासबाब चालवणें म्हणौन फर्मा
न हुमायून आणीले येसियास याची मिरासबाब सर
जोतीस व सरधर्माधिकरण याविसें कोणही भट आ
पले नावें फर्मान व मामले मजकूरची मिसाल सनद
दाखवील ती नामंजूर व बातील फद जोतीसी हे
मामले मजकूरचे सरजोतीसी यांणी दिवाणांत
पंचांग सांगावें मोहतर द्यावा यांची मि
रासबाब व तैनात व इनामत व पानमान व घटि

क्का गणेशपूजा व अंत्रपाठ ब्रम्हासन व धारा व बाजे
सरजोतीसाची बाब बमोजीब भोगवटा सालाबा
द समस्त ब्राम्हण व क्षेत्री वैश शुद्र तपे ेतरुन
व बाजे तपे हाये मामले मजकूर यांचे येथें चालिलें आहे
तेणेप्रमाणे फट जोसी सरजोतिसी मशारनुले यांस
व यांचे औलाद अफलाईस चालवणे म्हणोन जा
झाला माहाजर सही तारीख १७ रमजान.

मोर्तबसूद

O que vem a ser:

Aos *12* de Fevereiro de 1667, estando Fat Zotishi, filho de Vithal Zotishi, na posse contínua do cargo de Sar-Zotissi da província, desde os tempos antigos, apareceu Durgá Zossi com o formão da sua nomeação para o mesmo cargo, o que fêz com que o referido Fat Zotishi provasse, por meio de documentos, que era êle o único que tinha direito ao mesmo cargo e não Durgá Zoixi, pelo que foi resolvido anular o dito formão, devendo o cargo de que se trata ser ocupado pelo dito Fat Zotishi e pelos seus descendentes.

O presente documento constitue uma importante contribuição para o estudo da sigilografia do Concão, quando Pondá esteve sob o domínio de Bijapur (1667).

P. Pissurlencar

Templos levantados em Goa por Afonso de Albuquerque

A pag. 138 do n.º 1.º (série nova) desta revista escrevemos:

"Ao fundo da *Rua Direita* via-se a *Igreja de Nossa Senhora da Serra* que olhava para o noroeste. Foi mandada construir sôbre a porta dos *Baçais* em 1513 por Afonso d'Albuquerque, e à sua custa, em desempenho da promessa por êle feita à Nossa Senhora da Serra, pelo haver livrado do perigo em que se via quando seguia viagem em a náu Nossa Senhora da Serra para a ilha do Camarão, no Mar Vermelho. Nesta igreja foram sepultados os restos mortais de Afonso d'Albuquerque. "Gentios e mouros, depois da sua morte, com qualquer agravo que recebiam dos governadores da India se vinham a Goa à sua sepultura e ofereciam-lhe boninas, e azeite para a sua lampada, pedindo-lhe que lhes fizesse justiça" até 1565 em que a ossada de Albuquerque foi mandada para Lisboa a pedido de Afonso d'Albuquerque, o filho, sendo vice-rei D. António de Noronha, e chegou à metrópole a 6 de Abril de 1566 sendo a 19 de Maio depositada na Igreja da Graça. Nos covais da casa de capítulo do Convento misturaram-se os restos de Afonso d'Albuquerque com os ossos dos frades. A igreja da Serra foi restaurada por Matias d'Albuquerque, pois a fl. 67 e 68 da *Vida e Acções de Mathias de Albuquerque*—Ms. n.º 482 que compulsamos na Biblioteca Nacional de Lisboa se lê o seguinte:

"A obra que elle (Mathias de Albuquerque) continuou foy a do templo do N. Sra. da Serra... ornou a Capela-mór com um retabulo de grande custo, e artificio, *e nella mandou fabricar hum sumptuoso sepulchro, a memoria do grande Afonso*

d'Albuquerque. Ep.ª que a casa ficasse mais acompanhada e bem servida... ordenou com o Arcebispo que ali fizesse hum recolhimento para mulheres nobres, donzellas e orphãs, viuvas ou casadas, cujos maridos vão fóra."

Este Ms. vem resolver o problema que preocupava os investigadores sôbre a origem do sarcófago que em 1894 se descobriu em Velha Goa, e em 1895 foi remetido para Lisboa pelo governador Rafael d'Andrade que o entregou ao almirante Ferreira d'Amaral, presidente da Sociedade de Geografia e comandante do couraçado *Vasco da Gama*, então surto em Mormugão.

Sôbre o pórtico da *Igreja da Serra* estava a estátua de Afonso de Albuquerque que foi transferida para Pangim.

Em 1605, o Arcebispo D. Aleixo de Menezes inaugurou o *Recolhimento* de *Nossa Senhora da Serra*, num edifício contíguo à Igreja da Serra e entregou a sua administração à Santa Casa de Misericórdia pela concordata de 13 de Setembro de 1610 com a obrigação de ali serem recebidas as orfãs nobres. Pelo alvará de 6 de Março de 1616 foram também para esta casa *as orfãs de sua Magestade* vindas de Portugal, para serem casadas na India...

Demolida a igreja da Serra em 1811, esteve de pé apenas o frontispício até 1842, em que foi apeada a estátua de Albuquerque."

Sôbre o templo de *Nossa Senhora da Serra* lê-se no testamento de Albuquerque:

"*Quero e mamdo que se acabe a capella de nosa snora danunciação e ẽcarnação do seu filho no seu ventre virginall a qual capella se fas pelo meu mamdado ẽ goa* e quero yso mesmo que as butiquas que tenho mamdado fazer na dita cidade de goa se acabem e fiquem pera a Rẽda pera todo sempre pera a dita capella.

Havendo noso sñor por seu servyço de eu fallecer ẽ qual quer llugar destas partes da ymdia ho que elle por sua divina mysiricordia não permyta *mamdo que ho meu corpo seja trasido a dita capella e sepulltado n'ella* e quero que na dita capella aja pera sẽpre hũ capellão contino que cada dia digua misa por mynha allma e a mynha snora (?) danũciação de nosa snora ho qual capellão averaa ẽ cada hu ano por seu trabalho duzẽtos digo dezoyto myll Reis que se pella vemtura na dita capella quyzerem estar tres ou quatro frades da ordem de são francisco mamdo sobre sy ho ẽcaReguo de dizerem por mynha allma a dyta mysa que mãdo que se digua cada dia mãdo que os acolhão na dita capella e os deyxem estar nella e lhe dem todo ho que lhes for necesaryo pera suas ofertas e sellas pera seus Recolhymentos e honestidade E todo ho que pera seu comer E soportamento houverem myster a custa das Rendas da dita capella e ẽ tall caso não seraa necesaryo mays capellas.

Tiradas as sobreditas despesas das Rendas das ditas botiquas mamdo que todo ho mays que sobejar se dẽ desmolla aos dias das sextas feiras a porta da dita capela aos mynynos filhos dos portugueses que na dita cidade de guoa ouver aquelles que mays horfãos e desemparados forem.

mãdo que tôdas as sedas e borquados, damasquos villudos e setys que se em minhas arquas acharem se dem pera ornamentos da dyta cappella e asy quaes quer vestidos meus que pera yso aproueytarẽ.

mando que a posse e ademynnystração da dita capella e Remdas dellas aja pera todo sempre meu filho pera sy e pera todos seus desẽdẽtes com os ditos ẽcareguos.

quero e me pras que hos juizes que cada hũ ano forem ẽ a dita cidade de guoa tomem a comta a qual quer pessoa ou pessoas que ho dito meu filho ou meu herdeiros puserem na dita cidade pera recolher as Rendas da dyta capella e comprir hos ẽcarguos della se ho fazẽ asy e pelo que eu atras mando e se guasta toda pera a Renda da dyta capella tiradas as despesas e emcargos nas esmollas dos menynos como dyto he e achamdo que hos ditos ẽcargos se não cumprem as fação comprir e pelo trabalho que os ditos juizes lleuarem nysto mando que cada hũ delles ajam dous myll r.s a custa das Remdas da dita capella." (1)

(1) *Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciências de Lisboa*, vol. IV, pag. 125.

A capela que Albuquerque dedicou à Sra. da Anunciação e da Encarnação era conhecida por capela de *Nossa Senhora da Serra*, pois diz Gaspar Corrêa:

"Tambem fez a capella de Nossa Senhora da Serra, que elle prometeo por sua deuação quando se saluou nos baixos do estreito, sobre que andou com a nau Serra em que hia; e a fez sobre a porta que se chamaua dos bações, que era a principal pera os arraualdes; e a mandou fazer sobre a porta, ficando a seruentia por baixo, e a mandou fazer d'abobada muyto forte, e com amêas, que ficaua como torre pera defensão da porta. Pera rendimento d'esta capella tomou chão da banda de fóra alem da ponte que auia da porta pera fóra sobre a caua e na encruzilhada da rua que faz, onde depois se fez praça e pilourinho, tomou chão, em que mandou fazer corenta e oito boticas, doze pera cada rua, seis de hum cabo e seis do outro; da qual renda se auia de ornamentar a capella e pagar o capellão, que cada dia auia de dizer huma missa resada; e deu regimento que os juizes da cidade acabando seus tres annos tomassem conta das despezas da capella e do remanecente, elles, por tomar a conta, ouvessem seis mil réis, e o que remanecesse se entregasse na bolsa dos meninos. O que assy deixou retificado em seu testamento quando morreo, que se mandou enterrar n'esta capella, onde jaz. Mas esta esmola dos meninos se peruerteo, que seu filho, que fiqou no Reyno, o quis antes para sy que não pera os meninos nem pera outra nenhuma esmola. ...

"Mandou que o enterrassem na sua capella de Nossa Senhora da Serra, da enuocação da Conceição." (2)

Quanto à *esmola dos meninos*, a que se refere o testamento, escreveu Cristóvam Ayres numa *Memória* lida na Academia das Ciências de Lisboa a 12 de Janeiro de 1899:

"Primeiramente necessito de dar succinta notícia dos autos, ("instrumento de carta testimunhavel" lhe chama a

(2) *Lendas da India*, II, pag. 376 e 456.

carta régia que autoriza a passar) onde encontrei transcrito o testamento. São autos levantados em Goa em 1561, sendo provedor-mor dos defuntos e orphãos o dr. Manuel de Vilhegas Castello Branco e seu escrivão, Antonio Soares, (3) e provedor-mor Gonçalo Lourenço de Carvalho contra Affonso de Albuquerque, filho, e na pessoa de seu representante alli, Francisco de Matos Moniz, provedor da capella de Nossa Senhora da Serra. Era este accusado de não serem cumpridas as disposições testamentarias do grande Affonso de Albuquerque no que respeitava à distribuição de esmolas, todas as sextas feiras, à porta da dita capella, pelos filhos de portugueses, orphãos e necessitados. Por sentença, ou antes despacho, do viso-rei D. Constantino, Matos Moniz havia sido obrigado a pagar a quantia de quatro mil e tantos pardaos de que estava de posse; este appelava d'essa resolução, declarando não o ter feito mais cedo por coacção moral e para evitar "enfadamentos, desgostos, affrontas e perdas" que o viso-rei lhe causaria. Matos queria que a distribuição fosse feita em harmonia com o testamento. Realmente no testamento vem expressas as referidas clausulas: — as esmolas sairiam do que sobrasse do rendimento da capella, depois de pagas as despesas do culto, que devia ser confiado a um capellão effectivo, e a tres ou quatro frades de S. Francisco da Observancia que alli quisesem estabelecer-se. Nos autos, porém, vem transcrita uma "carta de compromisso", passada em 22 de março de 1541, na casa dos Bicos, em Lisboa (3), "acima da porta do mar, morada do Senhor Affonso de Albuquerque, do conselho de El-Rei", entre este, como administrador da capella instituida por seu "muito magnifico" pae, "que alli (em Goa) ainda jazia", e Estevam Madeira, chantre da Sé de Goa que, em nome de todo cabido, e com procuração solemne lavrada no côro de Sé em 10 de outubro de 1539, viera expressamente a Portugal tratar junto d'el-rei de varios assuntos de interesse d'aquella corporação. Nesse compromisso obrigava-se Affonso de Albuquerque a dar ao dito cabido trinta mil reis do rendimento da capella, e a entregar-lhe o seu culto.

(3) *Boletim da Academia*, cit. pag. 115.

A clausula relativa às esmolas não foi alterada, e d'ahi a demanda para o cumprimento d'ella. A Misericordia de Goa, declarando-se "naquellas partes, mãe e administradora que socorre a todos os necessitados", intervem para que lhe seja dada a administração da capella. Durante oito annos se arrasta o processo, sempre à espera de um documento, o antigo compromisso, lavrado sobre as clausulas testamentarias e que havia de ir de Lisboa; até que por sentença do provedor-mor dos defuntos foi tirada a Affonso de Albuquerque a administração da capella, e entregue à Misericordia de Goa; a qual procedeu à distribuição das esmolas por cincoenta e cinco filhas de portugueses, cujos nomes vem indicados, algumas d'ellas producto dos casamentos realizados pelo conquistador de Goa entre os seus companheiros de armas e mulheres nativas".

Afonso de Albuquerque determinou, se construisse a capela de S.[to] António, pois que no seu testamento se encontra a seguinte verba:

"mando *que se faça hua ermyda ẽ guoa do bem aventurado sãto antonio* a qual ermyda se fará sobre a outra que estaa sobre a rybeyra omde varão as naos." (4)

E' que, quando foi de reconquista de Goa:

"Antão Nogueira, nobre fidalgo, disse ao Gouernador" "Senhor, a cidade he entrada dos nossos, e ganhada neste dia, que n'este lugar inda estará casa de Nossa Senhora do Rosario". Ao que lhe o Gouernador disse: Casa de Nossa Senhora e do bemaventurado santo Antonio." (5)

Qual era a capela que estava "*sobre a ribeyra omde varão as naos?*"

Devia ser a de S.[ta] Catarina que foi ampliada pelo

(4) *Boletim da Academia*, cit. pag. 129.
(5) Gaspar Corrêa — *Lendas da India*, II, pag. 151.

governador Jorge Cabral e renovada em 1607 (6) pois, referindo-se a Jorge Cabral diz Gaspar Corrêa:

"E fez de nouo huma casa do orago da bemaventurada Santa Caterina, sobre o muro da cidade, que *foi ally huma porta per que a cidade foy entrada e tomada por Afonso d'Alboquerque*, em dia de Santa Caterina do anno de 1510, e *por esta lembrança estaua ally huma capella pequena*, e o Gouernador a mandou fazer em corpo grande, e com retauolo, e bem concertada, pera n'ella dizer missa em dia da bemaventurada santa, que a cidade faz muyta festa, e com solene procissão vem aly fazer sua festa cada ano no seu dia." (7)

A Capela pequena de S.[ta] Catarina foi construida por Albuquerque, pois acrescenta Gaspar Corrêa:

"E junto da casa do esprital mandou fazer a *casa de Santa Caterina*, que era de taipas e cuberta de palha, o que assy erão as outras casas, porque nom auia telha; na qual igreja somente estaua hum altar com huma pentura na parede da bemaventurada santa Caterina. E porque ally estauão perigosos os ornamentos, por a casa assy ser fraqa, e malfechada, e perigosa do fogo ordenou que dentro no castello, em huma varanda das casas, que era grande, se dixessem as missas; o que se fez por muyto tempo, *esperando de fazer a igreja como cumpria*". (8)

A igreja foi construida em 1511 por Diogo Fernandes de Beja, por ordem de Albuquerque.

(6) Padre Sebastião Gonçalves, S. J.—*Da História dos Religiosos da Comp.ª de Jesus* — 1614 (Ms. da Biblioteca N.[al] de Lisboa), fls. 412.

(7) *Lendas da India*, vol. IV, pag. 716.

(8) *Lendas da India*, II, pag. 158.

" Vendo Goa com tanta gente, e casados mas de dozentos, em que auia homens mui honrados, e que o Gouernador quando se fora lhe deixara o regimento que se fizessem vereadores e juizes almotacés, e *que a igreja se fizesse grande, e que auia de ser Se*...E Diogo Fernandes com o feitor fez que fizesse a igreja grande, que se fez de taipa, coberta da ola e palha ". ([9])

A pag. 149 do citado n.º desta revista escrevemos:

" Acerca da *Ermida da Nossa Sra. de Monte*, lemos o seguinte a fl. 161 de *Noticias de como e quando se erigio a cathedral de Goa, e dos Bispos e Arcebispos que nella houve*—por Henrique Bravo de Moraes—1722, Mss. que compulsamos na Biblioteca Nacional de Lisboa:

" *Fundada sobre hum eminente a toda Cid.e pello grande Affonso de Albuquerque quando a tomou aos Mouros.* He hoje mais ampla do que foy nos seus principios cujos vestigios se conservão na sacristia...aos 8 de Setembro com novenas para o que tem rendas proprias, e nesse dia concorre muita gente e de tarde o Gentilismo que tambem trazem suas offertas de azeite, cera e dinheiro...He fama, e consta por tradição constante que neste mesmo lugar tem havido algum tempo caza dedicada a huma Deuza dos Gentios; e que o Grande Affonço Albuquerque para por esquecimento esta superstição depois de arruinado o dito pagode fizera levantar nelle a refferida Hermida."

Lê-se a pag. 28 do vol. II da *Historia de Goa*, pelo padre Saldanha que esta capela foi construida em 1559; Abreu na tradução do *Bosquejo historico* de Kloguen diz que não há memoria certa sobre a data precisa da fundação (pag. 181). Fonseca diz que foi edificada logo após a conquista. (*Historical and Archeological Sketch of the city of Goa*, pag. 256)".

([9]) *Lendas da India*, II, pag. 199.

A tradição de que se fez eco Bravo de Morais é confirmada pela seguinte verba do testamento de Albuquerque:

"mãdo que se faça hua folha doro com hũ buraquo no meu como franzido e nelle hũ pellourinho pequeno com hua auellã e se *lleve a nosa snora do mõte ẽ guoa que lhe tenho prometido.*" ([10])

Afonso de Albuquerque consagrou três locais históricos: a porta da *Ribeira* por onde os portugueses entraram na cidade de Goa; o monte onde se postou a artilharia de Idalcão para os expulsar em Maio de 1510; e a porta dos Baçais, por onde os mouros fugiram a 25 de Novembro de 1510.

Não foi só na ilha de Goa que Albuquerque ergueu igrejas e capelas. Na ilha de Divar fôra enterrado o seu sobrinho D. António de Noronha, morto em conseqüência de ferimentos num combate no Mandovi em Julho de 1510:

" polo mar andauão muytos frecheiros tirando aos batés, onde dom Antonio foy ferido de huma frecha em hum joelho, que logo cayo, e os batés se tornarão às gales, em que toda a gente estaua ferida...Dom Antonio de Noronha recolheo o Governador em sua camara, que foi empiorando, que lhe saltarão os herpes, e por falta de bons remedios, que nom auia n'armada, morreo: de que o Gouernador sentio e todos houverão muyto pesar por falta de tão bom capitão. Então o Gouernador fallou com Timoja, que leuou o corpo em huma atalaya e o foy enterrar na ponta da ilha de Diuar, a que tomou bom sinal Duarte de Sousa, que era de sua criação; e depois sua ossada foy leuada a Goa, que o Gouernador mandou leuar com muyta honra, e o mandou meter em huma

---

([10]) *Boletim da Academia*, cit. pag. 137.

tumba de pedra, que esteue na Sé até que se fez a capella de Nossa Senhora da Serra, que o Gouernador mandou fazer pera sua sepultura, e n'ella mandou pôr a ossada de seu sobrinho dom Antonio, e hoje em dia ahy está, e estará, em quanto Nosso Senhor quiser ". (11)

Na ilha de Divar Albuquerque erigiu uma capela, talvez à memória de D. António de Noronha:

" E sempre rezando muytas orações, n'este dia chegou (Albuquerque) à barra de Goa. Entrando n'agoada, *que pareceo Nossa Senhora da ilha de Diuar*, que lhe disserão, elle se aleuantou da cama e sobraçado chegou à porta da camara, em que se encostou com o hombro, e se abaixou, *que vio a casa de Nossa Senhora*: aleuantou as mãos, e fez oração, e se tornou à camara, e se tornou 'abraçar com o crucificio, e pedio a candea, resando o *miserere mei Deus*, com que foy calando a palaura; e dizendo *credo*, deu 'alma em a nao largando 'ancora, que foy em vinte e sete de dezembro d'este presente anno de 515 ". (12)

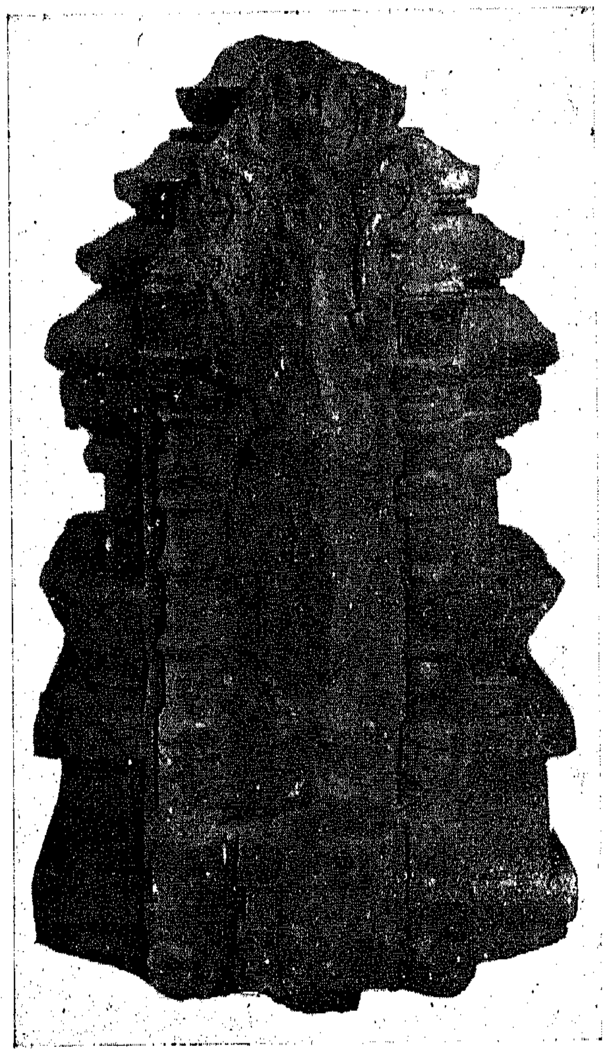
O florentino André Corsali lamentou que os portugueses tivessem destruido o pagode da ilha de Divar, pois aos 6 de Janeiro de 1515 escreveu de Cochim ao Duque Giuliano de Medicis:

" In questa terra di Goa e di tutta l'india vi sono infiniti edeficij antichi de Gentile e in vna isoletta qui vicina detta *Divari, hanno i Portoghesi per edificara la terra di Goa, distrutto un templo antico*, detto Pagode; ch'era con maraviglioso artificio fabricato, com figure antique di certa pietre nera laurate di grandissima perfecttione, delle qualli alcuna ne restano in piedi, ruinate e guaste, pero que queste Portoghesi, non le tengono in stima alcuna. S'io ne potri hauer

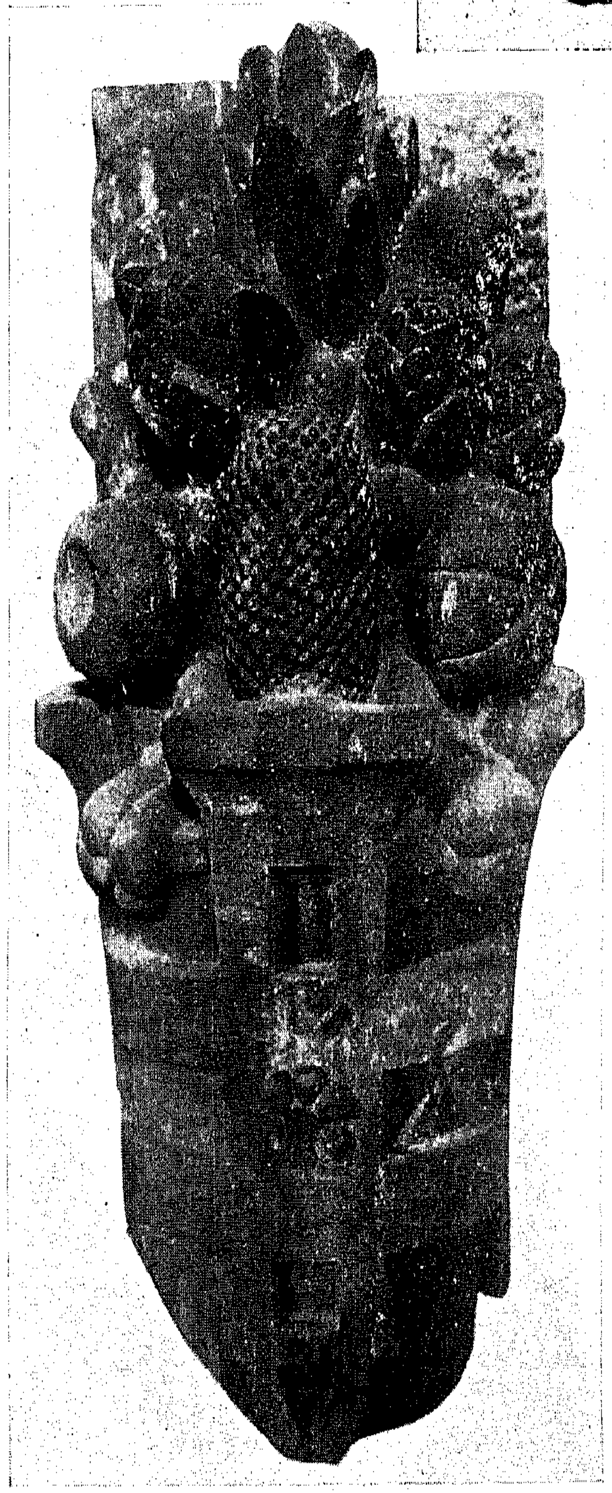
(11) Gaspar Corrêa — *Lendas da India*, II, pag. 108.
(12) Gaspar Corrêa *Lendas da India*, II, pag. 459.

Peça arquitectónica encontrada nas ruinas da Igreja da Serra

1



2



1 Peça arquitectónica encontrada nas ruinas da Igreja da Serra

2 Capitel encontrado nas mesmas ruinas

alcuna a mano cosi ruinata la dirizzaro a V. S. a fine ch'ella vegga quanto anticamente la scoltura in ogni parte fu hauuta in prezzo ". [13]

Um italiano da Renascença a admirar a arte hindú de Goa!

Devem ter pertencido ao pagode de Divar as peças arquitectónicas da arte hindú que se encontraram nas ruinas da Igreja da Serra e foram recolhidas no Museu de S. Caitano.

A. B. de Bragança Pereira

(13) Ramusio — *Primo volume delle Navigatione et viaggi*— Venetia—1550, pag. 196.